

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História

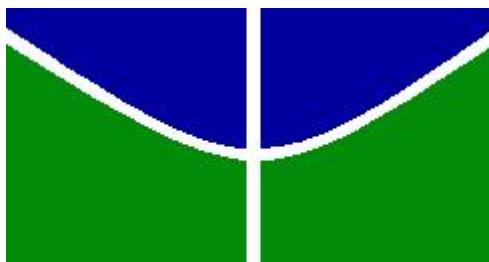
DESCALVADOS

**A carne de charque em projetos de memória e de identificação de
um grupo de trabalhadores
(Pantanal, MT, 1945 – 1990)**

Gláucia Tahis da Silva Campos Péclat

Orientadora: Prof^a Dr^a. Nancy Alessio Magalhães

Brasília - DF
Março/2011



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História
Área de Concentração: História Cultural

DESCALVADOS

**A carne de charque em projetos de memória e de identificação de
um grupo de trabalhadores
(Pantanal, MT, 1945 – 1990)**

Gláucia Tahis da Silva Campos Péclat

Orientadora: Prof^a Dr^a. Nancy Alessio Magalhães

Tese de Doutorado

Brasília - DF
Março/2011

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História
Área de Concentração: História Cultural

Gláucia Tahis da Silva Campos Péclat

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Doutor em História, área de concentração: História Cultural.

Banca:

Orientadora: Professora Dra. Nancy Alessio Magalhães (UnB).

Professor Dr. João Carlos Barrozo (UFMT).

Professora Dra. Ellen F. Woortmann (UnB).

Professora Dra. Cléria Botelho da Costa (UnB).

Professor Dr. José Walter Nunes (PPHIS/UnB).

Suplente: Professora Dra. Lucília Neves Delgado (UnB).

Brasília – DF
Março/2011

Dedicatória

Aos meus pais Manoel Lourenço Campos e Laura Pereira da Silva, que lá de perto de Deus, muito se orgulham com mais uma de minhas conquistas.

Aos meus filhos João Bosco e Tainá Azeredo, que comigo caminharam nesta fronteira – Mãe Ama!!

A Pedro Cardoso. Salve, salve Santo Pedro!!

Agradecimentos

A todos estes narradores que comigo compartilharam suas experiências vividas na Fazenda Descalvados. Neste momento me torna difícil hierarquizar agradecimentos, mas não posso deixar de reconhecer especial atenção que me foi concedida pela família de Fátima Picolomini e seu esposo, na qual agrego: D. Maria Conceição, D. Geni, Sr. Sebastião (*in memoriam*), Sebastião Picolomini e Sr. Braulio Torres. Também, agradeço a Marcio Villarvas, meu companheiro de longas caminhadas por esta fronteira Brasil/Bolívia. Com ele aprendi um pouquinho sobre trajetórias de vida deste povo de Porto Limão.

Ao Sr. José Paraguai e D. Ló, que me acolheram em sua residência, garantindo-me segurança e tranqüilidade para enfrentar as diferenças – o estranhamento (meu/deles) nesta linha de fronteira.

Agradecimentos ao Sr. Jorge Fernandes e família. Aprendi com ele a sentir o ritmo do Cururu e Siriri... Eia, eia!!!

À D. Rafaela Prudente, senhora do seu destino. Cria da Descalvados. Obrigada pelas considerações e confiança a mim concedida.

A todos aqueles que entrevistei e que infelizmente, hoje se encontram em outro plano. A eles devo esta tese e que Deus tenha os acolhido bem.

Agradeço, em especial, Maria Clara Migliacio que além de me instigar a percorrer os passos destes narradores, muitas vezes, teve paciência em dialogar comigo sobre certas problemáticas ligadas aos sentidos de identificação destes grupos de descendentes indígenas. Agradeço pelas oportunidades em escavar com ela, esta história “descalvadiana”.

Agradeço a Pedro Cardoso, interessado em preservar esta história, auxiliou-me na montagem deste quebra-cabeça de memórias. Obrigado, Pedrinho.

Às amigas Gislaine Valério de Lima Tedesco, Cristina Helou Gomide, Mariana da Cunha Pereira que me incentivaram nesta reta final, garantindo-me apoio e força para enfrentar as dificuldades. Agradecimentos, sempre!!

Aos amigos Eliana Calado, Clóvis Frederico, Clerismar Longo, João Venâncio e Alisson Andrade, que compartilharam comigo dúvidas e angústias. Vamos molhar a palavra...

À Professora Dra. Nancy Alessio Magalhães pelas provocações levando-me a pensar nos caminhos de elaboração desta tese. E agradeço também, à Professora Dra. Ellen F. Woortmann, por me estimular a desafiar esta história, desde 2003.

Ao Departamento do Programa de Pós-Graduação em História Cultural, que sempre me atendeu com informações e orientações sobre o curso das disciplinas. Aos professores José Walter, Cléria Botelho, Márcia Kuyumjian, que me proporcionaram outros olhares para o campo de interpretação desta pesquisa.

À Joana D'arc, companheira de pesquisa de campo em 2009, auxiliando-me no arrolamento e digitalização dos documentos escritos encontrados no acervo da Fazenda Descalvados. À Tatiana Canuto, que produziu as pranchas com as fotografias.

Ao CNPq, que me proporcionou Bolsa de Estudo.

Ao Luciano Péclat, que indiretamente, influenciou nos meus estudos, impulsionando-me a enfrentar todos os obstáculos. No “*vai e vem*” da vida, neste caso, da nossa vida, aprendi a perceber as diferenças.

E finalmente, aos meus familiares – aqui me refiro a todos, sem exceção. À minha mãe, que acompanhou os primeiros processos desta conquista, mas que, infelizmente, não está presente nesta caminhada final. Ao meu pai, “Mestre de Obra” da vida, construtor dos ensinamentos. À Tainá, João, Jr. Martha, Tatiana e Ana Paula, para estes agradecimentos especiais. Na minha ausência, sempre houve presentificação. Obrigado...

Resumo

No presente trabalho tenho por objetivo interpretar projetos de memórias e de identificações de um grupo de trabalhadores da Fazenda Descalvados – Pantanal Mato-grossense. Analiso aqui, ao longo desta tese, como estes narradores elaboram suas experiências no tempo do saladeiro, durante o processo de produção da carne de charque. Intento apontar como a partir das narrativas deles é possível perceber tensões simultâneas de memórias: lembrar/esquecer/saudade. Considero modos como constroem o “*fim da matança*” do boi, período que marca grande parte das reminiscências destes trabalhadores. Problematizo os sentidos de ‘descalvadiano puro’ e ‘descalvadiano’, como possibilidades de certos ocultamentos estratégicos, mesmo que inconscientes, de suas descendências indígenas. Finalizando, como em Porto Limão (fronteira Brasil/Bolívia) estes trabalhadores elaboram sentidos de permanência/retorno às terras da Descalvados.

Palavras-chave: Descalvados (Pantanal/MT), carne de charque, experiência e projetos de memória.

Abstract

The present work aims to uncover the ways I chose to interpret designs identifications and memories of a group of workers Descalvados Farm – Pantanal, I evaluate this argument here over how these storytellers draw their experiences at the time of salting, in the process of production of beef and beef jerky. Attempt to show how the narratives of these tensions is possible to realize synchronous memories: remember / forget / miss. Analyze forms of construction on the "end the slaughter" of cattle - a period that characterizes many of the reminiscences of those workers. Still, I discuss how they built an imaginary self-performed tasks and assignments Creole, "*descalvadiano pure*" and "*descalvadiano*" as strategic ability of concealment, even if unconsciously, of their indigenous descent. Finally, as in Puerto Lemon (the Brazil / Bolivia) prepare these workers sense of permanence / return to the land of Descalvados.

.

Keywords: Descalvados (Pantanal / MT), beef jerky, experience and memory projects.

Lista de Imagens

- Figura 1 – Iconografia do Porto do Descalvados.
Figura 2 – Caderneta *Bem – Te – Vi*.
Figura 3 – Armazém (parte interior).
Figura 4 – Depósito de documentos (assoalho do Armazém).
Figura 5 – Documentos em caixa de madeira usadas para transporte do charque.
Figura 6 – Documentos assoalho do Armazém.
Figura 7 – Documentos assoalho do Armazém.
Figura 8 – Documentos assoalho do Armazém.
Figura 9 – Auxiliar de campo e Pedro Cardoso realizando triagem dos documentos.
Figura 10 – Auxiliar de campo e Pedro Cardoso realizando triagem dos documentos.
Figura 11 – Digitalização de Telegramas de 1958.
Figura 12 – Lucinete Moraes e Joana Darc e Sr. Eugênio Batista – Pensão “Manoelito”.
Figura 13 – Pedro Cardoso realizando leitura dos documentos.
Figura 14 – Auxiliar de campo levantando documentos.
Figura 15 – Digitalização documento – Livro Caixa (1945).
Figura 16 – Auxiliar de campo avaliando Mapas.
Figura 17 – Digitalização documentos.
Figura 18 – Digitalização das Cartas.
Figura 19 - Digitalização de Cartões Empresariais.
Figura 20 – Cartão “Sombrinha Elegante”.
Figura 21 – Fichário Casa Pica Pau.
Figura 22 e 23 – Acervo Privado Fazenda Descalvados.
Figura 24 – Auxiliar de campo digitalizando Telegramas de 1958.
Figura 25 – Folheto Propaganda “Sementes Dierberger”.
Figura 26 – Cartão de Exportadora e Importadora Globo Ltda.
Figura 27 – Cartão do fabricante de fechaduras “La Fonte”.
Figura 28 e 29 – Fotografias de trabalhadores de 1973.
Figura 30 e 31 – Envelopes de Cartas.
Figura 32 – Livro de Movimento Caixa de 1943.
Figura 33 – Foto do Sr. José Lacerda. Local: Cáceres, MT.
Figura 34 – Livro de Registro Caixa Brazil Land Cattle e Packing Company.
Figura 35 – Foto de Luiz Lacerda na Faz. Descalvados.
Figura 36 – Cartão de Clínica Especializada em Olhos, Garganta, Nariz.
Figura 37 – Cartão de Votos de Natal (1958 – 1959).
Figura 38 e 39 – Cartões de Gentilezas e Votos Natalinos.
Figura 40 – Cartão de Votos de Natal.
Figura 41 – Memorando redigido por Luiz Lacerda a seu contador Aristides Ramos.
Figura 42 – Foto do Sr. José da Veiga. Local: Cáceres, MT.
Figura 43 – Foto do Sr. José Vilarvas (Zé Paraguai). Local: Porto Limão, MT.
Figura 44 – Foto do Sr. Estevam Pereira. Local: Cáceres, MT.
Figura 45 – Foto Família do Sr. Jorge Fernandes. Local: Porto Limão, MT.
Figura 46 – Foto do Sr. José Braz. Local: Cáceres, MT.
Figura 47 – Foto Família do Sr. Tomaz Aquino. Local: Cáceres, MT.

Figura 48 – Carta endereçada a Luiz Lacerda por Hélio P. Campos.
Figura 49 – Carteira de Acidentes de Trabalho de 1959.
Figura 50 – Carteira de Acidentes de Trabalho do I.A.P.I de 1962.
Figura 51 – Carta direcionada a Luiz Lacerda por Ana Cintra (1960).
Figura 52 – Foto do Sr. Eugênio Batista. Local: Faz. Descalvados.
Figura 53 – Foto Rafaela Prudente. Local: Cáceres, MT.
Figura 54 e 58 – Prancha 02 – Casamentos Interétnicos.
Figura 59 – “Pra quebrar o orgulho”. Local: Faz. Descalvados. Foto: Adão Maciera (1985).
Figura 60 – “Vacinação”. Local: Faz. Descalvados. Foto: Adão Maciera (1985).
Figura 61 – “Saída da bagualhação”. Local: Faz. Descalvados. Foto: Adão Maciera (1985).
Figura 62 – “Churrasco no Retiro do Sucuri”. Foto: Adão Maciera (1985).
Figura 63 – “Trabalhadores envolvidos na bagualhação”. Local: Fazenda Descalvados. Foto: Adão Maciera (1985).
Figura 64 – Telegrama direcionado a Alice Lacerda por Luiz Lacerda.
Figura 65 - Telegrama direcionado a Aristides Ramos por Luiz Lacerda.
Figura 66 – Etiqueta da Graxa Fina (s/data).
Figura 67 – Telegrama endereçada a Luiz Lacerda pela COVETE.
Figura 68 – Carta redigida por Luiz Lacerda sobre processo de confecção da graxa fina.
Figura 69 – Carta a José Rondon enviado por Luiz Lacerda.
Figura 70 – Ofício a José Ávila Cintra enviado por Aristides Ramos (1962).
Figura 71 – Prancha 03 – Edificações – Faz. Descalvados.
Figura 72 – Prancha 04 – Edificações – Faz. Descalvados.
Figura 73 – Prancha 05 – Edificações – Faz. Descalvados.
Figura 74 – Prancha 06 – Edificações – Faz. Descalvados.
Figura 75 – Prancha 07 – Edificações – Faz. Descalvados.
Figura 76 – Prancha 08 – Edificações – Faz. Descalvados.

Lista de Tabelas e Quadros

Tabela I – Acervo Privado de Documentos da Fazenda Descalvados.
Quadro I – Lista de trabalhadores identificados no Livro Caixa de 1945.

Lista de Mapas

Mapa 01 – Localização Geográfica de Porto Limão.
Mapa 02 – Núcleo urbano da Cidade de Cáceres – MT.
Mapa Temático 01 – Esboço dos Retiros mediante narrativa do Sr. Sebastião Lagarto.

Lista de Siglas

GEFRON – Guarda Especial de Fronteira

D.A.S.P – Departamento Administrativo do Serviço Público

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

UDN – União Democrática Nacional

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

COVETE – Cooperação Técnica de Vendas

Sumário

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – PARA ALÉM DE UM ARMAZÉM DE FONTES.....	20
1.1 – A Intertextualidade dos meus passos.....	20
1.2 – Os cacos da História.....	23
1.3 – Labirinto de histórias.....	37
1.4 – As fronteiras do Eu e do Outro.....	50
CAPÍTULO II – XARQUEADA DESCALVADOS: IMAGINÁRIO PRATICADO ACERCA DE LUIZ LACERDA	57
2.1 – Quatro irmão, um destino: Xarqueada Descalvados.....	57
2.2 – “Um por todos, todos por um”: Luiz Esteves de Pinheiro Lacerda.....	65
2.3 – “Aceite meu abraço”, Luiz Esteves de Pinheiro Lacerda.....	92
CAPÍTULO III – NARRADORES DA DESCALVADOS: CATEGORIAS PROFISSIONAIS E CASAMENTOS INTERÉTNICOS.....	96
3.1 – “(...) Quanto mais se vive, mais há de lembrar”.....	97
3.2 – O nome de alguns destes trabalhadores estava ali: Livro de Registro de Caixa.....	103
3.3 – Questão trabalhista.....	111
3.3.1 – Cartas mais... preciso de emprego na Descalvados.....	118

3.4 – Categorias profissionais e o perfil dos trabalhadores(as).....	120
3.5 – Casamentos interétnicos: caminhos para construções de outros sentidos de identificação.....	127
CAPÍTULO IV – DO BOI: SÓ NÃO APROVEITA O BERRO.....	135
4.1 – A Bagualhação.....	135
4.2 – “Comida é pasto”, você não como o quê?.....	147
4.3 – A Graxa.....	153
CAPÍTULO V – PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: TRABALHAR NO CHARQUE E SER “DESCALVADIANO”.....	159
5.1 – Fotografias e sensibilidades: lembrar/esquecer/saudade... ..	159
5.2 – Turma da Galera, turma da beira do rio: contradições da identificação.....	172
5.3 – Porto Limão: presente, passado, histórias identitárias.....	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	190
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	193

Introdução

O *writing*, ou a *construção de uma escrita* (no sentido amplo de uma organização de significantes) é uma passagem, sob muitos aspectos, estranha, como assinala Certeau (2006, p. 94). Introduzir uma tese que trata das maneiras como alguns trabalhadores da Fazenda Descalvados – Pantanal Mato-grossense – elaboram seus projetos de identificação e de memória, em relação ao tempo e espaço por eles vividos neste local, falando de como é estranho construir uma escrita, é um tanto provocativo.

Com freqüência escuto perguntas sobre o quê me levou a pesquisar este tema? Como alguém que estudou o empadão goiano (iguaria da culinária goiana) pode ter ido parar no Pantanal, ao invés de continuar analisando este produto e outros a ele relacionados? O tema aqui por mim interpretado me despertou interesse desde 2003 (desdobro esta questão no capítulo I). Neste sentido, como sempre me interessei por estudos relativos à comida e alimentação, considerei na época que seria possível pesquisar formas de comportamento deste grupo de trabalhadores, mediante suas práticas alimentares, a partir da carne de charque em si mesma. Imaturidade minha. Custou-me caro. O que me parecia tão simples tornou-se complexo.

Por que? Na medida em que fui tecendo *in loco* os problemas inerentes à história desta fazenda, notei entre as narrativas de alguns trabalhadores certos anseios em expor suas experiências de vida, quando do trabalho na operação do charque. Assim, querer, da minha parte, analisar os pilares da culinária pantaneira (o peixe e o boi) seria apenas um sonho meu e não deles.

Este retorno ao passado – passado da Descalvados – na forma de sua reedição no presente dependia da vontade de lembrar e esquecer, destes trabalhadores. Comecei a perceber que o que os inquietava era muito mais uma questão de serem lembrados – categoria de memória importante para eles – do que contar o que comiam e como comiam.

Em *Rua de mão única* Benjamin (1995) expõe que o trabalho em uma boa prosa tem três graus: um musical, em que ela é composta, um arquitetônico, em que ela é construída, e, enfim, um têxtil, em que ela é tecida. Grande desafio por mim enfrentado: tecer uma boa prosa e interpretar sentidos de identificação destes trabalhadores com a Fazenda Descalvados?

Identificar-se com o passado não é tão-somente identificar-se com um cadáver insepulto, mas é, sobretudo, uma maneira de abordar os acontecimentos segundo a qual a consciência confere identidade, permanência e estabilidade aos acontecimentos passados (MATOS, 2001, p. 152).

Nesta direção, procurei ouvir as interpretações destes narradores sobre suas experiências na produção deste charque. Eles desejavam entrar na cena da história. Isto tudo porque o presente e o passado podem se iluminar mutuamente. E as questões das lembranças que deles afloravam tornavam-se problemas, antes por mim não pensados. Para Benjamin, os acontecimentos do passado ou seus fragmentos só ascendem a uma legibilidade em um espaço e um tempo determinado e não necessariamente no instante que os viu nascer. Para eles agora seria o momento de serem lembrados.

O que escrevo parece conclusivo, mas não o é. Introduzo e chamo atenção para o rumo que elegemos (eu e estes trabalhadores) como interpretação nesta pesquisa. Aqui retomo a Benjamin, novamente, para tratar de uma questão interessante, a relação com o passado, que é a da *construção*. Para ele o passado não permanece tal como gostaríamos que permanecesse e, assim, ele diz ser possível reingressarmos numa verdade fechada do passado, para contá-la de outra maneira. Especialmente, porque o passado não é um *continuum* passado, presente, futuro. O passado não é devir abstrato do tempo, o passado são fragmentos, do passado só nos resta um monte de tijolos.

Precisei entender que deste passado me restavam fragmentos. Certo que alguns pedaços pareciam inteiros, outros bastante frágeis pelo tempo e pela necessidade de esquecimentos (de alguns narradores). No entanto, alguns destes tijolos foram abandonados e, talvez, propositalmente, como é o caso da documentação escrita que se verá posteriormente.

Entre permissão e interdição: qual é o ponto cego desta pesquisa? Certeau (2006) coloca que é igualmente sobre esta combinação que age o trabalho do historiador. Como nas palavras de Ginzburg (2007, p. 09), o significado do desafio lançado pelas “más coisas novas” (aspas do autor) e a escolha do terreno onde enfrentá-lo só ficaram claros para mim paulatinamente. Angustiada, comecei a seguir os rastros destes trabalhadores e a cada ano que se passava percebia que suas experiências nesta fazenda me abririam um leque amplo de possibilidades narrativas. Inspiro-me, aqui, ainda em Ginzburg, para apontar como estes testemunhos surgiram de certa eventualidade. E é disto que gosto.

Trato aqui de uma questão que me importa, e muito, e que pode, em certa medida, levar o leitor a pensar nos desvios e limites de uma formalização (um sistema presente) para dar lugar aos restos (indícios de limites e, portanto, de um passado que é produto do trabalho), como diz Certeau (2006, p. 86). Neste caso, especial, trabalho de memória desse grupo de trabalhadores da Descalvados.

Estes são desvios e limites desta pesquisa que me instigaram. Outro grande desafio para mim: entender projetos de identificação? Daí nasce o mote desta pesquisa: a de ser crioulo; a de ser “descalvadiano”; a de ser “descalvadiano puro”. É do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde (BERGSON, 1990).

Bosi (2003, p. 48) diz que quem está atento à escuta da voz e do *pathos* do narrador oral, que revive os momentos cruciais de sua vida, consegue distinguir uma fala que, ao mesmo tempo, produz imagens e conota o sentimento do tempo enquanto *duração*. E acrescenta ainda: o que se lembra são *momentos* vividos, respostas pessoais, em suma, a melodia do passado interpretada pelo presente. Este tempo relembrado para ela é algo intuído por dentro.

E foi atrás deste tempo intuído por eles que segui para Cuiabá, Cáceres, Corixa-Grande, Porto Limão e Descalvados. Benjamin em *Rua de Mão Única* trata a história como labirinto. Escreve: “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde

numa floresta, requer instrução” (p. 73). Tive que eleger becos destas cidades, procurar passagens sem saída e transitar por ruas-de-mão-únicas para interpretar elementos dissonantes, heterogêneos, plurais. Tive que me revestir de um andar que caminha sem direção definida – o caminhar histórico.

Nesta tese, procuro um discurso como saber do Outro, a partir das experiências por eles vividas entre 1945 a 1990. Aqui, pensei na possibilidade de constituir uma metalinguagem no sentido de Veyne (2008) na própria língua dos documentos por mim utilizados (narrativas orais, cartas, ofícios, diário da Descalvados, telegramas, fotografias, memorandos). Em muitas destas narrativas, que analiso ao longo desta pesquisa, algo me foi soletrado; porém em outras, precisei soletrar para mim mesma o que queriam expressar.

Como explicar experiências destes trabalhadores, ainda que eu tivesse sido uma entre os demais atores? Paul Veyne (2008, p. 18) em *Como se escreve a história* fala que o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é o dos atores; é uma narração.

Se elaborei uma narração, precisei problematizar alguns valores por mim formados e precisei questionar também meu sonho de decodificar esta carne de charque, enquanto ela mesma, nas acepções destes trabalhadores. A carne de charque passou a ser, aqui, nesta pesquisa, um atributo alimentador de outras histórias.

O tempo e o espaço que decorrem ou existem dentro desta trama, com suas particularidades, limites e coerência foram pensados por mim como diegéticos – história ou intriga. Levanto questões e não mostro o passado ao vivo, *como se eu estivesse lá*. Embora em alguns momentos me sentisse lá na Descalvados – sensações, percepções fictícias. De quem? Reservadas a mim.

Neste trabalho busco, como diz Veyne, dar vida à trama. Atentei-me para aquilo que Pacheco de Oliveira alerta enquanto tarefa do historiador: proceder como um criador, dar um sopro de vida sobre os bonecos de barro. Nas relações com estes trabalhadores, marcá-los com um nome e atribuir-lhes uma alma, transformando fatos isolados e caóticos (por eles experimentados) em ações significativas e em outras possíveis interpretações.

Para tal fim, no primeiro capítulo, intitulado “**Para além de um armazém de fontes**” intento considerar caminhos teórico-metodológicos por mim percorridos ao longo desta pesquisa, que se inicia em 2004, e como levantei questões ligadas às memórias e histórias de vida dos trabalhadores entrevistados, quase sempre ignorados pela historiografia, que dedica atenção à Descalvados.

Além disso, procuro problematizar o estado precário de preservação da documentação escrita, o que me levou a peneirar, como num sítio arqueológico, cacos de memórias. Apresento minha opção por interpretar narrativas orais, fotografias, cartas e demais documentos escritos, considerando-os memórias.

Ainda no primeiro capítulo, analiso a noção desta fronteira Brasil/Bolívia, mediante acepções da literatura, do Estado, imprensa e alguns narradores com quem mantive contato durante o levantamento destes dados. Apoiei-me em Bhabha (2003) como referencial teórico, nas discussões sobre fronteira, com o objetivo de tratar tal questão como limiar, que não se limita apenas ao sentido físico/geográfico. Optei, também, por etnograficamente descrever como se deu meu encontro com o Outro em Porto Limão - MT.

No segundo capítulo “**Xarqueada Descalvados: imaginário da experiência acerca de Luiz Lacerda**”, busco analisar a fase de transição da Brazil land Cattle & Packing Company para os Irmãos Lacerda Ltda, apontando conflitos entre irmãos e diferentes posicionamentos políticos entre os mesmos.

Interpreto imagens elaboradas em torno de Luiz Lacerda por ele mesmo e pelos trabalhadores, via cartas a ele direcionadas e por ele escritas. Além disso, tomei como foco formas como estes narradores constroem imagens acerca de Luiz Lacerda, que sugerem, em certa medida, idéias de chefe administrativo, constituinte, patrão, amigo, pai/carrasco, companheiro, compadre, bondoso e saudoso, o que pode ter contribuído para Luiz Lacerda ser considerado num imaginário como prefeito da Descalvados.

Outra questão que abordo se refere aos modos de construção do “*fim da matança*”, período que marca grande parte das reminiscências destes trabalhadores, por dar início a uma outra fase de trabalho, a pecuária

extensiva.

No terceiro capítulo **“Narradores da Descalvados: categorias profissionais e casamentos interétnicos”**, interpretei como estes trabalhadores rememoram a fase transitória da Brazil Land para Irmãos Lacerda. Assim, problematizei sentidos de identificação destes sujeitos quanto à denominação “crioulo de Luiz Lacerda”.

Considero os nomes de alguns destes trabalhadores encontrados no Livro de Registro Caixa (Débitos e Créditos) de 1945. A partir desta listagem, aponto como alguns deles narram suas experiências e permanência nesta fazenda. Equacionados a isto, tratei dos problemas relacionados às questões trabalhistas, ou seja, como Luiz Lacerda e estes narradores administravam-nas.

Neste mesmo capítulo, busquei interpretar o perfil destes trabalhadores, mediante categorias de idade, gênero (masculino/feminino), profissão, nacionalidade e naturalidade, e como certos espaços foram por eles criados, diante diferentes grupos profissionais. Analisei o papel das mulheres como lavadeiras, domésticas e costureiras, sua importância no contexto desta charqueada. Indaguei como casamentos entre diferentes grupos étnicos podem ter contribuído para certa negação da descendência indígena de muitos destes trabalhadores.

No quarto capítulo **“Do boi: só não aproveita o burro...”**, preocupei-me em caracterizar a Bagualhação, segundo categorias profissionais e, ainda, definir o significado de boi baguá para estes narradores. Interpretei práticas cotidianas e sazonais destes trabalhadores em relação ao boi, visando considerar como certos comportamentos deles estão ligados a este animal.

Analisei como o charque carrega sentidos de importância para eles, sobretudo, quando fazem alusão à carne como prato principal. Daí tentei, também, apontar como ao se desdobrar do boi, o charque passa a ser associado a um atributo alimentador de referenciais histórico-culturais, aparecendo neste cenário de histórias, memórias e sentidos identitários (“descalvadiano” e “descalvadiano puro”).

Preocupada em entender aquilo que é considerado comestível e não-comestível por estes trabalhadores da Descalvados, criei um subtítulo denominado **“Comida é pasto: você não come o quê?”**, no qual a partir das

crenças e acepções deles, evidencio o quê do boi eles não comem. Ainda nesta mesma direção, procurei em certa medida, classificar carne de primeira e carne de segunda, carne para consumo próprio, carne para venda, mediante documentação escrita por mim arrolada e entrevistas a mim concedidas. Interpretei o amplo aproveitamento do boi, visando apontar as partes do animal utilizadas como matéria prima para o fornecimento da graxa para a fábrica de sabão Gessy e, ainda, como negociações com o mercado externo se refletem nas questões trabalhistas.

No quinto e último capítulo, intitulado **“Processos de identificação: trabalhar no charque e ser “descalvadiano”**, escolhi levar em conta dimensões espaciais dos edifícios desta fazenda e interpretar como estes trabalhadores elegem algumas edificações como espaços de maior significância. Neste sentido, mediante quadros de fotografias, procurei apresentar, nesta tese, como certos espaços são por eles concebidos como locais de inclusão e exclusão.

Discuti neste capítulo como estes espaços por eles eleitos despertam em alguns sentimentos simultâneos: lembrar/esquecer/saudade. E ainda, como a idéia de ênfase na significância destes edifícios os leva a leituras desta fazenda como lugar de grandeza e de muitos trabalhadores e, assim, provocando neles sentimentos de orgulho de serem “descalvadiano” e/ou “descalvadiano puro”.

Outra problemática se refere à divisão étnico-espacial por eles construída em relação à *turma da galera*, à *turma da beira do rio*. A partir destas elaborações, analisei como estes narradores elaboram/apontam projetos de identificação. Além disso, como ao construírem atribuições de identificação elaboram, em grande medida, certa negação, ou certo ocultamento estratégico, mesmo que inconsciente, de suas descendências indígenas. Assim, sentidos de identificação por eles construídos são parte de um imaginário desta experiência. Finalizando, como possibilidade de interpretação, escolhi discutir como alguns destes trabalhadores, aqueles que moram em Porto Limão elaboram sentidos de permanência/retorno às terras (MAGALHAES, 2004) da Descalvados.

CAPÍTULO I

PARA ALÉM DE UM ARMAZÉM DE FONTES

1.1 – A intertextualidade dos meus passos

Ginzburg introduz um dos prefácios de seu livro *O queijo e os vermes* dizendo que, como ocorre com freqüência, o tema desta sua pesquisa surgiu por acaso. Do mesmo modo, no meu caso, apesar do Pantanal, de sua beleza, histórias e enigmas despertaram em mim curiosidades, quando ainda fazia graduação.

Ao trabalhar no Projeto Sítio-escola Guará I¹ tive oportunidade de participar de pesquisas arqueológicas, especificamente, na Descalvados. No entanto, não foi possível escavar nesta fazenda e, daí fomos para Rondonópolis-MT, na época, no Morro da Janela.

Cheguei à Descalvados quando participei, em 2003, do trabalho de campo, no âmbito do projeto denominado “*A ocupação ceramista pré-colonial do Alto Paraguai, Pantanal de Cáceres, Mato Grosso*”, este objeto de pesquisas da arqueóloga Maria Clara Migliacio. Nesta etapa, estiveram presentes vários pesquisadores dedicados às políticas públicas de preservação dos bens culturais e, sobretudo, preocupados com a gestão arqueológica.²

Assim, mediante várias interlocuções, indagações, curiosidades da minha parte recebi o convite por parte desta arqueóloga para estudar a história da Fazenda Descalvados, tendo em vista que a mesma foi uma antiga

¹ Na condição de bolsista do CNPq (1992 a 1994), nível de Iniciação Científica, sob coordenação da Professora Dra. Irmhild Wüst.

² Entre eles Rogério José Dias (IPHAN/DF).

charqueada e, ainda levando em consideração, também, meu interesse por estudos relativos à comida e alimentação.

Busquei fios desta história que se inicia – uns a partir dos outros – e analiso *o que se passa entre* eles (FOUCAULT, 1979, p. 05). Como historiadora, esta trama se apresenta como um corte transversal de diferentes ritmos temporais.

A propósito, o que avalio aqui é resultado de muita pesquisa, iniciada em 2004, de modos como trabalhadores da Fazenda Descalvados, a partir da carne de charque elaboram projetos de memória e de identificação. Selecionei esta dimensão como ponto de partida para pensar as acepções destes trabalhadores, quando esta fazenda exerceu importante papel econômico na história do Pantanal Mato-grossense.³

Para o percurso que escolhi na construção desta tese, deste objeto de estudo, primeiramente, importou-me entender quais são as redes de significados que estes trabalhadores, em suas memórias, elaboram sobre esta área em questão.

Geograficamente, diversas subdivisões são propostas para o Pantanal, tanto as de cunho regional, como aquelas elaboradas com base em critérios científicos. A área em estudo aparece com a denominação de Pantanal de Cáceres ou ainda Pantanal de Descalvados (RADAMBRASIL, 1982, p. 191, apud MIGLIACIO, 2006, p. 06).

Os trabalhadores considerados nesta tese elaboram interpretações/entendimentos acerca desta região⁴ a partir de opções amplas, podendo variar conforme a questão colocada em evidência. Para alguns, Pantanal pode expressar lugar de pecuária, meio ambiente, turismo de pesca e de aventura, exploração sexual, visitação a animais exóticos. Aqui chamo atenção para a onça, vê-la é uma prática que atualmente tem ganhado força e

³ Situa-se o Pantanal entre os paralelos de 16° e 22° LS e os meridianos 55° e 58° W, enquadrado no sudoeste de Mato Grosso e no noroeste de Mato Grosso do Sul, penetrando pequenas partes da Bolívia e do Paraguai, onde se integra ao prolongamento natural com o Chaco Boreal (FIGUEIREDO, 1994, p. 159).

⁴Ao me referir ao termo região, não significa que estou tratando de toda a planície pantaneira, mas sim da área correspondente ao objeto de estudo, fazenda Descalvados, que se situa à margem direita do Rio Paraguai, concebido como lado ocidental deste rio. Inclui-se ainda neste contexto a cidade de Cáceres, a Vila habitacional de Porto Limão e Corixa-Grande.

despertado interesse como forma de substituição ao turismo de pesca, explica-me Pedro Cardoso (ex-gerente da Descalvados).

Para outros, Pantanal representa lugar de tradição, como afirma Fátima Picolomini, 36 anos, moradora de Porto Limão: *“Para nós pantaneiros, aqui é lugar de viver nossas raízes. Lugar de morar em meio a animais e, principalmente, lugar de manter nossas tradições”*.

O afã em investigar, explorar, desvendar mundos desconhecidos colocou o Brasil e demais países da América do Sul durante séculos na mira de cobiças e curiosidades de exploradores. Naturalistas, etnólogos, geólogos, aventureiros interessados em fazer fortuna ou explorar o exótico se revezavam no esforço de tornar conhecida esta parte do Brasil, o Pantanal Mato-grossense (GALETTI, 2000).

As construções imaginárias sobre o Pantanal remontam o século XVI, quando do processo de conquista desta área por portugueses e espanhóis. Costa (1999, p. 18) retrata como este imaginário é elaborado pelos conquistadores Cabeza de Vaca-Pedro Hernández, Hernando de Ribera e o soldado alemão a serviço da Espanha Ulrico Schmidl que, através das suas narrativas, introduziram a paisagem inundável da bacia alto-paraguaia no pensamento ocidental. Este último foi o primeiro a descrever as áreas alagáveis desta bacia como lugar maravilhoso e paradisíaco.

Langsdorff e D’Alincourt (1824-1828) descrevem a região rica em recursos naturais, variações climáticas, espécies de flora e fauna, grandes sistemas fluviais e grupos indígenas. Apesar de seus manuscritos terem sido ignorados em São Petersburgo por um século, eles contribuíram, de certa maneira, para uma leitura de como foram formuladas construções sobre esta área entre os ocidentais (COSTA, 1999).

Galetti (2000), em *Nos Confins da Civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre o Mato Grosso*, mostra como o imaginário acerca desta região no século XIX se relaciona ao desejo de explorar terras virgens, capazes de proporcionar sensações e conhecimentos novos. Ele complementa ainda, que, em geral, as narrativas concebiam esta planície como

um lugar perdido no tempo e no espaço, separado de qualquer vestígio de aglomerações humanas, isolado em meio a quilômetros de mata virgem.

Nas narrativas dos viajantes estrangeiros que estiveram em Mato Grosso, na segunda metade do século XIX, esta percepção dantesca, tanto quanto a que exalta as delícias da natureza-paraíso, desempenhou um papel importante na medida em que se realça a idéia de um espaço primitivo que ainda escapa ao poder de transformação exibido pelas sociedades *civilizadas* (GALETTI, 2000, p. 98).

Figueiredo (1994), em *A propósito do Boi*, indica em sua obra o quanto o Pantanal se manteve preservado até metade do século XX. Segundo ela, ele era pouco conhecido pelos brasileiros e, grande parte dos mato-grossenses; as agressões ao meio ambiente se iniciaram com a chegada de estrangeiros, afoitos em carregar bolsas de peles e penagens diversas a testemunhar em seus safáris pela savana mato-grossense (p. 179). Tudo isso, provocou e despertou ai o turismo.

Proença (1997) diz que tudo no Pantanal depende das águas. São elas que condicionam os diversos tipos de vida, levam o ser humano a ter necessidade de mudanças nas grandes enchentes. Empurram o gado para cima das cordilheiras, quebram a monotonia da planície, ilhando muitas fazendas, obrigando ao emprego de canoas que substituem os cavalos para conduzir a criação aos lugares mais altos (PROENÇA, 1997, p. 13).

Então, qual seria o sentido intertextual sugerido por mim quando problematizo projetos de memória e de identificação destes trabalhadores da Descalvados? Ademais, como refletir sobre textos⁵ expressos por diferentes linguagens, quando me proponho a analisar um período não tão breve (1945 – 1990)? Estas questões para mim não se configuram em respostas fáceis, por isso, como num sítio arqueológico, precisei reunir os cacos destas memórias.⁶

1.2 – Os cacos da História

⁵ Texto para mim aqui tem o sentido de fontes.

⁶ Refiro-me a narrativas orais, visuais e escritas.

Como escrever esta história e não fazer do presente algo previsível? Como saber revelar o possível?⁷ Interrogações que me importam, delas mostro os caminhos que adotei nesta pesquisa.

No ano de 2004 fui a Cuiabá, buscar fontes escritas sobre esta fazenda no Instituto Histórico e Geográfico, MT. Além do IHGMT, realizei breve levantamento sobre a literatura local na Universidade Federal do Mato-Grosso, visando identificar problemáticas, propondo-me em contribuir com a historiografia.

Neste levantamento, encontrei várias referências sobre a Fazenda Descalvados. Então, como revelar possíveis interpretações destes sujeitos sociais até então ignorados pela historiografia?

Em 2005, procurei, pela primeira vez, entrevistar alguns trabalhadores desta fazenda, momento fundamental para explicar-lhes a importância desta pesquisa.⁸

Ao ter informação que muitos deles se encontravam, dentre outras localidades, em Porto Limão, segui viagem até este local. Lá, constatei que muitos mantiveram ligação com o saladeiro por terem exercido atividades diretamente próximas à produção do charque; por terem prestado serviços como comissários de gado ou visitado parentes. Os sentimentos deles associados a este percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes (SEIXAS, 2004, p. 47).

Todo relacionamento vivo com o passado deve ser entendido como “preocupação histórica” e, inevitavelmente, um relacionamento construído, na expressão de Bann (2000, p. 187).

Em Porto Limão, especulei e tateei este solo. Exigi, de mim mesma, um decifrar paciente, principalmente por tratar da distância histórica experimentada por estes sujeitos, hoje, nesta fronteira Brasil/Bolívia. Percebi que o passado para eles continua sempre atual.⁹

⁷ Estas questões foram por mim pensadas quando li o texto de Gagnebin (1993).

⁸ Este momento foi também importante para solicitar a estes trabalhadores autorização para o uso de suas entrevistas e fotos deles nesta pesquisa.

⁹ Sobre esta discussão ver GAGNEBIN (1993).

Novamente lá, algo me chamou atenção: as atribuições e auto-atribuições¹⁰ “descalvadiano” e “descalvadiano puro” – fruto de uma laboriosa construção de memória destes trabalhadores.

Assim, precisei me apoiar em Hall (2000), quando assegura que “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação e são construídas dentro e não fora do discurso” (Hall, 2000, p. 108).

Como historiadora me atentei para aquilo que Certeau (2006, p. 79) chamou atenção ao considerar que: “fazer história” é uma prática. O historiador trabalha um material para transformá-lo em História. Empreende uma manipulação que, como as outras, obedece a regras.

Segui algumas regras para tecer esta trama com ajuda destes trabalhadores. Para a construção deste trabalho utilizei de perguntas abertas, temáticas, de histórias de vida mais ‘sumárias’ com entrevistas mais ou menos longas, como propõe Magalhães (1996, p. 139; no prelo, 2011). Sempre procurei ser simples e direta em minhas questões, deixando-os tranquilos para as respostas.

Então, calmamente, estimulei-os e para que eles falassem de suas histórias e experiências vividas nesta fazenda, procurando perceber onde eles mesmos faziam recortes temporais e elaboravam relações entre passado e presente.

Busquei, em certa medida, atentar-me para aquilo que Magalhães assinala ao se referir às entrevistas e às fotografias não como consagradas, repetidoras do existente, mas “instituintes de significados, de sentidos da história, de temporalidades” (MAGALHÃES, 2004, p. 197).

Assim, as entrevistas por mim coletadas, a partir daquele ano, constituem-se em documentos orais e escritos levantados em Cáceres, Porto Limão e Corixa-Grande, municípios do estado de Mato Grosso. Somam um total de 38 entrevistas, gravadas em fitas cassete e em gravador digital.

¹⁰ Sobre diferenças entre os termos auto-atribuição e atribuição ver BARTH (1998) e também OLIVEIRA CARDOSO (1976).

Algumas foram realizadas de maneira informal, obtendo seu registro apenas nos meus diários de campo. Abaixo segue lista dos entrevistados,

Entrevistas Orais (Local e Data)

Amâncio Fernandes, 78 anos, aposentado (sambulhador), Porto Limão - MT, julho/2006.
 Arildo José Farias, 51 anos, guia turístico, Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out./2006.
 Ailton, 65 anos, vaqueiro (capataz), Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out./2006.
 Benedita Picolomini, 67 anos, do lar, Cáceres - MT, jan./2009.
 Bonifácia Aquino, 76 anos, do lar, Cáceres - MT, julho/2006.
 Bráulio Torres, 65 anos, aposentado (cozinheiro), Porto Limão - MT, julho/2006/jun./2008/jan/2009.
 Carmo Lopes, 33 anos, vaqueiro, Porto Limão - MT, julho/2006.
 D. Geni, 82 anos, aposentada, Porto Limão - MT, julho/2006/jun./2008.
 D. Luzia, 52 anos, do lar, Porto de Limão - MT, julho/2005.
 D. Maria Almeida, 59 anos, do lar, Corixa Grande - MT, julho/2005.
 Emenegilda de Oliveira, 59 anos, do lar, Porto Limão - MT, julho/2005.
 Estevam Pereira (Bororo), 83 anos, aposentado (egueiro, tocador de Cururu), Cáceres - MT, julho/2005.
 Eugênio Batista, 67 anos, aposentado (laçador), Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out./2006.
 Eurico Prudente, 50 anos, trabalhador braçal, Cáceres - MT, julho/2005/julho/2006.
 Fátima Picolomini, 36 anos, do lar, Porto Limão - MT, julho/2005/julho/2006/jun./2008.
 Feliciano Montech, 82 anos, do lar, Cáceres - MT, julho/2005.
 Faustina Mendes, 68 anos, do lar, Cáceres - MT, julho/2005.
 Francisca Aparecida, 30 anos, doméstica, Cáceres - MT, julho/2006.
 José Leite, 83 anos, aposentado (carpinteiro), Cáceres - MT, julho/2006.
 Jorge Torres, 63 anos, trabalhador braçal (matador), Cáceres - MT, julho/2006.
 Jorge Fernandes, 79 anos, aposentado (soleador, vaqueiro), Porto Limão - MT, julho/2006.
 José Brás, 77 anos, aposentado (contador), Cáceres - MT, julho/2005/jan./2009.

José Vilarvas, 75 anos, aposentado (comissário de boi), Porto Limão - MT, julho/2005/jan./2009.
 José Almeida, 63 anos, trabalhador braçal, Corixa Grande - MT, julho/2005.
 João Leite da Silva Freire, 79 anos, aposentado, Cáceres - MT, julho/2005.
 Libâneo Lima, 42 anos, vaqueiro, Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out./2006.
 Márcio da Silva Vilarvas, 16 anos, estudante, Porto Limão - MT, julho/2005/2006.
 Maria Torres, 62 anos, aposentada, Porto Limão - MT, julho/2005/julho/2006/jun./2008.
 Ovídia Alves, 64 anos, do lar, Porto de Limão - MT, julho/2006.
 Pedro Cardoso, 49 anos, gerente da fazenda, Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out./2006/ jan./2009 em Cáceres - MT.
 Rafaela Prudente, 83 anos, aposentada (lavadeira), Cáceres - MT julho/2005/jan./2009.
 Sebastião Lagarto, 37 anos, operador de máquina (vaqueiro), Porto Limão - MT, julho/2006/jan./2008.
 Sebastião Picolomini, 32 anos, piloto, Porto Limão - MT, jun./2008/jan./2009.
 Sebastião Torres, 72 anos, aposentado (despostador), Porto Limão - MT, julho/2006.
 Selma Torres, 32 anos, do lar, Porto Limão - MT, julho/2006.
 Sr. Mário, 86 anos, aposentado, Porto Limão - MT, julho/2005.
 Sofia Montech, 80 anos, do lar, Cáceres - MT, julho/2005.
 Tomaz Aquino, 83 anos, aposentado (capataz), Cáceres - MT, julho/2005/julho/2006/jan./2009.

Vários destes narradores, trabalhadores da Descalvados, foram entrevistados por mais de uma vez, porque me preocupei em perceber como eles elaboram e reelaboram suas experiências no saladeiro e visando, também, uma compreensão maior da minha parte, a respeito do que eles constroem sobre essa carne de charque.

Nesta pesquisa estou considerando estes narradores como um grupo de trabalhadores que se relacionaram direta e/ou indiretamente com a fazenda Descalvados. Entretanto, ressalto também que estes indivíduos de quem estou tratando, nasceram e foram criados, em sua maioria, nesta fazenda, recebendo a atribuição por grande parte deles mesmos de crioulos de Luiz Lacerda.

Realizo aqui como uma das propostas de análise “História de experiência” (*Erfahrungsgeschichte*), possibilidade que encontrei para evitar explicações generalizantes, conforme sugere Alberti (2005, p. 165). Assim, apoio-me nesta pesquisa, também em Thompson (1998) e Benjamin (1994) que avaliam objetos históricos como recortes e recursos analíticos que servem para decompor o processo social em diferentes dimensões, oferecendo uma riqueza múltipla de informações sobre aspectos da experiência, embora estes dois autores tenham concepções diferentes sobre esta categoria.

Lembro aquilo que Benjamin (1994, p. 213) assinala: “quem escuta uma história está em companhia do narrador”. Parece que vivi todos os episódios narrados por estes trabalhadores: alegrias, tristezas, saudades e angústias. Tomei nota de todos os gestos e pausas, sempre procurando descrever o local onde a entrevista estava sendo realizada.

Então pergunto: para quem é esta história? Esta história rememorada pelos trabalhadores por mim considerados é para eles e é deles, como também para o campo de trabalho da História como disciplina.

Refiro-me a eles como construtores desta história. Em suas narrativas, observo impressões e marcas deles, enquanto narradores (BENJAMIN, 1994, p. 205). Esses cronistas participaram comigo da natureza desta pesquisa.

A escolha dos entrevistados se deu mediante alguns critérios. Primeiro, os mais idosos, homens e mulheres acima de 70 anos de idade, especialmente, aqueles (as) que moraram nesta fazenda. Em seguida,

entrevistei os mais jovens, trabalhadores também desta charqueada. Depois, na medida do possível, aqueles dispostos a revelar experiências de seus pais neste local.

Em vários momentos reuniram-se membros da mesma família. Este é o caso de D. Rafaela Prudente (88 anos) e seu filho Eurico Prudente (51 anos), como também, de Sr. Bráulio Torres e seus filhos Fátima Picolomini (36 anos) e Sebastião Picolomini (34 anos). Além deles, intercambiavam experiências compadres e comadres, em geral, vizinhos interessados em compartilhar na construção das narrativas. Este grupo de pessoas se reconhecia dentro de imagens sucessivas, como propõe Halbwachs (2004, p. 92) ao discutir memória coletiva.

Ao longo das entrevistas me parecia que todos mantinham nesta fazenda relações muito próximas, apesar das diferenças étnico-culturais entre os grupos. Como pensei em explicar esta questão? Apoio-me, então, em Cardoso de Oliveira (1976) quando discute identidade contrastiva.

Não penso esta história como linha reta que vai, sem desvios (GINZBURG, 2000, p. 272). Em muitas situações fiquei cega. Precisei ir além das razões pelas quais estas lembranças foram criadas. Assim, comecei a procurar irregularidades e curvas entre suas narrativas. O que me parecia contínuo, eles desconstruíam com noções distintas de tempo. Tempo da Brazil Land; tempo de Luiz Lacerda; tempo do fim da matança. E ainda, tempo da saída deles desta fazenda, deslocando-se para outros lugares.

Para dar corpo a esta leitura, na medida do possível, procurei me inserir em algumas atividades cotidianas com este grupo. Ademais, pratiquei o exercício da observação, mas não me coloquei “embaixo da pele” deles (GEERTZ, 1997, p. 88).

Uma maneira por mim encontrada para promover minha aproximação com o objeto tema de estudo foi fotografar o interior de suas residências, objetos pessoais, práticas por eles desempenhadas em tarefas domésticas e, principalmente, fotografá-los individualmente ou reunidos em família. E como

assinala Magalhães (2004, p. 198), “parece-me que era a primeira vez que suas histórias passavam a fazer parte da História”.

Magalhães considera também que “isto contribui para tornar ainda mais explícitos os documentos fotográficos, escritos, entre outros, como direito à memória, à História” (idem, p. 213). Todas estas fotos, dentro de certos limites, “comunicam silenciosamente o modo de ser”, aqui neste caso, destes trabalhadores na Descalvados.

Destinei parte de minha atenção neste trabalho a discutir imagens, como possibilidade de entendimento dos modos de recriação deste passado por estes trabalhadores. E nas palavras de Deleuze (2009, p. 151) em imagens não há opacidade. Cada imagem, outra imagem. Assim, percebi que eles teciam fios narrativos com diferentes contornos. Ao meu lado narraram sentimentos simultâneos de memórias: lembrar/esquecer/saudade.

O historiador se apóia em textos e imagens que ele constrói como fontes, como traços portadores de significado para considerar questões-problemas que se coloca disposto a desvendar. Mas é preciso ir de um texto a outro texto, sair da fonte para mergulhar no referencial de contingência no qual se insere o objeto do historiador, afirma Pesavento (2004, p. 65).

Meu recorte temporal é de 1945 a 1990, no entanto ele funciona apenas como um balizamento, para que eu pudesse avançar ou recuar no tempo.

O ano de 1945, eleito por mim como marco inicial para se pensar este recorte temporal, é justificado pelas narrativas que, em certa medida, contam sobre a fase de transição da *Brazil Land Cattle and Packing Company*, do grupo americano controlado por Percival Farquhar, para o período de Luiz Lacerda Ltda.

Embora o último grupo tenha comprado a fazenda apenas em 1945, alguns trabalhadores a quem dedico atenção vivenciaram certos episódios da década de 1930, que considero como elementos importantes para a compreensão desta fase transitória. Algumas datas são relevantes, como o ano de 1936, em que ocorreu a epidemia da varíola (concebida por eles como doença da bexiga), sendo também o ano que o então General Frederico

Rondon esteve na fazenda, registrando emprego de mão-de-obra indígena na charqueada.

Escolhi como outro corte o início da década de 1990, por ter identificado, entre estas narrativas que analiso, uma noção de tempo marcada como o fim da Descalvados, restavam nela poucas famílias, à espera de outras possibilidades de emprego e local de moradia.

Equacionado a isso identifiquei também na documentação registros do Diário da Descalvados escritos por Sr. Hélio Campos, nos quais são evidenciados problemas administrativos enfrentados por D. Alice Lacerda, após a separação do casal.

Como ainda pensar em analisar este charque quando me deparo com uma situação em que, em geral, trabalhadores não são tornados visíveis? Por isso dei-me conta de que me encontrava no caminho certo, buscando nas narrativas orais e documentação escrita possibilidades de interpretação.

Lembro aqui de um dos meus encontros com Maria Clara Migliacio, arqueóloga que escavou Descalvados por cerca de dez anos. Para ela seria tarefa quase impossível conseguir entrevistar estes trabalhadores, porque além de idosos, eles silenciam. O que sempre a perturbou, quando tentou algum diálogo com aqueles com quem se deparou ao longo de suas investigações sobre formas de ocupação no Pantanal de Descalvados.

Respeitei seus posicionamentos, mas não me senti desanimada, apenas angustiada porque se tratavam de considerações de uma pesquisadora experiente nesta região. Aliás, percebi que ela propositalmente me provocou, com intenção de aguçar em mim, a vontade de buscar mais fontes. E nelas identificar como estes trabalhadores formulam orientações temporais sobre Descalvados.

Nesta direção, notei que esta história, não pode se desenrolar linearmente como narrativa contínua (GAGNEBIN, 2004, p. 91). Então, precisei refletir sobre o conceito de cesura (comum a Benjamin).

Por tal razão, é pertinente falar, deste longo período histórico. Entre continuidades e rupturas percebi como estes trabalhadores têm suas experiências de explosões temporais: antes/com/depois (de) Luiz Lacerda.

Mediante aparentes e simples questões me foi possível notar como eles elaboram noções temporais e como constroem projetos de memória em relação à Descalvados.

Assim, como tratar suas memórias diante da historiografia mato-grossense? Certa literatura relativa ao Mato Grosso mostra o charque meramente a partir de uma dimensão econômica, apoiando-se somente na pecuária regional.

Neste sentido, elegi alguns autores, sem desprezar os demais, para avaliar como estes pesquisadores analisam a história da fazenda Descalvados, como ponderam questões sobre trabalhadores empregados nesta charqueada. Revisar esta literatura, avaliar procedimentos teórico-metodológicos por eles adotados me custou caro. Tive que ir e voltar por várias vezes ao estado de Mato Grosso.

Assim, retomando o que escrevi logo acima, certifiquei-me que estes trabalhadores de fato não eram abordados e que a maioria das obras que levantei – e não foram poucas – não retratava estes sujeitos históricos. Quando os citam, tratam-nos de forma generalizada – bugres ou índios. Um problema que se configura no mote desta minha pesquisa.

Difícil perceber como desta carne de charque, por vezes, eles (trabalhadores) assumem determinados projetos de identificação, nem sempre explícitos, o que exigiu de mim grande esforço. Novamente, retorno ao Mato Grosso para formular outras questões e analisar interpretações por estes narradores elaboradas.

Todavia, a historiografia ainda continuava a ser um problema para mim. Estabeleci critérios, cuidadosamente procurei identificar em alguns autores o que discutiam sobre esta fazenda e região a ela ligada.

Assim, Garcia (2005, p. 59) que escreveu sua tese de doutoramento sobre o período belga na Descalvados, assinala que o desenvolvimento de charqueadas e fazendas de criação de gado não atraía apenas o capital interno, abrindo oportunidades para o capital estrangeiro.

Identifiquei na pesquisa de Garcia que grande quantidade de índios foram utilizados como trabalho braçal na fazenda Descalvados. Segundo este mesmo autor, o emprego deste tipo de mão-de-obra se relaciona ao fato de que esta fábrica localizava-se, praticamente, ao lado de aldeias indígenas das etnias Guató e Bororo.

Ao ler sua tese me atentei para uma questão interessante sobre denominações desta região por mim estudada. Ao sul da fazenda Cambará, de propriedade do major João Carlos Pereira Leite, havia uma extensa área chamada de “Escalvados”, que mais tarde ganha a designação de D’Escalvados, depois Descalvados (GARCIA, 2005, p. 61).¹¹

Imputações como estas, Escalvados, D’Escalvados, depois Descalvados me chamaram atenção e comecei, então, a pensar quais seriam suas relações com os sentidos que estes trabalhadores, por mim pesquisados, depreendem sobre esta região e, também, sobre eles mesmos.¹²

Ainda preocupada em entender construções da historiografia – o que tem para mim, sentido de história – encontrei em Severiano da Fonseca esta xilografia abaixo e narra ele:

O porto do Descalvado é o ponto mais alto do albardão na margem direita acima dos alagadiços da Uberaba. (...) Um cinco quilômetros rio acima e nessa margem começa uma montanha de gnaisse o Descalvados, que deu nome à região (SEVERIANO DA FONSECA, 1986, p. 369/370).

¹¹ Ver também a esse respeito Ferreira (2001) que aborda relações entre a etnia Guató com campos do Escalvado.

¹² Apontarei desdobramentos sobre estas questões no último capítulo.



Figura 01: Porto do Descalvado

Fonte: FONSECA, João Severiano da. *Viagem ao Redor do Brasil: 1875-1878*. – Ed. Comemorativa do sesquicentenário de nascimento do autor. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

Reconheci nesta narrativa de Fonseca o nome desta fazenda por mim considerada, mediante relatos destes trabalhadores, e sua nomeação dada à região. Daí, mergulhei num poço de inquietações ao deparar-me com algumas questões: como perceber em suas narrativas projetos de memória e de identificação com esta charqueada? Quais as denominações feitas sobre esta região? O que seria “descalvadiano” e “descalvadiano puro”?

Tive vários *insights*. Todavia, não me precipitei. Continuei a buscar fontes. Apesar de me questionar por vezes: será que caminhava em vias de mão dupla ou não? Com certeza, as dúvidas tornariam esta minha pesquisa mais interessante.

Considerarei na bibliografia mato-grossense¹³ leituras sobre Descalvados como um complexo saladeril¹⁴ de produção de carne de charque e extrato de carne, para assim, continuar minhas investigações sobre as reflexões acima.

Optei por levantar dados históricos que tratassem de proprietários desta fazenda, da política nacional que viesse a beneficiar quem e quando, para então interpretar processos de transição da Brazil Land para a família Lacerda.

Assim, encontrei em Garcia (2005) algumas pistas para avaliar relações de interesses neste anúncio do *Jornal do Brasil*¹⁵ publicado em 1891:

(...) Importante estabelecimento limitado à época à exploração em larga escala de uma só indústria, mas que, poderia explorar e desenvolver outras várias [atividades] com os extraordinários recursos naturais que contem, e com os variados e poderosos elementos de que dispõe. Referimo-nos ao extenso domínio e feitoria do – Descalvados, - propriedade do grande industrial Sr. Jaime Cibils Buxaréu, cuja actividade incansável e inteligente labor alli creou um estabelecimento maravilhoso, onde trabalham machinas possantes e moderníssimas, e onde se exerce a sua direcção, produzindo fecundíssimo resultados, de que tira a mais farta remuneração (JORNAL DO BRASIL, 1891, p.04).

Essas expressões: “maravilhoso”, “máquinas possantes e moderníssimas”, “farta remuneração” sugerem uma estratégia política do governo do estado de Mato Grosso, relacionada a uma empresa que iria comprar Descalvados, conforme destaca Garcia (2005).

Interessada cada vez mais em abranger questões relativas a Descalvados, continuei a seguir pegadas de Garcia. Nesta direção me impressionei com estas colocações de Visconde de Taunay, que acompanhava os movimentos especulativos da praça do Rio de Janeiro no início do século XX,

(...) apesar das vastas proporções da empresa, parece que o primitivo proprietário [Buxareo] não tirou resultados correspondentes

¹³ GARCIA (2005), CAMPOS FILHO (1998), FIGUEIREDO (1994), CABRAL (1963) e outros.

¹⁴ O termo saladeril é, em geral, empregado pela literatura ligada à discussão sobre saladeiro (local onde se processa a carne de charque). Entre alguns destes narradores identifiquei a adoção desta expressão que para eles indica tempo da matança, tempo do saladeiro.

¹⁵ *Jornal do Brasil* – quinta feira 09 de Abril de 1891, p. 04.

às suas esperanças, queixando-se elle muito dos vexames do fisco brasileiro (TAUNAY, 1971 apud GARCIA, 2005, p. 79).

Nesta negociação de venda da Descalvados por Buxareo, me atentei para os nomes dos diretores que almejavam sua compra: Rui Barbosa (senador), Quintino Bocaiúva (senador), Antonio Azeredo (deputado federal por Mato Grosso), Abel Guimarães (proprietário) e Orozimbo Muniz Barreto (capitão-tenente) (GARCIA, 2005, p. 79).

No entanto, apesar da importância na história dada aos nomes destes diretores, eles não pagaram a segunda parcela e nem as demais, o que levou Buxareo a procurar outro comprador para seu estabelecimento. Visconde de Taunay, que não nutria simpatias pela República, aponta algumas críticas a estas altas figuras, que passavam por insuspeitas (idem, p. 81/82).

Em 1905, a *Société Industrielle et Agricole du Brésil*, sediada em Bruxelas, compra Descalvados (FIGUEIREDO, 1994, p. 128).¹⁶ Já em 1912, a Brazil Land Cattle and Packing Company, dirigida pelo norte americano Percival Farquhar adquire essa fazenda.¹⁷

Esta transação me despertou atenção, porque nas narrativas destes trabalhadores emergem lembranças sobre esta empresa, especialmente, entre aqueles mais velhos que tive oportunidade de entrevistar, como aponto no capítulo III.

Segundo Pesavento (1980), além das atuações de Farquhar no ramo da exploração da madeira, com a *Southern Brazil Lumber and Colonization Co.*, e nos transportes ferroviários e serviços portuários:

(...) tinha também grandes fazendas de gado - 4 milhões de acres com 140.000 cabeças em 5 ranchos, em Descalvados, no Pantanal - em nome da Brazil Land Cattle & Packing Co.. O gado era

¹⁶ A respeito do período belga e seus investimentos na fazenda Descalvados, ver GARCIA, (2005).

¹⁷ Esta companhia foi incorporada na cidade de Portland, Estado de Maine, EUA, em 1911. Formou parte originalmente do grupo de empresas associadas com a Brazil Railway Company, deixando de depender da mesma em 1924, em consequência de uma reorganização do seu capital (CPDOC/FGV. Ref. SCmfdg 1945. 07.20).

industrializado localmente numa charqueada, sendo parte da produção exportada para Assunção e Buenos Aires (SINGER, 1975 apud PESAVENTO, 1980, p. 93).

Farquhar aparece com menor frequência entre as memórias destes narradores. Para eles é a figura de Ramsey que marca suas lembranças. Tudo isso, porque ele era assistente capataz de Mac Lean, como registra Roosevelt (1976) "*Nas Selvas do Brasil*".

Enfim, a historiografia mato-grossense ainda não tem abordado projetos de memórias e identidades dos trabalhadores da Fazenda Descalvados, mediante suas concepções, que tornem possível pensar rupturas na história desta fazenda.

Neste sentido, realizo aqui nesta pesquisa interpretações de como estes projetos são elaborados pelo grupo de trabalhadores que selecionei e, ainda, como o charque se tornou um fator alimentador de referenciais históricos e identitários deles.

Para isso, em 2006, preocupada em perceber os espaços destinados à operação do charque, retornei a esta fazenda em outubro do mesmo ano. Nesta etapa de trabalho de campo notei a existência de diferentes categorias profissionais, fundamentais para o entendimento da maneira como eles compartilhavam os espaços destinados à produção deste charque naquele local.

Um fato que me chamou atenção foi o processo de retorno de alguns destes trabalhadores à Descalvados e, ainda, como eles continuam exercendo certas funções ligadas ao período da charqueada, assim como campear gado e fabricação de laços em couro.

Segundo Magalhães (2004, p. 207) a terra enraíza, é ponto de retorno. Para muitos destes trabalhadores, cujas memórias considero aqui, a esperança é o retorno a esta terra. Vários remanescentes da Descalvados me apresentaram sentimentos de pertencimentos a este lugar. Isso me levou a pensar em questões as quais remetem a sensibilidades como esquecer/lembrar/saudade. São aspectos que abordo no último capítulo.

Diante desta problemática, em junho de 2008 fui à Festa de São João em Porto Limão. Nesta época pensei na relação comida e festa que pode implicar no sentimento de saudade. Assim, em momento oportuno me dedico a falar desta manifestação como um dos processos de integração entre pessoas e sujeitos deste grupo de trabalhadores.

Em janeiro de 2009, retorno a Cáceres e Porto Limão com objetivo de levar fotografias da fazenda para alguns narradores. Procurei ser criteriosa na escolha das imagens por mim registradas, conforme desenvolvo análise bem mais adiante.¹⁸ Neste mesmo ano, levanto documentação escrita *in loco* e tive a sensação do que chama Ginzburg (2000, p. 271) de “a euforia da ignorância”. Senti-me não como um esquiador diante da neve fresca, como diz ele, mas como quem descarna um boi pela primeira vez.

1.3 – Labirintos de histórias

A “consciência ignora a história”, assim fala Veyne (2008, p. 68). Separei nas testemunhas e documentos escritos, o acontecimento tal como escolhi por consciência ignorei fragmentos da história dessa fazenda.

Como mencionei acima, fui para Descalvados em junho de 2009 e lá me deparei com caixas de madeira, utilizadas para transportar o charque, lotadas de documentos escritos. As mesmas encontravam-se em situação precária de preservação, expostas na laje do Armazém.

Desafiei ratos, morcegos, poeira e fungos. Com auxílio de Pedro Cardoso (na época gerente desta fazenda) e duas estudantes da Universidade Estadual de Goiás,¹⁹ digitalizamos em câmara fotográfica o estado de acondicionamento destas fontes escritas, depositadas neste compartimento.

Estas duas auxiliares que me acompanharam nesta etapa do trabalho de campo realizaram o arrolamento destes documentos. Dei a orientação para elas procurarem, separarem e reservarem aquilo que poderia contribuir com

¹⁸ Capítulo V.

¹⁹ Joana Darc da Paiva da Silva e Lucinete Aparecida de Moraes.

minhas expectativas sobre registros escritos desta fazenda. Foi uma experiência de achados e surpresas.

Naquele momento nos tornamos detetives como Sherlock Holmes ou historiadores como o próprio Ginzburg (2000, p. 271). Realizamos importantes descobertas. Identificamos: atestado de óbito de Ulysses Lacerda (irmão de Luiz Lacerda); cadernetas *Bem te vi* utilizadas para compras no Armazém, tanto da Casa Grande como de trabalhadores; fichário de mercadorias em estoque; etiquetas de fabricação da graxa fina; fichário de vendas do sebo para Industrial Gessy Lever S/A.



Figura 02: Caderneta de compras *Bem Te Vi*
Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados (s/data). Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Além destes documentos, ali se encontram informações preciosas para a compreensão desta história. Sinto-me penalizada por nada poder fazer. Como possibilidade de salvaguarda, encaminhei cartas digitais (e-mails) a empresários, ao governador do estado de Mato Grosso, a canais de comunicação, solicitando apoio financeiro para restauração destes documentos, no entanto, só obtive respostas negativas.

O que me resta é a esperança e como diz Benjamin (1994, p. 114), tomara que esta documentação – aqui tem o sentido de narrativas – não se torne experiência e pobreza.

DOCUMENTOS (ASSOALHO DO ARMAZÉM)**Figura: 03****Figura: 04****Figura: 05****Figura: 06****Figura: 07****Figura: 08**

Data: Junho/2009
Local: Fazenda Descalvados
Fotos: Gláucia Péclat
Fonte: Acervo privado Faz. Descalvados

DOCUMENTOS(ASSOALHO DO ARMAZÉM)

Figura: 09



Figura: 10



Figura: 11



Figura: 12

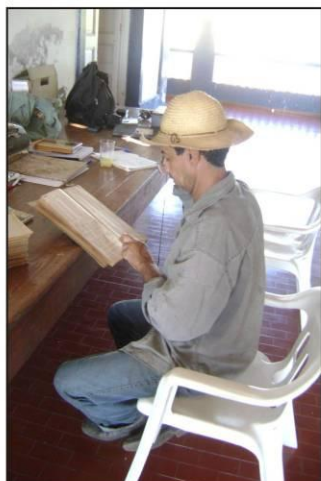
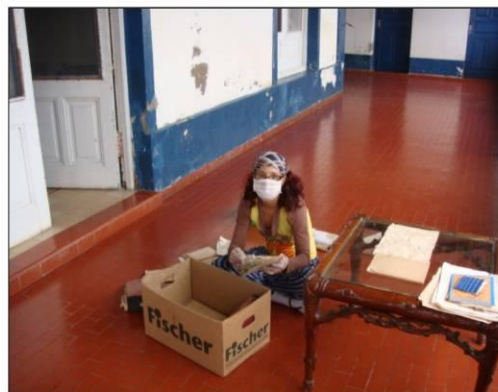


Figura: 13



Figura: 14

Data: Junho/2009
Local: Fazenda Descalvados
Fotos: Gláucia Péclat
Fonte: Acervo privado Faz. Descalvados

DOCUMENTOS (ACERVO PENSÃO “MANUELITO”)**Figura: 15****Figura: 16****Figura: 17****Figura: 18****Figura: 19**

Data: Junho/2009
Local: Fazenda Descalvados
Fotos: Gláucia Péclat
Fonte: Acervo privado Faz. Descalvados

Outra parcela da documentação escrita se encontra mal organizada, sem acondicionamento adequado em caixas de papelão e de plástico na pensão Manoelito.

Em 2004, uma estudante de graduação do curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso tentou ordenar cronologicamente parte desta documentação. Separou em grupos (mesmo que de maneira aleatória), semelhante à divisão de fundo. Ela fez alguns arranjos como possibilidade de organização interna, intitulado cada uma dessas caixas com a expressão Descalvados, escrevendo na seqüência a tipologia do documento.

Entretanto, apesar da tentativa de organização destes documentos, o arranjo terminou em dados misturados. Neles é



Figura 20

possível identificar cartões empresariais,²⁰ que se encontravam juntos com recibos de pagamentos dos trabalhadores.

Assim, pude fazer leituras de boa parte desta documentação. Como valeu a tentativa das buscas por mim realizadas. Agradam-me estes desafios.

Fichário de registro de compras de mercadorias da "Casa Pica Pau" de 1968. O documento contém uma tabela com as seguintes colunas: DATA, PROCEDENCIA ou DESTINO, COMPRO VANTO, UNID. QUANT., ENTRADAS (QUANT. e VALOR), SAIDAS (QUANT. e VALOR) e EXISTENCIA (QUANT. e VALOR). O artigo registrado é "Camisas Pica Pau".

Figura 21

²⁰ Figura 20: Cartão do fabricante "Sombrinha Elegante" (s/data). Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Digitalização do documentos: Gláucia Péclat/2009. Figura 21: Fichário de registro de compras de mercadorias da "Casa Pica Pau" de 1968. Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Tabela I – Documentos Diversos Fazenda Descalvados (1945-1989)

	TIPOLOGIA	ANO
DESCALVADOS ²¹	Diagnóstico Animal	1989
	Contabilidade máquinas	1955,1960,1961,1954, 1956,1957,1958
	Tempo de serviço; correspondências e boletim	1958, 1961
	Contabilidade escrita a máquina	1957 a 1961
	Correspondência; Registro despesa	1959
	Extratos; Recibos, Telegramas	1948, 1963
	Documentos Pinheiro e Lacerda (projetos)	s/d
	Recibo bancário; Produção; Orçamento; Correspondência; Extrato bancário	1952, 1955, 1959, 1961, 1963
	Diversos e Telegramas	1963
	Recibo de pagamento	1973 -1978
	Aviso de lançamento; pagamento carga	1957 a 1962
	Livro Registro de compra; Registro de venda; fornecimento mercadoria	1943,1949,1972,1974
	Extrato bancário	1964
	Folha de pagamento	1974
	Correspondências,Conhecimento; Livro Descalvados	1959 a 1961
	Pinheiro de Lacerda: correspondência; Revistas Rio de Janeiro	1971, 1981, 1977, 1978
	Livro de controle – Armazém; Livro Caixa	1952,1945,1946,1949
	Copiador de cartas; Diário; Revista Fiscal	1949, 1989, 1991
	Extrato bancário; Documentos diversos; Requerimento; Memorando	1954, 1958, 1961, 1964
	Livro Caixa	1950 – 1951
	Correspondência; Declaração; Orçamento; Requisição	1963
Telegrama	1963 – 1965	
Notas fiscais	1974, 1977	

Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados.

Local: Fazenda Descalvados – Data: outubro/2006.

²¹ Escrevi o nome Descalvados do lado esquerdo da tabela para indicar como a estudante registrou o título e tipologia em cada caixa.



**Figura 22 e 23: Acervo Privado Faz. Descalvados – Pensão Manoelito
Local: Fazenda Descalvados. Fotos: Gláucia Péclat/2009.**



**Figura 24: Auxiliar de campo digitalizando Telegramas de 1958.
Local: Fazenda Descalvados. Fotos: Gláucia Péclat/2009.**

Durante a seleção destes documentos pude ver que, ali, os mesmos eram reveladores das diversidades de temas e abordagens. A reflexão sobre

estas pistas me abriria um leque muito amplo de possibilidades narrativas. Senti-me numa emboscada. Minhas opções nesta fase de pesquisa apontam bem o que quero dizer. Ressonância: tive que me fazer consciente.

Confesso que me sinto angustiada, também, por não interpretar algumas destas fontes documentais. Quanto ao Armazém (lembranças significativas entre as narrativas destes trabalhadores), identifiquei trilhas que indicavam o estabelecimento como grande entreposto comercial no Pantanal. E, no entanto, tive que optar por furtar-me de tal contexto.



Figura 25: Folheto de Propaganda "Sementes Dienber" (s/data).
Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados.
Local: Faz. Descalvados.
Digitalização documento: Gláucia Péclat/2009.

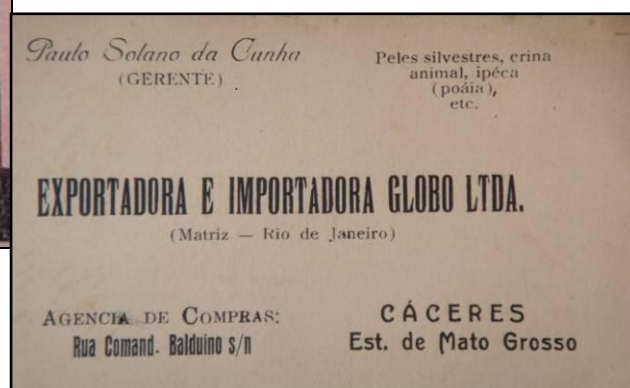


Figura 26: Cartão de Exportadora e Importadora (peles silvestres, crina, poiáia, etc) (s/data).
Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados
Digitalização documento: Gláucia Péclat/2009.

Assim me aproprio de um mito descrito por Ginzburg (2007, p. 07):

Os gregos contam que Teseu recebeu de presente de Ariadne um fio. Com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou.



**Figura 27: Cartão do Fabricante de fechaduras "La Forte" (s/data).
Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados.
Digitalização documento: Gláucia Péclat/2009.**

E continua este autor: “dos rastros que Teseu deixou ao vagar pelo labirinto, o mito não fala”. Ganhei também um fio de presente de Pedro Cardoso, quando me permitiu que vasculhasse rastros nestes documentos.

Encontrei neste labirinto muitas pegadas, que, por sinal, aliás, estão para além de um Armazém de fontes, estão também entre as narrativas orais destes trabalhadores.

A respeito de alguns documentos problematizo algumas questões, não com objetivo de ilustrar, mas para se pensar nestes rastros, como instituintes de significados (MAGALHÃES, op.cit., 2004).

Estas fotografias ao lado²² são de trabalhadores; eram utilizadas para credenciamento, tanto no Armazém como



²² Figuras 28 e 29: Fotografias de trabalhadores de 1973. Autor: Desconhecido. Digitalização documento: Gláucia Péclat/2009. Local: Faz. Descalvados.

na Casa de Correios e Telégrafos.

Em contato com esta documentação escrita, reformulei o desenho desta tese. Enquanto pensei em discutir formas de operação do charque e até meios de escoamento de produção, passei a meditar sobre imagens em torno de Luiz Lacerda, por ele construídas e, também refeitas por estes trabalhadores.

Os caminhos que escolhi percorrer me levaram também a rever procedimentos teórico-metodológicos. Logo, debruçei-me sobre outras leituras, o que me proporcionou outras reflexões. Nesta altura, faço referências a Gomes (2004) e Foucault (2006), pois, até então, não era minha pretensão trabalhar com cartas.

Quando optei em interpretar cartas redigidas por Lacerda como também de outros protagonistas e algumas escritas por trabalhadores – que não aqueles quem entrevistei – direcionei meu olhar para os conteúdos narrados/descritos.

O critério para análise das cartas encontradas no acervo da pensão Manoelito, depois de identificadas e digitalizadas, entre as 46 selecionadas, foi priorizar o teor daquelas que tratavam, eminentemente, de questões ligadas à figura de Luiz Lacerda.

De posse destes documentos precisei filtrá-los, optando pela identificação do remetente. Claro que sem hierarquizações do lugar e da posição social ocupada por estes correspondentes, considerados por mim irrelevantes. No entanto, algumas me chamaram atenção por se tratarem de pessoas encaminhando pedidos de auxílio financeiro, ora por se encontrarem no sanatório ou no leprosário, ora por necessitarem de recursos para a compra de instrumentos de trabalho.

Esta foi a maneira que achei para “ler” e “ver” estas cartas pessoais, entendidas como objeto cultural, na perspectiva de Gomes (2004). Para mim foi como atualizar este passado, pois se tratavam de cartas das décadas de 1950 e 1960.

As cartas redigidas por Luiz Lacerda analisadas neste trabalho são cópias datilografadas, certamente, no ato da escrita era utilizado por ele ou seu

contador papel carbono para aquisição de uma segunda via destes documentos. Neste acervo identifiquei algumas correspondências que tratam de respostas encaminhadas pessoalmente por ele a quem lhe escrevia. Outras eram, primeiramente, enviadas a seu contador Aristides para que este resolvesse pendências descritas na missiva.

Embora, estas cartas, os telegramas e ofícios, por ele escritos possam expressar discursos que mobilizam a sinceridade como valor de verdade, não entendo estas fontes que interpretei como formas naturalizadas e espontâneas, assim como alerta Gomes (2004, p. 22).

Na leitura destas correspondências observei em cada uma seu teor. E daí, identifiquei construções daquilo que estou chamando aqui de imaginário no sentido de Castoriadis (2007).²³ Em várias cartas, como também nos relatos destas pessoas, certifiquei-me de construções que conferem à Descalvados o sentido de cidade.

Mas o problema não para por aí. O meu tormento maior foi perceber se havia ou não rigidez nestas construções. Este autor fala do funcionamento do imaginário como uma espécie de entidade estática que se repete, mas sem dar às relações a rigidez do conídico,²⁴ pois, uma tal rigidez não pode existir plenamente na sociedade (2007, p. 45).

Para compreender formas de elaborações deste imaginário da experiência precisei fazer apelo às significações sociais inscritas como formulações nestas cartas e em outros documentos e, ainda, recorrer aos sentidos que estes trabalhadores constroem e o que disto eles apreendem como importante.

Apesar de o próprio Castoriadis dizer que não há metodologia nem resposta definível para o entendimento das significações sociais, trilhei alguns caminhos como possibilidade de interpretação, o que mostro ao longo desta tese.

²³ Identifiquei também entre as narrativas destes trabalhadores fortes formulações deste imaginário da experiência, o que me limito a discutir ao longo desta tese, mas especificamente no quinto capítulo.

²⁴ “Conídico”, “conidizável”: neologismos introduzidos por este autor para designar a dimensão conjuntivista-identitária do real (CASTORIADIS, 2007, p. 46).

Questionei a alguns destes trabalhadores: como faziam para se comunicar via cartas, diante do número significativo de analfabetos entre eles? Sr. Bráulio Torres, 67 anos, aposentado me disse que pagavam o escrivão, termo por ele empregado, para redigir cartas que pretendiam direcionar à família.

Ressalto que na fazenda Descalvados havia Casa de Correios e Telégrafos com CEP próprio, cuja Caixa Postal era 26. Então, compreendi que esta fazenda já tinha endereço e que isto provoca na lembrança destes sujeitos a idéia de importância, quanto aos seus processos de identificação. Ter endereço, ter comunicação, ter referência.

Além desta importância por eles concebida, Descalvados, como entreposto comercial, já ter endereço,²⁵ facilitava os meios de comunicação com empresas de distintos locais do Brasil como do exterior.

Ao manusear cartas, ofícios, telegramas, cartões empresariais, cartões de agentes civis ou de políticos foi possível ver que os destinatários eram de diversos lugares. Somado a isso, os relatos de alguns trabalhadores concluem que o selo postado na embalagem das mantas de carne funcionavam como indício de que seguiam para vários caminhos.

Depois de peneirar a documentação escrita encontrei apenas estes dois envelopes de 1954, cujos remetentes eram de Corumbá e Aquidauana, atual Mato Grosso do Sul.



Figura: 30



Figura: 31

Fonte: Acervo Privado da Faz. Descalvados.

Local: Faz. Descalvados.

Digitalização dos Documentos: Gláucia Péclat/2009.

²⁵ Assim como NEIVA (2008, p. 125) se referi em seu trabalho "*Brasília já era endereço*". In: Imaginando a Capital: cartas a JK (1956 – 1961). Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.

Contraria ao procedimento metodológico de Neiva (2008),²⁶ porém a respeito, quando debate a importância de conservar a privacidade da correspondência, por se tratar de *foro íntimo*. Aqui optei em compartilhar com todos o nome do remetente e conteúdo publicado em cada carta.

O argumento desta autora tem como eixo alertar para implicações teórico-metodológicas – e éticas – da “manipulação, seleção e também censura” da correspondência (NEIVA, 2008, p. 134).

Estas cartas por mim analisadas se encontravam em domínio particular de Luiz Antônio Lacerda – filho primogênito de Luiz Lacerda, mas na responsabilidade de Pedro Cardoso (gerente da Descalvados em 2009). Assim, ele autorizou a manipulação destas correspondências para meu estudo. Tudo isso porque nossa relação se constitui em níveis de confiabilidades.

Para ele, pesquisar e divulgar no meio acadêmico a história desta fazenda: “*é uma maneira de se preservar sua memória*”. Então, sinto-me autorizada em tornar públicas temáticas deste material e, especialmente, seus remetentes.

1.4 – As fronteiras do Eu e do Outro

O que quero exprimir aqui não são apenas as formas como, em geral, as narrativas são filtradas e a maneira como emergem segundo o momento, mas principalmente a maneira como o estranhamento entre o eu e o outro pode levar à clivagem dos acontecimentos. Ao tratar do estranhamento na direção das diferenças, irei relatar em poucas palavras e em partes minhas experiências nesta fronteira Brasil/Bolívia.

²⁶ NEIVA, idem, 2008.

Porto Limão é uma vila (aglomerado de domicílios) localizada entre as coordenadas 16°06'39" S e 58°00'08" W. Situada a 60 km do perímetro urbano de Cáceres - MT, no entorno do Km 45 da BR-070, às margens do Rio Jauru, na região do Corixa, fronteira Brasil - Bolívia (CABRAL & CARNIELLO, 2004).

O meu encontro com este grupo de trabalhadores da Descalvados em Limão me permitiu ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, como afirma Geertz (1989). Este estranhamento possibilita pensar “nos processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 2003).

Assim, a partir daqui, o eu e o outro se transformam em sujeitos narradores/pensadores (BENJAMIN, 1994; MAGALHÃES, 2004).

Isolada, tomada por relações tensas, sentidos ambíguos de comportamento, pessoas simples, tráfico de drogas, mulas²⁷, turistas, pescadores, agregados, arrendatários, trabalhadores, policiais e bela paisagem: a fronteira carrega vários sentidos de linguagens.

Nesta região de fronteira Brasil/Bolívia a que corresponde Porto Limão, como em qualquer outro lugar, as condições de vida são permeadas por harmonia, mas também por tensões.

Para Januário (2004) em *Caminhos da Fronteira*, existem conceitos construídos a partir das visões de mundo, dos interesses e dos valores sócio-culturais relacionados ao do militar, ao morador local, à academia e à imprensa.

Para o primeiro grupo, a fronteira existe e pode ser vista, está delimitada e assinalada em mapas. Para eles a fronteira seria sinônimo de patriotismo, de amor à nação, de civismo. Para os moradores locais, a fronteira não se configuraria em um espaço concreto, em linhas e limites estabelecidos. Fronteira seria para eles um lugar de vivências, um lugar com o qual eles

²⁷O termo mula é utilizado para expressar aquelas pessoas que são contratadas para atravessar a fronteira e trazer para o Brasil mercadorias sem nota ou mesmo drogas.

manteriam uma relação humana, particular, teriam intimidade, teriam valores e sentimentos diferentes dos militares (JANUÁRIO, 2004, p. 95).

A grosso modo, segundo o mesmo autor, na visão do Estado brasileiro, fronteira estaria relacionada a território. E na visão da imprensa, a fronteira estaria ligada à violência, narcotráfico, roubo de carretas e carros, assassinatos, bloqueio de estradas, apreensão de drogas e armamento, confronto entre traficantes e policiais entre outros (idem). Entretanto, adoto e compartilho aqui da noção de que não existe apenas “a fronteira”, mas sim, “várias fronteiras” inseridas neste espaço de experiências. Para ele:

Fronteira é entendida como encontro e proximidades entre diferenças, como passagem entre diversos mundos, como comunicação entre diferentes culturas, etnias e ambientes, enfim, a fronteira deve ser pensada como um espaço em movimento (JANUÁRIO, 2004, p. 96).

Existem em Limão um Posto de Saúde, uma escola de ensino fundamental e médio (Colégio Municipal Santa Catarina) e dois estabelecimentos comerciais. Um deles funciona como ponto de parada de ônibus. Bolivianos e brasileiros transitam na BR-070, para estabelecer relações comerciais, procurar emprego, educação e saúde.

Depois da ponte do Rio Jaurú existe um Posto Policial da GEFRON²⁸ onde todas as pessoas que ali transitam têm que se identificar; avisar seu destino e apresentar as mercadorias oriundas da Bolívia que, em geral, não possuem notas fiscais.²⁹

Cheguei a Porto Limão, como já mencionei, mediante informações de trabalhadores entrevistados em Cáceres – MT. Quando pretendia pegar o transporte que faz a linha Brasil/Bolívia fui ironicamente surpreendida pelo motorista da Van, na rodoviária de Cáceres, dizendo que eu seria mais uma

²⁸ Guarda Especial de Fronteira.

²⁹ Em janeiro de 2009, quando realizei nova etapa de campo, fui informada da instalação de um Posto da Receita Federal em Corixa e que, a partir de então, atravessar com grande quantidade de mercadorias estava sendo difícil.

“*mala*” que não tinha mala, porque naquele dia eu não portava bagagens. Para amenizar nosso diálogo e iniciar uma conversa amigável, disse-lhe que gostaria de descer em Porto Limão e que ele me informasse o exato momento de desembarque.

A partir daí inicia-se a viagem. Ao longo da BR-070 observei como a paisagem local difere daquilo que eu já havia presenciado. A vegetação, nesta região, vai do cerrado ao brejo. Predominam as matas primárias, secundárias e de galerias. O clima oscila entre 21 a 24° C, com máximas entre 32° C no mês de outubro e mínimas de 15,4° no mês de julho (JANUÁRIO, 2004, p. 91).

Ao passar pela ponte do Rio Jauru chega-se logo ao Posto Policial da GEFRON. Lá fui interrogada sobre meu destino. Afirmei que iria para Limão. O policial de fronteira olhou bem e disse: “*podes seguir*”.

A viagem parecia longa, havia sido informada que duraria cerca de uma hora, dada a distância entre Cáceres e Limão. Ao chegar em Corixa, fui pega de surpresa por um movimento frenético de taxistas bolivianos e passageiros que desceram apressadamente para o embarque no táxi. Fiquei aguardando a Van se deslocar e continuar viagem, mas fui, novamente, surpreendida, quando me perguntaram qual era meu destino. Respondi: “*Limão!*”. Ouvi uma voz em tom de sarcasmo, dizendo: “*Limão ficou para trás, a 45 quilômetros*”. Meu desespero foi total, pois tudo aquilo me era fortemente estranho.

Desesperada, atávica, com medo, fiquei preocupada em como voltar e continuar minha pesquisa, justamente naquele dia, que havia sacado no banco apenas a quantia de pagar o transporte. Novamente, outra pergunta: “*quieres ir para a piscina?*” – perguntava-me um boliviano. Enfurecida, respondi que não, pois, aquela pergunta me ofendera pelo modo como fora colocada. Pensei que piscina fosse um lugar onde mulheres e homens fortemente armados estivessem a agradar o seu superior. Uma imagem pensada a partir daquelas presentes nos filmes, de modo geral, e que retratam movimentos da guerrilha colombiana, tráfico e outros. Quando me informaram que piscina era um riacho que fazia a divisa entre os dois países, senti-me tranqüila e comecei a andar pelo lugar e a fotografar a paisagem e tudo que me surgia à frente.

Ao entrar por uma espécie de corredor de plantações de mandioca encontrei uma mulher, de aproximadamente 23 anos, lavando roupas em uma bacia de alumínio. Ela se encontrava em uma clareira em plena mata ciliar, à beira do riacho (piscina), e estava rodeada por duas crianças.

Respirei a aura do lugar no sentido de Benjamin e pedi a ela que me deixasse fotografá-la. Envergonhada, disse-me não. Neste momento não visei a excitação, mas a experimentação e o aprendizado. Sinto não poder ter registrado aquele local composto por elementos espaciais e temporais.

Em seguida veio um homem aparentemente cansado e magro dizendo: *“vamos entrar...”*. Apresentei-me e informei que estava ali para pesquisar a fazenda Descalvados e se ele sabia de algum morador do Corixa, MT, que tivesse trabalhado no local. Ele respondeu: *“eu e minha dona trabalhamos lá, de lá saímos e estamos aqui. Além de nós, tem o Sr. Mário”*. Fiquei feliz e surpresa ao encontrá-lo, visto que minha presença no local se dera por engano. Fui muito bem recebida e concederam-me uma entrevista muito interessante. Então, logo o motorista me chamou afirmando que já iria retornar a Cáceres, MT, e que eu poderia descer em Limão sem pagar a passagem novamente.

Ao sair do ponto de ônibus destinado aos meios de transporte que integram o Brasil à Bolívia, passa-se por um Posto de Saúde em que é verificada a carteira de vacinação contra a febre amarela.³⁰ Ali, mais uma surpresa, eu teria que apresentar essa carteira e, no entanto, ela não estava comigo.

Com a intervenção do motorista fiquei livre da vacina e segui viagem até Limão, pois eu não havia atravessado a fronteira em direção à Bolívia – para os militares do Destacamento, estar na Bolívia é estar do outro lado do córrego (piscina), é estar a um passo depois dos marcos da fronteira (JANUÁRIO, 2004, p. 95).

³⁰ Todo esse território corresponde ao Corixa-Grande.

Ao descer na escola Santa Catarina, encontrei Márcio Vilarvas, que na época tinha apenas 14 anos. Ele me recebeu com certa curiosidade, pois não nos conhecíamos. Apresentei-me e ele me levou até sua casa para conversar com seu pai Sr. José Vilarvas, conhecido como Zé Paraguai, 72 anos, comissário de boi da Fazenda Descalvados. A princípio ele manteve certa distância, o que considerei normal em uma situação na qual dois mundos distintos se encontravam pela primeira vez.

O eu e o outro aqui se observam e se encontram diante do estranhamento. Muito atento ao que eu procurava nesta região, foi logo perguntando o que me interessava saber sobre a Descalvados?

Apresentei meus objetivos e ele me afirmou ter sido capataz, buscando e levando gado para esta fazenda, de onde viajava por até cento e vinte dias em comitiva. Lembrei na hora daquilo que Hall (2000, p. 108) fala sobre sentidos de identificação como um conceito estratégico e posicional. Senti nele a necessidade de uma afirmação que demonstrasse importância.

Importância para quem? Para seu projeto de memória. Para mim, naquele instante o Sr. José Paraguai projetava um outro significado de identificação dele no passado – o de capataz. Fiquei sabendo depois que ele era comissário de boi.

Em uma fronteira como a Brasil/Bolívia, o eu e o outro, no momento do encontro, passam a obedecer também às normas dos chamados “efeitos de fronteiras” que, definem, marcam e também fecham certos sentidos simbólicos em relação aos discursos que envolvem a identificação, numa perspectiva de Hall (2000, p. 106).

Identificar-se nesta fronteira depende de entender como os valores culturais são negociados (BHABHA, 2003, p. 20). Depende daquilo que se pensa enquanto diferenças produzidas mediante relações assimétricas.

Então, falar dessa fronteira, especialmente, de Porto Limão, depende da maneira como é pensada a diferença: não como algo velado ou fixo, mas como algo que se movimenta, que transgride os limites políticos, que não se deixa encurralar, como alerta Hall (2003). Entender minha longa caminhada por essa

fronteira depende de tais níveis de interpretação a que o historiador está sujeito e, sobretudo, depende também, de como são pensadas as permanências e as mudanças na fronteira pelos sujeitos nela envolvidos.

CAPÍTULO II

XARQUEADA³¹ DESCALVADOS: IMAGINÁRIO DA EXPERIÊNCIA ACERCA DE LUIZ LACERDA

Neste capítulo abordo formas narrativas dos trabalhadores investigados, a fim de relatar como eles constroem imagens sobre Luiz Lacerda e, assim, até certo ponto, como elaboram idéias a seu respeito, tal como: chefe administrativo, constituinte, patrão, amigo, companheiro, compadre, bondoso, saudoso e pai/carrasco. Neste quadro imaginário, posso dizer que isso contribuiu para que ele passasse a ser considerado prefeito da Descalvados.

Assim, considero imagens polarizadas destes sujeitos sociais em relação a Lacerda, apontando como estes narradores absorvem e reelaboram construções da Descalvados na figura dele. Para tal fim me apoio agora em parte na historiografia e alguns elementos da documentação escrita que foi por mim arrolada, com interesse em apontar a fase de transição entre Brazil Land para família Lacerda em 1943.

2. 1 – Quatro Irmãos, um destino: Xarqueada Descalvados

Em 1940, durante a Era Vargas, a Descalvados foi encampada e o interventor – deputado Carlos Vandoni de Barros – loteou esta fazenda. A fazenda Alegre, da Brazil Land passou para os domínios da União e foi dividida em porções de 36.000 ha. A Descalvados com 220 léguas se dividiu em 31 lotes de seis a dez léguas quadradas (FIGUEIREDO, 1994, p. 144).

³¹ O emprego do termo Xarqueada é de acordo com seu registro identificado por mim na documentação escrita e na placa que era afixada na entrada do Armazém da Fazenda Descalvados.

De acordo com as disposições do Decreto – Lei n. 2436 de 22 de julho de 1940, foram incorporados ao patrimônio nacional os bens e direitos existentes em território nacional da Brazil Railway Company e de diversas empresas descritas como dela dependentes, entre as quais, embora incorretamente, já que desde o ano de 1924 não era mais sua dependente, a Brazil Land Cattle & Packing Company.³²

Em conseqüência deste Decreto, o representante do tesouro Britânico, encaminha, em 1945, proposta de indenização ao Ministro da Fazenda, Dr. Arthur de Souza Costa. O presidente da República nomeia uma comissão que fará levantamento e avaliação de todos os valores e bens pertencentes às empresas incorporadas.

Realizado o levantamento, o D.A.S.P³³ apresenta contraproposta de indenização à Companhia e bonificação suplementar. Com relação aos trabalhadores ficaria a cargo do governo brasileiro indenizá-los e, ainda teria que assumir pagamentos com outras despesas referente à liquidação.

Em resumo, esta contraproposta, representaria para o tesouro brasileiro uma economia de Cr\$ 24.000.000,00³⁴ sobre a proposta apresentada pelo representante britânico. Há ainda de se considerar que várias e importantes questões de ordem jurídica ficaram afastadas, uma vez que nosso governo pensou em uma liquidação amigável. Admitiu a princípio, que as ações e *debêntures*³⁵ da Brazil Land se encontravam de fato em poder público inglês, conforme declarou o então representante do tesouro britânico.

Em 1943, o Livro do movimento da produção, do consumo e de estampilhas da fabrica de banha e graxa bovina passa a ser assinado por

³² Fonte: Aide – Memoire (CPDOC/FGV. Ref. SC mfdg 1945.07.20).

³³ Departamento Administrativo do Serviço Público – o DASP, foi criado em 1938 e foi a primeira tentativa de dar ao serviço público brasileiro uma organização racional, baseada no mérito e competência, num período de centralização política.

³⁴ Segundo esta documentação encontrada no acervo do CPDOC da FGV, o representante do tesouro britânico apresentou proposta de indenização correspondente a Cr\$ 57.381.000,00, sobre terras, benfeitorias fixas, semoventes e bens imóveis.

³⁵ É importante assinalar, que as *debêntures* da Brazil Land Cattle and Packing Company não são títulos segundo o conceito usual daquela palavra, na época, no Brasil. Tratava-se de “Cumulative In Come Debêntures”, que conferiam aos debenturistas o direito a uma taxa de juros de 6%, sob a condição de lucros da Companhia. Esses juros somente eram devidos em face da existência destes lucros (CPDOC, SC 1945, 07.20).

Pedro Alexandrino Pinheiro de Lacerda, pai de Luiz Lacerda, o que indica que esta fazenda agora é de sua propriedade. A banha e graxa bovina eram vendidas para a fábrica de sabonete Gessy, sediada em São Paulo. Assim, desde 1943, a fazenda Descalvados inicia relação comercial com esta empresa e passa a tratar o sebo como espécie.³⁶

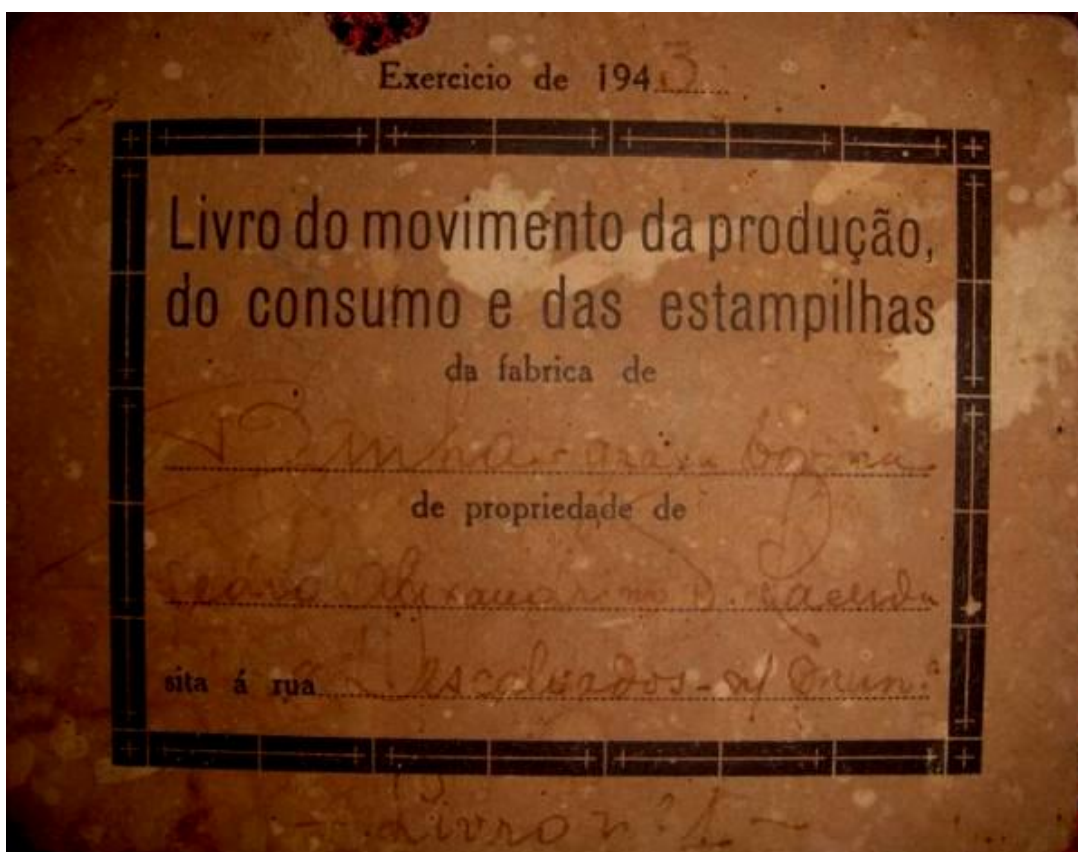


Figura 32: Livro do movimento da produção, do consumo e das estampilhas (banha e graxa bovina) Exercício: 1943. Acervo: Descalvados. Digitalização documento: Gláucia Péclat/2009.

Após ter trabalhado na fazenda Alegre de domínio da Brazil Land Cattle & Packing Company, Pedro Alexandrino se mudou para Descalvados, entre os

³⁶ No capítulo IV darei maior atenção a este assunto, uma vez que me dedicarei aos sentidos dos processos de consumo da carne e aos processos simbolicamente acordados pelos trabalhadores entrevistados.

anos de 1943 a 1945. A partir deste último ano, dá início à produção de charque, na qualidade de vendas e consignações.³⁷

Em entrevista a mim concedida, José Lacerda, irmão de Luiz Lacerda, aos 89 anos, vice-prefeito de Cáceres – MT, pelo PTB em 1958, narra que em 1935, seu avô comprou uma fazenda no município de Corumbá. De descendência argentina e portuguesa, materna e paterna respectivamente, José Lacerda afirma que ele foi o negociador na fazenda Descalvados em 1945, quando ainda estava aos 24 anos de idade. Segundo este narrador, pagou-se a quantia de dois milhões de cruzeiros:



Figura 33: José Lacerda, 89 anos, irmão de Luiz Lacerda. Data: 30/06/2009. Local: Cáceres, MT. Foto: Gláucia Péclat.

³⁷ Conforme Livro de Abertura de 22 de junho de 1945, relativo ao “Registro de Compras” e pagamento de imposto sobre “VENDAS E CONSIGNAÇÕES”, Pedro Alexandrino se dedica à produção do charque somente a partir de então.

Em 1943, arrendávamos charque do Rio Grande do Sul, só em 1945 que entramos na fazenda e ela estava desativada. Os americanos produziam extrato de carne em lata. (...) Éramos quatro irmãos, João Lacerda, Ulysses Lacerda, José Lacerda, Luiz Lacerda. Entre 1945 a 1952, não havia exportação, somente matança de quatro mil e trezentos rês, por mês. Dois irmãos saíram da sociedade, por divergências. A produção embarcava na lancha e no trilho da Noroeste. O mercado mais seguro era São Paulo. Vendia também para o Nordeste (...).

Sua narrativa chama atenção para dois aspectos. O primeiro deles: a experiência com arrendamento do charque no Rio Grande do Sul. Isto sugere, de certa maneira, a influência sulista e possivelmente argentina na Descalvados após 1945. O segundo se refere à fase inativa do saladeiro, em que o setor de produção do extrato de carne e charque foi desativado neste momento transitório entre Brazil Land para a família Lacerda. Suponho que isto esteja ligado a um período curto de apenas três anos, uma vez que esta fazenda ainda se encontrava em domínio da Brazil Land Cattle & Packing Company, até 1940.

Então, notei desavenças entre irmãos. Nesta entrevista ele enfatiza sua participação na negociação da compra desta fazenda como fundamental. Ao longo da mesma percebi divergências, tanto do ponto de vista político, como econômico. Compreendi que a exaltação à sua própria imagem foi elaborada durante nosso diálogo. Imagem que ele fez questão de construir, com sapiência, especialmente, pelo homem político que foi na cidade de Cáceres, MT e, pelo número de políticos que existem, ainda, na família.³⁸

Durante a entrevista, o Senador Márcio Lacerda, do PSDB, seu filho, esteve o tempo todo ao lado do pai, e sempre que possível, realizava interferências, procurando mostrar a participação e importância do mesmo, na negociação da compra da Descalvados. Além disso, procurou reforçar ainda mais as intrigas entre os irmãos Lacerda, chamando atenção para as

³⁸ Sobre esta exaltação à qual me referi, posso me utilizar das reflexões de KHOURY que explica: “a cultura não é pensada como curiosidade ou exotismo, mas enraizada na realidade social, impregnada de um sentido intenso, por meio da qual as pessoas se expressam, reagem, exercendo, ou não, suas possibilidades criativas, forjando os processos de mudança social” (KHOURY, 2001, p. 80).

diferenças políticas e partidárias entre José Lacerda (PTB) e, em especial, Luiz Lacerda, que era da UDN.

Ainda no ano de 1945 foi registrado, em Livro Caixa, que Luiz Lacerda pagou impostos sobre notas de compra e venda (n° 831 e 832, datadas de 01 de junho) correspondentes a uma dívida da Brazil Land Cattle & Packing Company ao Banco do Brasil – SP, tornando esta empresa sua credora sobre um total equivalente a CR\$: 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros).

		DEBITO	CREDITO	SALDOS	
				DEBITO	CREDITO
1945					
junho 1	Sup. de 14 compra de mercadorias de carne bovina - empresa Brasileira, com notas de crédito n° 831 e 832 e faturas anexas		291.000,00		291.000,00
	of. remessa pelo Banco do Brasil, a São Paulo				
	empresas locais em 14 pontos	291.000,00		291.000,00	
	Sup. de despesas com a remessa acima na referida	2.228,00		2.228,00	
	4 nota 25.833	131,00		131,00	
11	Sup. de pagamentos de 17.01.30 e 31		40.000,00		40.000,00
11	Sup. de 14 remessa 14/06		42,30		42,30
	Des. de 14 sup. valores faturas de Lacerda	2.115,00		2.115,00	
	of. remessa por parte de Lacerda	40.000,00	1.000,00		41.000,00
					41.000,00

Figura 34: Livro de Registro (Débito e Crédito) - Brazil Land Cattle e Packing Company – 1943. Fonte: Acervo privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Foto: Gláucia Péclat/2009.

De acordo com o cartão da Coletoria Estadual de Cáceres, sob Vendas e Consignações, mediante Decreto n. 296 de 1939, os Irmãos Lacerda & Freire Ltda assumem negócios na Descalvados de comércio a retalho, em maio de 1945. Nota-se neste cartão a participação de outro membro integrante nesta sociedade, mas, segundo narrativas orais de alguns destes trabalhadores, o cunhado de Luiz Lacerda, logo deixou de ser sócio, em razão de desentendimentos.

Ao assumirem a fazenda, os Irmãos Lacerda recuperaram todos os prédios na época do período belga. Os índios Bororo estavam enfrentando

forte onda epidêmica de tuberculose. Foi preciso levar um médico e criar uma farmácia no local para erradicar a doença, afirma José Lacerda, em seu relato.

Entre este período de 1945 a 1949, João Lacerda, Ulysses Lacerda, José Lacerda e Luiz Lacerda investiram nessa charqueada. Segundo ainda Sr. José Lacerda, neste mesmo ano, à medida que abatiam cerca de 10.000 reses por safra, é desativada e proibida a produção de carne de charque em todo Brasil, o que levou à saída de dois destes irmãos da sociedade.

Para esse narrador, Luiz Lacerda pensava somente em “*dinheiro, dinheiro*”, enquanto Ulysses seu outro irmão pensava somente em “*farras e bebidas*”. Assim, mediante divergências, controvérsias e diferentes perspectivas, a sociedade entre os Irmãos Lacerda Ltda chega ao fim em 1949.

Quanto ao término da sociedade, José Lacerda narra que a indenização proposta por seu irmão Luiz como forma de pagamento das despesas por eles investidas jamais foi paga, gerando posteriores rixas entre irmãos.

2.2 – “Um por todos, todos por um”: Luiz Esteves de Pinheiro Lacerda



Figura 35: Foto de Luiz Lacerda no hangar da Faz. Descalvados (s/data). Fonte: Acervo particular. Local: Cáceres. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2006.

A fotografia acima de Luiz Lacerda serve neste momento para pensar a apropriação da história em seu conteúdo. Darei o nome a essa foto de *sob o signo do “clic”*, título utilizado por Lissovsky (1998), quando discute a Fotografia e História em Walter Benjamin. Não pretendo debater com ele os métodos de análise de fotografias, mesmo porque não é esta minha intenção neste capítulo. Algumas interpretações a respeito se farão em outra parte desta tese.

No caso desta foto, posso dizer que a imagem aí registrada confere densidade temporal ao presente, porque o tempo não é vazio. Ela possui como conteúdo a própria história. Esta fotografia me foi gentilmente apresentada por Sr. Tomaz Aquino, em entrevista na qual ele narra com orgulho sobre a importância de tê-la guardada, do presente, que ganhou de seu patrão como lembrança. Decidi, neste capítulo, tratar de imaginários praticados, elaborados tanto por Luiz Lacerda como por estes trabalhadores.

Este momento com Sr. Tomaz Aquino foi importante para que eu pensasse as lógicas de trabalho que envolvem esta charqueada. Já havia o entrevistado um ano antes, quando em 2006, após horas de diálogo, ele me confiou narrar sobre quem era Luiz Lacerda e como mediava suas relações com os trabalhadores. Ele era capataz. Luiz Lacerda era patrão. E os demais trabalhadores desta fazenda? Como pensavam/pensam a relação de trabalho instituída na Descalvados?

Esta não é uma resposta fácil. Quando estes trabalhadores narram a respeito desta relação de trabalho, fazem pausas, silenciam. Uns colocam que *“o patrão era bom”*. Outros narram que até *feitiço* fizeram para que Luiz Lacerda e sua família pagassem pelo que fizeram com eles. E as respostas parecem se concluir aí. Na tensão entre bondade/feitiço (o que pode significar/indicar maldades recíprocas), resolvi trabalhar, neste capítulo com cartas e outros documentos escritos, partir de narrativas escritas e orais, para perceber como a imagem de Luiz Lacerda é elaborada e construída por ele e por outros, em especial, por estes trabalhadores a quem dedico atenção.

Não tenho interesse em considerar estes trabalhadores como resignados. Pretendo, ao contrário, mostrar como estas narrativas escritas e orais indicam possíveis formas de como se dão as recordações deste grupo, porque passaram por indeterminações, processos abertos a interpretações. Nas palavras de Matos (2001, p. 18), é através destes possíveis processos que

se exerce a ação de tempos heterogêneos.

As cartas, as narrativas orais, ofícios, entre outras fontes que utilizo aqui, traduzem, de certa maneira, modos de pensar destes trabalhadores e outros sujeitos sociais acerca do tempo de Luiz Lacerda. Nesta questão-problema, várias vozes aparecem aqui: a do doente leproso, desembargador, político, juiz, trabalhador, a do religioso, a de mulheres pobres e ricas, como D. Stella, proprietária da empresa Kodak, a caçadora de onças, que escreve a Luiz Lacerda querendo se informar da data ideal para fotografar este animal no Pantanal.

Estes sujeitos repetem histórias, trazem à tona várias vozes, contam de novo o conteúdo de suas vivências (BOSI, 2003, p. 44). Além disso, a própria voz de Luiz Lacerda aparece em interlocução com estes outros. Por isso, elegi algumas das várias cartas, para em consonância com essas narrativas orais, indicar como Luiz Lacerda era e é percebido pela memória escrita e oral de muitos daqueles que em certos momentos - duradouros ou não - tiveram alguma experiência com ele.

Ao considerar que uma carta significa “escrita de si” (GOMES, 2004, p. 10), suas narrativas, interpretadas por mim, apresentam o modo como Luiz Lacerda era pensado pelos trabalhadores desta fazenda e como ele, em contrapartida também, os pensava.

Lacerda e trabalhadores escreviam sobre eles mesmos, colocando-se diante de uma espécie de espelho. Como disse Foucault (2006, p. 156), o próprio rosto perto do outro. E completa, ainda, a carta prepara de certa forma um *face a face*.

A escrita de cartas pode revelar práticas culturais, onde o foco é a produção de si. Nas palavras de Chartier (2007) pode expressar a escrita de seu tempo. Aqui o que me interessa é o tempo de Luiz Lacerda. É a problematização deste passado via cartas, ofícios, cartões empresariais, postais, telegramas e relatos orais. Buscar estas outras fontes me foi caro, pois, tive que deixar de ouvir estes narradores por um tempo, por um curto prazo de tempo. Lendo as fontes escritas, visuais pude escutá-los em pequenos trechos. Nestas escritas de si, deles, observei que revelavam aquilo que eles não queriam dizer, e mais, repetiam aquilo que eles elegiam narrar.

Muitas cartas são cópias, registros do arquivo particular de Luiz Lacerda,

legitimando o que ele disse e o que pretendeu dizer. Cuidadosamente estas cartas foram guardadas por ele, apesar de muitas terem se perdido em razão da falta de acondicionamento adequado, não por sua culpa, mas por outros membros de geração posterior. Na preocupação em organizar seu escritório havia, contudo, a intenção também de que ele fosse lembrado.³⁹ Não se previa o futuro desta fazenda, entretanto projetava-se ali, uma intenção de memória dele e de suas relações com aqueles que ele considerava como trabalhadores. É mais que se organizar. É lembrar!

Escrever cartas é narrar sobre nossa própria vida e a dos outros. Sua escrita expõe sentimentos, intimidades. Significa mostrar-se para o outro, expor-se. Segundo Gomes, quem escreve informa, comunica algo para alguém. Revisa em certos aspectos a vida cotidiana, produzindo significados. A escrita de si também pode ser considerada uma forma de produção da memória que merece ser guardada e lembrada (GOMES, 2004, p. 16 e 19).

Antes mesmo de me dedicar à análise destas cartas, escolhi aqui entre vários documentos por mim arrolados nesta fazenda, o cabeçalho do Ofício de nº 51/A-4, datado de 1962, e um pequeno trecho deste documento, para discutir a imagem de Luiz Lacerda vista por ele e construída por outros. Trata-se de um fragmento de documento que possibilita a começar a se entender, entre outras questões, como os trabalhadores se auto-atribuem como “descalvadiano” ou “descalvadiano puro” e ainda, ‘crioulo’ da Descalvados. Então, venho tratando aqui da trajetória de construção destas categorias de identificação, como me incita a fonte abaixo:

São Paulo, 14/11/1962

Do: Comandante

Ao: Sr. Prefeito de Descalvados⁴⁰

Assunto: Zona de Proteção do vôo dos aeroportos.

(...) – Solicito atenção de V.S. para o decreto lei nº 7.9 (...) remetido, por cópia, a essa prefeitura (...)
(Brigadeiro do ar – Anysio Botelho. Comandante da 4ª zona aérea).

No conteúdo do ofício, o então comandante solicita providências àquele

³⁹ Luiz Lacerda doou grande parte do acervo da Brazil Land para NUDHEO – Núcleo de Documentação Escrita e Oral da UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso.

⁴⁰ Grifos meus.

que ele trata como prefeito, para que ele garanta a segurança dos vôos, afirmando que não seria permitida nenhuma modificação do estado atual do campo e das edificações existentes, sem autorização prévia da quarta zona aérea.

O emprego da palavra prefeito dirigida a Luiz Lacerda somente pode adquirir significado histórico mediante o estudo de suas práticas, quando interpretado em suas relações e interconexões com aqueles que com ele tiveram alguma experiência. Na perspectiva de Montenegro (2010, p. 30), “as palavras também, ao serem enunciadas, não oferecem por si a verdade do mundo”. Tanto o é, que em entrevista anteriormente referida, seu irmão, José Lacerda nega qualquer sentido ou a condição de prefeito a Luiz Lacerda.

Tratando-se de um jogo de disputas, torna-se complexo apontar para os sentidos e significados desta expressão – prefeito - se proponho em me apoiar nas narrativas de José Lacerda. Por outro lado, ao considerar que a região é concebida como Descalvados (aqui me reporto à concepção de Pantanal de Descalvados) e ao ponderar a importância de se avaliar relações e interconexões, Luiz Lacerda se fez prefeito e era pensado como tal. Ademais, estes trabalhadores atribuem a esta fazenda um sentido de cidade, por sua grandeza e características arquitetônicas: edifícios, comércio, ruas e avenidas.

Assim, ao considerar que a identificação atribuída a Luiz Lacerda é de chefe de administração municipal, isto me leva a pensar sobre modos como ele e outros construíram sua imagem. Entendo que isto indica ou enuncia um atributo, que ele, possivelmente, não possuía anteriormente, na época da sociedade com os Irmãos Lacerda, mas que mais tarde passa a ser reforçado e/ou, talvez, instituído. Leva-me a pensar, ainda, nos sentidos de identificação destes trabalhadores com a Descalvados.⁴¹

Na relação entre guardar e reter aquilo que a memória, em certos casos, não esquece, a imagem por ele construída e por outros também reforçada, parece que está ligada a algo que se pretende instituir como legado. Falo da idéia de imortalizar sua própria pessoa.

Nesta perspectiva, a imagem de Luiz Lacerda como prefeito parece não

⁴¹ No último capítulo me disponho a analisar melhor esta dimensão. Assim, os sentidos de identificação por estes trabalhadores construídos dependem, em certa medida, das discussões que nele se farão presentes.

ser objeto dado, mas produção cultural, um objeto construído, produzido por ele e por outros. E são estas as relações e interconexões que me proponho analisar, mediante narrativas orais, cartas e demais documentos por mim arrolados nesta fazenda.

Luiz Lacerda procurava sempre manter relações diplomáticas com deputados, senadores e ministros, além de outros representantes políticos. Em 1958, João Ponce de Arruda, governador do estado de Mato Grosso, visitou Descalvados com objetivos de buscar apoio político em função da importância que Lacerda conquistou nesta região, respaldado no número de trabalhadores que ele empregava em sua fazenda. Neste mesmo ano, seu irmão José Lacerda (fundador do PTB na região) é eleito vice-prefeito na cidade de Cáceres, mediante apoio de seus correligionários.

José Lacerda em seu relato rememora a colonização dos anos de 1960 e me diz,

Em 1964, enfrentamos uma crise política e econômica brasileira. Nos primeiros anos do regime militar eu vendia carne no açougue do mercado de Cáceres. Todo o gado magro era vendido para internada em Barão de Melgaço e, o que levou os grandes pecuaristas a recuperar foram investimentos no mercado de São Paulo.

Para entender o processo de colonização mato-grossense que se inicia já na década de 1950, durante os governos de Fernando Côrrea da Costa e Ponce de Arruda, vale ressaltar que ocorreu a alienação de 20 glebas de 200.000 hectares. Entretanto, a maioria das empresas que se apropriaram destas terras não executou os projetos de colonização, segundo Barrozo (2008). Por elas estarem situadas na região do Guaporé, Jaurú e Baixada Cuiabana, contudo desprovidas de infra-estrutura adequada, com o tempo os assentados deixaram os lotes, dando lugar à agricultura mecanizada e pastagens (BARROZO, 2008, p. 23).

Para a interpretação das fontes aqui consideradas, pode-se citar Foucault, que diz: em cartas se dá conselhos. A carta abaixo, encaminhada a Luiz Lacerda, toma forma de uma série linear, trabalho de pensamento, trabalho pela escrita, trabalho na realidade, conforme assinala Foucault (2004, p. 147). A sua leitura permite de certa forma perceber este trabalho de

pensamento que seu autor elabora ao requerer ao político o apoio de colegas e dos trabalhadores.

RJ, 3/8/1960

(...) Agora, desejo pedir um favor seu, dependendo, é claro, de você não ter ainda compromisso.

As eleições estão ahi, e como eu sei que o amigo está com o grande matogrossense J. Quadros,⁴² e como além do Presidente precisamos ter governadores que estejam com ele, e com o MT, e, em especial, o Pantanal e seus criadores de gado não poderiam ficar largados, queria saber se o amigo daria o seu apoio ao Dr. Fernando Correia da Costa. (...)

Marcello.

Nas palavras de Benjamim (1994, p.132), um escritor que não ensina outros escritores não ensina ninguém. Estou considerando este trecho da carta citada anteriormente como parte de um atributo deste *autor como produtor*. Relações entre relatar, combater, não ser espectador, ser participante ativo. Assim, penso que também o próprio leitor se torna parte desta carta.

Neste jogo de palavras, para quem Marcello escrevia? O texto informa que ele escrevia para um grande produtor de charque. Percebe-se que há no conteúdo desta carta propósitos de ensinamentos, especialmente, quando se refere aos criadores de gado do Pantanal que não poderiam “*ficar largados*”. Eram os anos de 1960 e Jânio Quadros se candidatava à presidência da República, além do apoio a ele garantido por Luiz Lacerda, Mato Grosso, em especial o Pantanal precisava – lendo a carta nas entrelinhas - de um governador que dialogasse com o então presidenciável.

Em 1962, Aristides contador de Luiz Lacerda escreve carta ao “distinto” Dr. Renato, dizendo que o “Chefe Luiz”⁴³ achava-se com ele e solicitava o seguinte obséquio:

Conseguir na Delegacia do Imposto de Renda certidão de inclusão. Assim, obtida a certidão, a mesma deverá ser remetida diretamente a ele pelo aéreo registrado, sob um aviso telegráfico a mim dizendo: remeti hoje certidão. As despesas que tiver com o assunto, peço avisar-me para o devido pagamento.

⁴² Grifos meus.

⁴³ Procurei manter a grafia da expressão chefe com C maiúsculo tal como identificada na carta arrolada em meio documentação escrita na Descalvados.

Aristides relata, ainda que Lacerda estaria no Rio no mês seguinte, em sua residência, Rua Barata Ribeiro, nº 673, apartamento 501, Copacabana. No documento, o protagonista da carta necessitaria com urgência da certidão para tratar dos papéis da viagem ao Velho Mundo, com D. Alicinha e filha. Afirma que seu Chefe pretendia passar mais de um mês na Europa, visitando Portugal, Espanha, Itália, deixando-os com água na boca e encorajando o Desembargador.

Nesta carta, além da informação do endereço de Luiz Lacerda na Barata Ribeiro, Copacabana, são tratados dois aspectos interessantes para a época: turnê ao Mundo Europeu e o estímulo de coragem ao Desembargador, certamente, para realizar a mesma viagem. Além desse programa de turismo pela Europa averigüei, após leitura, forte trânsito de Lacerda com membros de certos tribunais de justiça.

Em outro trecho desta mesma carta, Aristides escreve que o desembargador encontrava-se silencioso (não diz sobre o quê!⁴⁴) e, que da parte do delegado Pinto, não havia ainda notícia do recebimento do dinheiro relativo ao candeeiro. Mais uma vez, outro personagem que agrega poder aparece entre as narrativas da fonte analisada: o delegado Pinto. Novamente, o texto me traz inquietações. O então delegado sugere ao leitor ligações de Luiz Lacerda com o mundo dos negócios, da política e com o mundo do povo, como tratarei mais adiante.

Tudo isso exprime poder a ele concedido e por ele pensado. O poder é uma relação de forças, e esta última não pode ser entendida jamais no singular, tendo como característica essencial, relação com outras forças. Toda força já é relação na leitura de Deleuze (2006).

Dialogo com as narrativas orais e me dou conta da tensão presente quando se diz: *“ele era exigente, mas não deixava faltar comida”*. Exigente, difícil de ser contestado e, por outro lado, comida! A confiança de não faltar comida, gerava nestes trabalhadores uma noção de futuro nem inteiramente deles -nem inteiramente não deles.⁴⁵ O que dependia desta relação a que

⁴⁴ Grifos meus.

⁴⁵ Inspirei-me em MATOS, 1992. A autora instiga à produção desse texto pouco convencional.

Deleuze se refere.

Usava a carne para agradar o pessoal. Todo dia cada família tinha direito à carne. Tocava um sino e o povo pegava a carne. Era feriado: carne assada... Era um agrado para o povo (José Braz, 78 anos, aposentado).

A comida seria, possivelmente, um das simbologias desta barganha. E comida neste caso específico, ganha, em grande medida, o significado de carne de charque. Como veremos no capítulo IV, aquilo que era pensado como alimentação cotidiana - além deste tipo de carne - era mensalmente descontado em folha de pagamento destes trabalhadores.

Em entrevista concedido a mim em 2006, o Sr. José Leite da Veiga, carpinteiro da Descalvados, narra que apesar dos descontos em folha de pagamento, “*Luiz Lacerda perdoava aquele trabalhador que não conseguia pagar a dívida do Armazém*”. O Sr. Veiga declara também que isso se apresentava como mais uma de suas estratégias para manter estes trabalhadores nesta fazenda, o que mostra que mesmo o carpinteiro tinha noção do que acontecia.

Sem estes trabalhadores, mesmo que esperassem somente pela comida (isto é, carne de charque, mas não era só isso!), Luiz Lacerda não seria prefeito, patrão, constituinte, enfim, pai/carrasco, como interpretei em várias narrativas orais. Vale lembrar aqui, inclusive, das expressões amigo, companheiro, senhor e caridoso, freqüentemente encontradas em cartas a ele dirigidas.

Exmo Sr. Luiz
Saudações,
Bondoso senhor, comunico que recebi vosso registrado de Cr\$ 500 que tenho a grata satisfação de agradecer esta caridade que muito me valeu. Não podendo agradecer pessoalmente, senão em minhas preces, pedir a seus por vós e família de joelhos, agradeço.

A doente grata,
Idalina de Fátima
Sanatório Santa Izabel
25/2/59.

Ao prometer suplicar de joelhos (provavelmente a Deus) pela guarda desta família, Idalina de Fátima, agradece pela doação do registrado que Luiz

Lacerda lhe concedeu. Como a solicitação foi feita por uma pessoa doente, a imagem por ele construída e elaborada por outros também é de um homem caridoso.

Este ato de compaixão, amor ao próximo me produz uma sensação de eternização de sua imagem. Trabalhadores, idosos, doentes, leprosos atribuem a ele a noção concebida de um homem beneficente. Entretanto, posso dizer diante do que tem sido analisado, que ele foi uma pessoa empenhada em outras intenções: manter estes trabalhadores na operação do charque.

Caridoso Senhor,
Sendo eu um pobre menino doente sem recurso e tendo ferimentos.
E não tenho um parente por mim, que não tenho pai.
Venho de joelhos pedir a V.S. um auxílio pelo amor de Deus a fim de aliviar-me um pouco.
Certo de nossa atenciosa caridade rogarei a Deus, nos dê juntos família, saúde e felicidades.

O menino doente,
Geraldo Damazio da Silva
Leprosário Santa Isabel
Estação Mário Campos.

Novamente vê-se as expressões: doente, caridade e de joelhos agradeço. Palavras, por si mesmas, que sem avaliação das relações e interconexões não garantem sentido algum, se não fosse pelo contexto conferido entre a imagem que Luiz Lacerda se propôs a construir e a imagem que agentes históricos a ele relacionados elaboram⁴⁶.

Segundo algumas narrativas orais destes entrevistados, na época das águas no Pantanal, ele encaminhava o enfermo para o hospital de Cáceres. De avião ou carro, ele ordenava que se conduzisse a pessoa para tratamento. Talvez, por isso, e outras razões que vimos/veremos no decorrer deste trabalho, sua imagem era concebida por muitos como caridoso, bondoso. Isto dependia também dos interesses destes trabalhadores.

Por conseguinte, quero ressaltar que no caso de necessidades era preciso criar formas de cuidar da saúde destes trabalhadores, uma vez que eles representavam trabalho.

⁴⁶ Aqui atribuo o verbo no tempo presente porque estou trabalhando com as memórias destes trabalhadores, a partir das experiências vividas ao longo do tempo e sobretudo no tempo presente.

CLINICA ESPECIALIZADA DAS DOENÇAS
 DOS
Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta
 ENDOSCOPIA PER ORAL
 MÉDICOS ESPECIALISTAS
Dr. Villela Silva - Dr. J. Villela dos Reis - Dr. F. Villela
 CONSULTÓRIO - Rua Tiradentes, 82 - Fone, 2-066 - Caixa Postal, 198 - ARAÇATUBA
 RESIDÊNCIAS: Fones, 2-552 e 2-093

CONSULTAS **Simples - Cr\$ 2.000,00**
 Hora marcada Cr\$

Data 27 de maio de 1963

AVISO:- As operações e tratamentos serão pagos no ato

Figura 36: Cartão de Clínica Especializada. Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Apesar de certa preocupação de Luiz Lacerda em garantir assistência médica aos trabalhadores, como indica este cartão desta clínica especializada em doenças (olhos, ouvidos, nariz e garganta), dois dos por mim entrevistados narram ter ficado cegos com atividades relativas ao charque.

Saúde, comida,⁴⁷ são categorias que podem, de certa maneira, revelar laços; ora, de aproximação, confraternização, amizade, compadrio e companheirismo. Na Descalvados, possivelmente, as relações de apadrinhamento e/ou compadrio surgiam mediante algum destes laços. É comum encontrar entre as narrativas orais destes sujeitos históricos expressões como: “*meu padrinho*”, “*meu compadre*”. Aqui acolho o relato de D. Faustina Mendes,

A gente aqui [Cáceres], a senhora sabe que tem muitos conhecidos de lá [fala da Descalvados], mas eles não vem na minha casa e eu

⁴⁷ Considero importante retomar à narrativa anteriormente por mim citada neste mesmo capítulo: “*ele era exigente, mas não deixava faltar comida*”

não vou na casa deles. Única pessoa que eu fico mais perto é da minha cunhada Rafaela e do compadre Estevam. Ele tá morando lá com Damiano perto do rodeio.

Em entrevista a mim concedida, Francisca Aparecida, 34 anos, filha do Sr. Tomaz Aquino (um dos capatazes desta fazenda), narra que:

O compadre Lacerda [ela se refere a Luiz Lacerda] que dava muita comida pra festa. A gente fazia a lista e ele comprava tudo. A matula ele levava. A matula é a vaca. Assim que eles falava aqui também. Era dois dias de festa. Luiz Lacerda participava da festa quando ele estava lá na Descalvados. Ele era meu compadre, só que a gente já tinha saído da Descalvados e estava trabalhando aqui na Santa Rosa.

Nesta dimensão, as palavras cuidadosamente pensadas nesta carta abaixo tratam também desta relação compadre/padrinho:

Salvador, 30/1/59

Prezado e distinto compadre Sr. Luiz Lacerda
 (...) Reportando-me à carta de 09 do mês corrente, na qual prometi a Certidão de Batismo do garoto LUIZINHO, estou enviando-a, anexo
 (...)
 Com um forte abraço, firmo-me com estima, seu compadre e amigo.

Ildfonso Falcon

Na narrativa concedida por Francisca Aparecida ela aponta relações de compadrio entre as próprias afinidades existentes entre capataz e patrão. Afinal, ela era filha de um dos capatazes de Luiz Lacerda. A narrativa expressa nesta carta acima mostra outra dimensão: em Salvador, o garoto recebe o mesmo nome do padrinho.⁴⁸ Isto mostra que estas relações vão além do Pantanal. Salvador era um dos destinos de exportação da carne de charque. Local para onde Luiz Lacerda sempre que possível procurava se dirigir para firmar negócios.

Nesta direção, apesar de Luiz Lacerda ter batizado uma ou mais crianças deste complexo a que corresponde esta área de produção deste charque, isso não significa que as relações de apadrinhamento e de compadrio

⁴⁸ Mantive no corpo do texto a mesma grafia encontrada na carta; o nome do garoto em letras maiúsculas.

teriam estabelecido laços de igualdade ou de solidariedade. Ter batizado o filho (a) de Francisca Aparecida, pode ter Luiz Lacerda até cumprido o papel de padrinho, o que de certa forma reforçava uma relação paternalista, porém, jamais o de compadre.⁴⁹ Ainda porque ela é nova e o batismo de seu filho (a) pode ter ocorrido, depois dos anos de 1970, quando Tomaz Aquino agora na condição de gerente segue para a fazenda Santa Rosa, local onde, Luiz Lacerda foi morar depois de sua separação com Alicinha, sua esposa.

Os cartões abaixo de agradecimentos e trocas de gentilezas sugerem que além destas possíveis relações de compadrio, afinidades político-sociais que ele procurava manter, indicam formas como construía sua imagem. Trata-se daquilo que mencionei anteriormente: ser lembrado. Mesmo sendo uma prática cultural ontem e hoje, desejar boas festas, próspero ano novo constituiu-se, assim, em lembrar. Lembrar de alguém.

Não considero estas imagens como quaisquer imagens, mas sim como Luiz Lacerda projetava e tecia relações que ele procurava construir de si, consigo mesmo e com os outros.

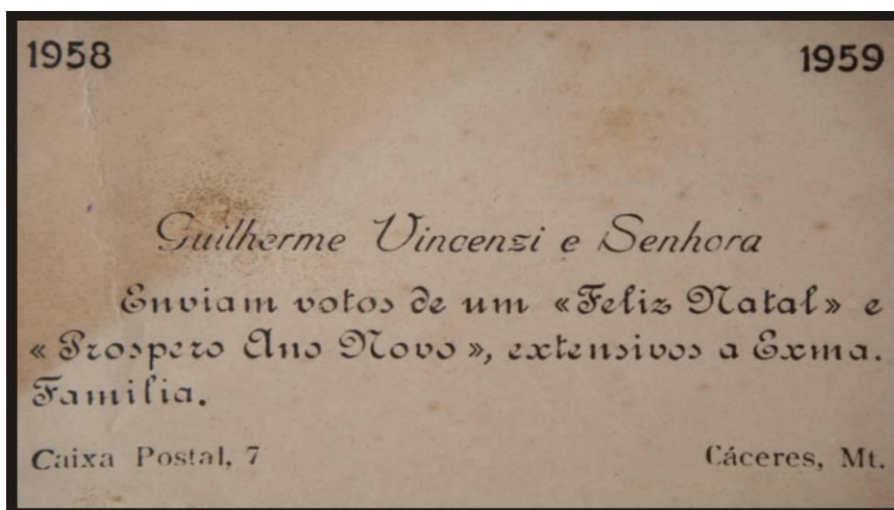


Figura 37: Cartão de Votos de Natal. Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

⁴⁹ Sobre esta dimensão ver contexto que se aproxima em: MONTEIRO (1994, p. 161).

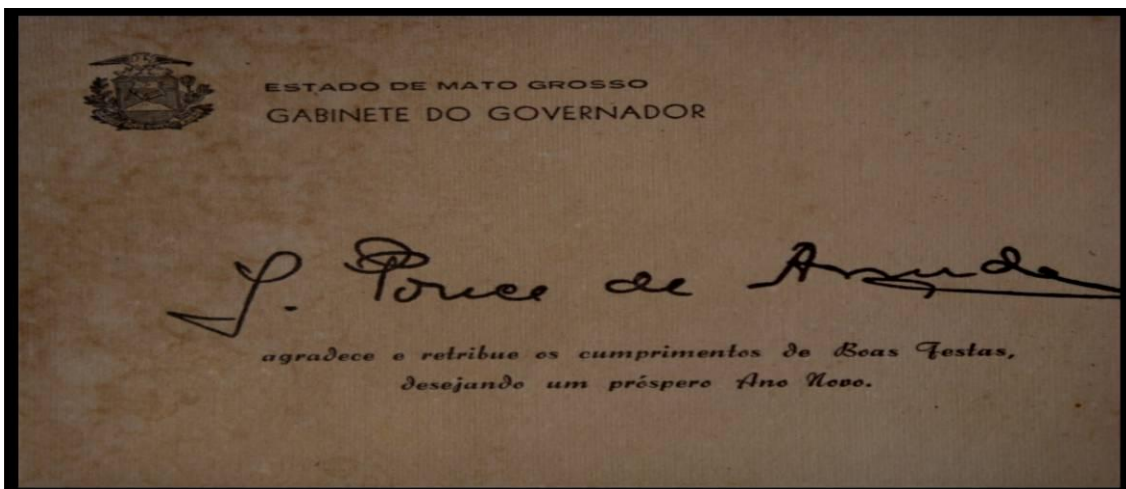


Figura 38⁵⁰

Neste cartão, o governador do Estado de Mato Grosso, João Ponce de Arruda agradece e retribui os cumprimentos de Boas Festas, desejando a Luiz Lacerda um próspero Ano Novo.

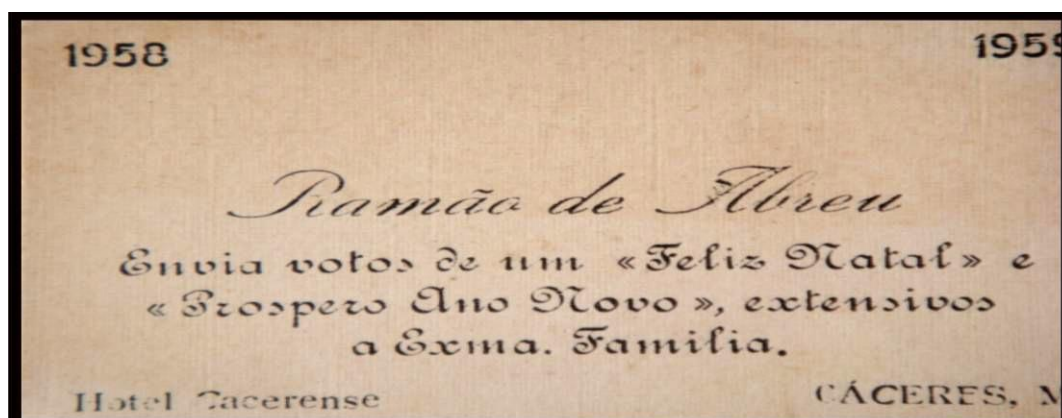


Figura 39

⁵⁰ Figuras 38 e 38: Cartões de Gentilezas e Votos Natalinos. Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

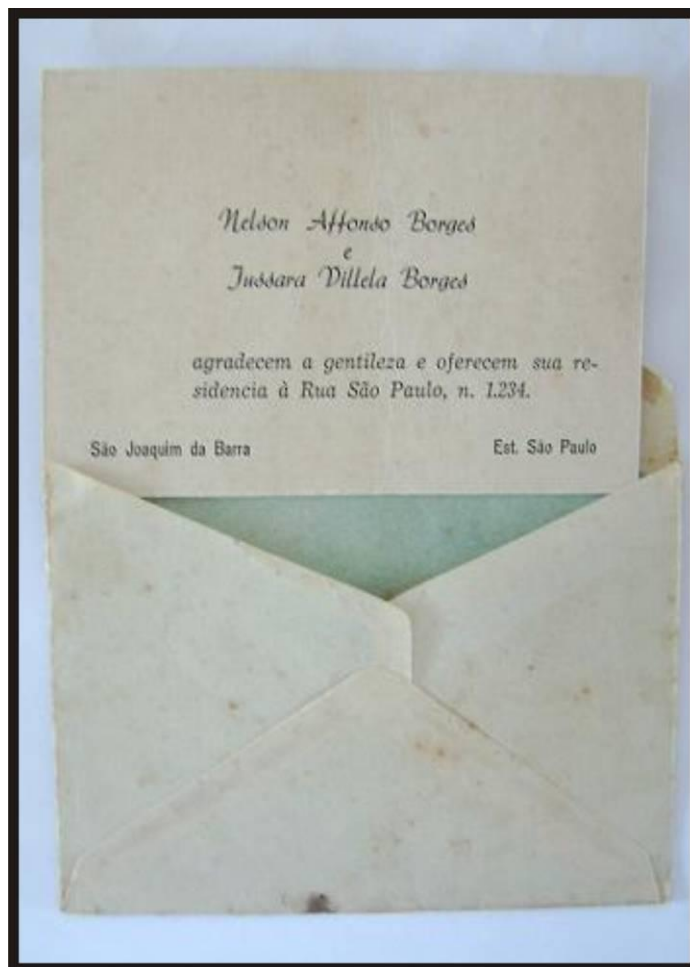


Figura 40: Cartão de Natal (1958-1959). Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Em 02 de março de 1960, Luiz Lacerda recebe carta de um amigo da cidade de Cáceres, que lhe escrevia o seguinte texto:

Por estas horas, nesta quarta-feira de cinzas, provavelmente o amigo ainda sinta o cansaço das noitadas carnavalescas sob os ritmos da marcha “Eh você aí – me dá um dinheiro aí...”, pois com sua presença em Corumbá, o amigo naturalmente, é lógico não deixou de aparecer lá pelos salões do Corumbaense, a procura de algum “broto”⁵¹ disposto a brincar (...).

Assim entre as várias imagens que ele procurava construir, uma era a de aventureiro. Luiz Lacerda, na medida do possível acompanhava turistas norte-americanos na chamada caçada da onça e ainda gostava de exaltar sua imagem com a compra de vários bens, entre eles carros do tipo Chevrolet e

⁵¹ Grifos Meus.

Ford, que pudessem garantir a ele uma imagem de homem rico e com visões, como aponta esta narrativa do Sr. José Braz:

Luiz Lacerda era um homem com muita visão. Ele investia em mercadorias pro Armazém e ainda, gostava muito de exibir carros que comprava. Adorava festas. Ir para o Clube Corumbaense. Era também um carrasco no serviço. Mas gostava de agradar e se divertir. Levava muitos amigos do estrangeiro para Descalvados. Lá ele recebia muita gente de fora do Brasil.

Além de pedidos de doações, agradecimentos por estadias na Descalvados, solicitações de emprego, o teor das duas cartas, abaixo, mostra que Luiz Lacerda recebia também aquelas com certo conteúdo de cobrança.

O teor da primeira carta aponta para algumas dimensões. Nela ele se exime da responsabilidade desta possível cobrança, alegando que desconhece o assunto, assim como, aquele que se apresenta como Rodrigo, e mais, há muito não encontra o amigo Luiz de Barros. Condiciona sua postura de parecer desfavorável à consulta prévia de seu contador, uma vez que, cansado de cobranças indevidas, ele se vê na obrigação de dizer que se trata de enleios de seu irmão e não dele, que não construiu sua vida com mochilas nas costas como se percebe na carta posterior a esta,

Descalvados, 15 de Dezembro de 1963.

Amigo Aristides Ramos,
Cáceres MT

Negócio Rodrigo ou Luiz de Barros⁵². Não tenho conhecimento algum a respeito. Rodrigo eu não conheço, o nosso amigo Luiz de Barros há muito anos não o vejo, nessas condições como poderão procurar-me para solucionar esse caso. Possivelmente trata-se de enleios habituais do mano Ulysses Lacerda. Infelizmente sou obrigado a dizer assim, porque vem acontecendo comigo. Nunca supuz que pudesse ter um irmão, que relaxasse tanto na sua conduta comercial, como estamos observando. Julgo conveniente comunicar-se com esses interessados, informando qual o meu julgamento.

(...)

Com meu abraço,

Luiz Esteves Pinheiro de Lacerda

Descalvados, 4/5/1965
Amigo Aristides,

⁵² Grifos do autor da carta.

(...) Ninguém apareceu aqui, contando fofuras, tenho tarimba suficiente para não emprenhar pelos ouvidos. A operação foi proposta por mim, acatando com resposta por telegrama aqui em meu arquivo. Negócio nessas condições, não necessita consultas, trata-se apenas de uma cobrança, qualquer bom senso compreende isso. Graças a seus constituí meu alicerce com cimento, pedra e areia de praia. Não carrego mochilas nas costas, respondo pelos meus atos propostos. Sou um homem atarefado, não vivo de braços cruzados, aguardando coisas misteriosas (...)

Com meu abraço,
L E P L

As palavras tarimba, alicerce, homem atarefado e as expressões “*não vivo de braços cruzados, aguardando coisas misteriosas*”; escritas por Luiz Lacerda incidem, de certa forma, naquilo que ele imagina sobre si mesmo, uma proposta de projeto de memória construída e fundamentada em sua trajetória de vida e experiência, tanto em questões ligadas à produção do charque como nos anos já dedicados à pecuária.

Essa cobrança a ele dirigida evidencia possíveis riscos que ele se propunha a empreender, pois, ao narrar que a operação foi proposta por ele indica que não temia outros caminhos para ganhar dinheiro. E esta foi uma das questões a que José Lacerda, seu irmão, mais reforçou na sua entrevista quando se refere a Luiz Lacerda.

Luiz Lacerda gostava de manter relações políticas e vivia para ganhar dinheiro. Ele só pensava em dinheiro. Era envolvido com grupos políticos, deputados, ministros, senadores. Ele sempre pensava em meios de só ganhar dinheiro. Ficou muito rico. Rico demais. Ele guardava dinheiro na lata de querosene quando compramos a Descalvados. Logo ficou rico demais. Éramos inimigos políticos. Ele financiou a campanha política do meu adversário.

Luiz Lacerda vivia com calça bombacha. Influência que recebeu de nossos parentes por parte de mãe. Ele usava um lenço vermelho no pescoço. Sempre estava com lenço no pescoço.

José Lacerda me disse ter sido inimigo político de Luiz Lacerda e, narra, ainda, que seu irmão “*só pensava em dinheiro*”. No conteúdo da carta abaixo observei que ele solicita empréstimos financeiros a Luiz Lacerda e se utiliza das expressões, “mano e amigo” para assinar a referida missiva. A data de envio deste documento é de 1960. Em 1958, José Lacerda é eleito vice-prefeito de Cáceres, ano que Luiz Lacerda financia campanha política do adversário dele, conforme sua narrativa.

Cáceres, 4/6/1960
 Prezado Mano Luiz
 Saúde

A finalidade desta é pedir-lhe um favor é o seguinte: Tenho um título de CR\$ 200.000,00 no B. Brasil que vence nestes dias e como não tenho a importância no momento, quero que você me arruma para pagar, e em seguida farei outro título que já combinei com o Mari, devolverei a importância, é para não fazer reforma.

Se não for possível, avise por telegrama. O vencimento é no dia 10 deste.

Certo de ser atendido,⁵³ fico desde já muito grato

Do mano e amigo
 José Lacerda

Neste Memorando, Luiz Lacerda escreve a seu contador dizendo que ele é um homem de luta, boa fé, com convicção daquilo que faz. Além disto, afirma ele: “tenho um patrimônio que responde por qualquer tipo de negócio (...) sem prejuízo a terceiros”.

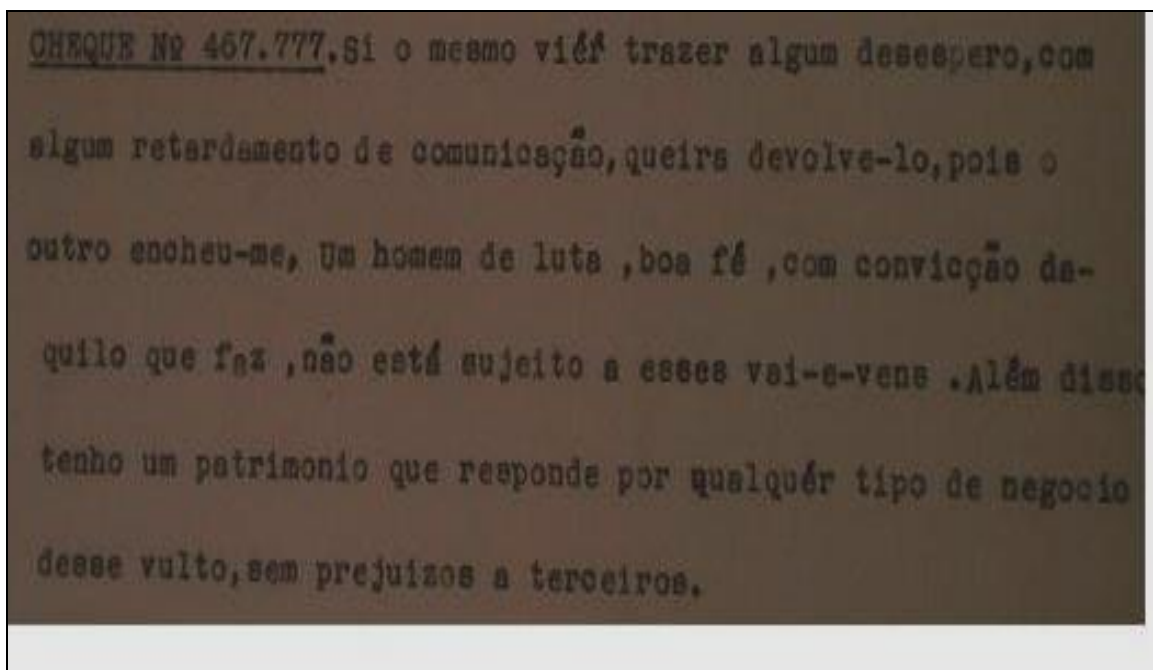


Figura 41: Memorando redigido por Luiz Lacerda a seu contador Aristides Ramos. Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Nesta carta, Luiz Lacerda escreve:

⁵³ Nesta carta havia a seguinte observação: Atendido.

Amigo Aristides,

18/4/1965.

(...) Satélite.⁵⁴ Caso minha firma ainda desfrute crédito nessa agencia, consulte se interessa operação no valor mais ou menos de CR\$ 10.000,000 referente aos telegramas em anexos, prazo 45 dias. Faça consulta antecipadamente, já que me foi negada nessa mesma agencia pelo ex-gerente cria dessa terra, operação mais ou menos idêntica, o que até hoje me abala moralmente. Essa agencia ajudei criá-la, e durante muitos anos fui dos maiores amamentadores dela. Também não sendo aceita fica um dito por um não dito. Recorrerei a outra válvula.

Com meu abraço,

Luiz Esteves de Pinheiro Lacerda.

Neste documento Lacerda solicita empréstimo, reclama prejuízos morais a ele direcionados, e fala da noção de cria, por ele concebida: “*cria dessa terra*”, “*ajudei criá-la*”, associando-a ao sentido de amamentação, quando se refere a ele como um dos maiores amamentadores desta suposta agencia bancária.

O Sr. Bráulio Torres, ao conceder-me entrevista disse:

Às vezes a gente resolvia sair da Descalvados. O patrão não gostava muito, mas não impedia, não. Quando alguém saía e ia pra outro canto e não recebia, ele mandava carta pra o patrão, tentando receber. Não sabia escrever, não. Lá no Descalvados se precisasse mandar alguma correspondência pagava o escrivão pra escrever. Agora este que saía também tinha, né, que pagar alguém lá pra onde ele foi. O povo tinha respeito com o patrão. Tinha muita coragem de enfrentar ele, não.

Em possíveis situações em que este trabalhador se sentia lesado, ele saía desta fazenda e encaminhava carta de cobrança relativa a seus numerários. Interessante que na carta redigida por Lacerda em resposta a um empregado que foi embora para Campina Grande, PB, ele diz o seguinte:

⁵⁴ Grifos do autor da carta.

Descalvados, 21 de abril de 1965.
 Caro amigo José Rondon
Campina Grande

Observei que o amigo já se encontra colocado, fazendo serviços de roça (...). Dou-lhe os parabéns. Convidei-o para voltar, por informação que tive de não ter acertado com a nova resolução de vida. Aproveite para avisá-lo que oportunamente, estudarei uma fórmula para o caso de seu pedido de numerário. (...).
 Aceite o meu abraço,
 Luiz Esteves Pinheiro de Lacerda.

As expressões “*parabéns, convidei-o para voltar, oportunamente, estudarei uma fórmula para o caso de seu pedido de numerário*”; indicam como Luiz Lacerda se utilizava de certa política de convencimento para, em até certo ponto, procurar manter trabalhadores em sua fazenda.

Estudar uma formula para seu pedido de numerário? Pagava-se, mas pagava-se uma “*mixaria*” na expressão do Sr. José Leite, que conta:

Lá na Descalvados o patrão era exigente. Pagava uma mixaria. Não recebi não meu tempo de trabalho na fazenda. Eu saí. Ele furtou a gente. Eu perdi dezoito anos de carteira assinada. Descontava no meu salário e não passava pro INSS. Hoje eu aposentei, mas por invalidez. Não foi por tempo de trabalho não. Quem me deu a condição de sair de lá foi dois amigos que trabalhava de motorista lá. Eles que me garantiram que me trazia, como de fato foi. Dia 1º de fevereiro às quatro horas da tarde nós carregamos o caminhão. Eu só avisei que não podia mais continuar.

Nesta mesma direção, narra o Sr. José Braz:

O trabalho era escravo. A Lei era Luiz Lacerda. Ele criava estratégias para contornar o pessoal. Olha, ele pagava uma miséria. Miséria!! O patrão era bom, mas no serviço era carrasco. Pagava uma mixaria.

Fátima Picolomini revela que,

Ganhava nada, coitados. Minha avó mesmo tinha umas cinqüenta e poucas vacas e o patrão ficou com elas. Ele pagava uma mixaria. Meu pai conta que pagava só um troco da bóia pra trabalhar. Agora, aqui se faz, aqui se paga. Minha mãe disse que Luiz Lacerda era o maior contrabandista de dólares.

Insatisfações, descontentamentos são termos que emergem freqüentemente, entre as lembranças destes trabalhadores. Mas o que fizeram

além de feitiços? Não receberam nem o abraço final.

Apesar do pouco número de cartas endereçadas a Luiz Lacerda por estes trabalhadores, percebe-se nelas como ele, o patrão, administrava, reagia, combatia e era questionado por estes e por outros. E muitas vezes envaidecido e vaidoso de si mesmo. Há também nessas poucas linhas escritas por estes trabalhadores *ditos e não-ditos*, o que também é notório entre certas narrativas orais.

A relação era assim: trabalhava, né? Não faltava o que comer. Trabalhava. Pagava aquela mixaria, porque nesse tempo as coisas era mais barata (Jorge Fernandes, 80 anos).

Saíram daqui sem levar nada. Levaram nada. Não levaram nada daqui. O que tinha mais folga aqui desse povo que é daqui da Descalvados é Zé Braz, porque estudou um pouco. Ele despachava o povo (Sr. Airton, 69 anos, vaqueiro).

É que na época, pra você ver, alguns saiu com alguma coisinha, outros já não saiu com nada. É porque naquela época não existia esse negócio de direito que existe hoje, era muito fraco. O cabra trabalhava dia e noite, não tinha nada disso. Ninguém pagava hora extra, igual tem hoje. O que ganhou alguma casinha foi seu Tomaz Aquino. Ele era capataz de campo (Eurico Prudente, 51 anos)..

Em 1965, Luiz Lacerda se propõe a fechar a safra deste ano para então realizar outros negócios por ele pensados. Para a Industrial Gessy Lever S.A, despacharia de 26 a 21 toneladas de sebo e na mesma data faria o embarque de mais uma ponta de bois destinados a Herculano Ribas, seu maior comprador de gado em São Paulo. Pretendia neste mesmo período encerrar matança com 1.250 animais e, com isso liquidar negócio de campo do Sucury, um de seus retiros. Assim, enfrentaria Água Verde, onde pretendia comprar em média cem léguas, formando um só lote de terras anexadas à Descalvados para transformá-la em uma Sociedade Anônima.⁵⁵

Com tudo isto, ele pretendia reforçar cada vez mais a localização privilegiada da Descalvados, pois, assim que conseguisse anexar às suas terras outros lotes criaria, então, outros subsídios para reforçar seus negócios;

⁵⁵ Fonte: Carta redigida por Luiz Esteves de Pinheiro Lacerda a seu contador Aristides Ramos, datada em 18/4/1956. Acervo Particular da Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

é o início de outras empreitadas, de outras possibilidades, da pecuária extensiva.

No quadro destas narrativas orais que se seguem, observei que há dois recortes temporais: tempo da matança e fim da matança. Este último se tornou um marco em suas trajetórias de vida. O sentido de lembranças por eles elaborado em relação a esta data (1965) é sempre do “*dia da última matança*”, ou “*matança final*”.

O saladeiro que tinha a matança, né? Eu ainda alcancei um pouco. Quando eu era criança. Ajudava muito. Tinha o velho Zeferino que ensinava a trabalhar. Eu hoje sei trabalhar porque aprendi com ele no tempo da matança (Carmo Lopes, 34 anos).

Na matança eu era charqueador e carreador. Com o fim da matança fui trabalhar na comitiva de boi, cozinhando para os peões e vaqueiros. Depois que foi acabando tudo, acertei as contas com o escrivão Zecão. Ele era compadre do finado Luiz Lacerda. Na matança aquele lugar era cheio de gente. Todo mundo tinha sua ocupação. Depois foi acabando tudo (Bráulio Torres, 67 anos).

Meu patrão deixou meu pai trabalhar lá. Nós morávamos lá na baía do Jacaré. Luiz Lacerda era dono daquilo tudo lá. Criava gado. Depois meu pai mudou. Foi pra outro lugar. Trabalhava no boi fazia a matança de boi pra ir pra Corumbá, o charque. É de matança que estou falando (Ermenegilda de Oliveira, 59 anos).

Nós chegamos lá na Descalvados em 1969. Ai, nesse tempo que nós fomos pra lá não tinha mais matança. Já tinha terminado. Eles não faziam mais charque já tinha acabado há muito tempo. Porque nós morávamos lá na outra fazenda Santa Rosa. Meu pai e minha mãe é do tempo da matança (D. Luzia, 52 anos).

No tempo da matança lá era muito bom. Nasci e criei lá. Minha mãe era de lá, meu avô, minha avó. Eles eram bugres. Era tudo índio. Minha avó conversava tudo atrapalhado. Depois saímos de lá, mas não estava acabado não. Foi muitos anos para acabar, isso acabou depois que seu Luiz ficou doente, veio embora, que arrumou outra mulher. Mas ele era um patrão, um pai e um patrão. Porque ele sustentou muita gente, criou muita gente nessa fazenda dele, no tempo da matança. Saladeiro, sabe? Que matava gado. Nesse tempo da matança nós lavávamos roupa de ganho, passava, entregava e fazia um crédito no armazém. Ai tornava a lavar ganhava um dinheirinho e ia lá pagava. Era assim, no tempo que matava muito boi (D. Ovídia Alves, 64 anos).

Eu trabalhei dezoito noites na matança, que foi pra fechar, porque não ia mais matar boi, ai matou. Eu não sei quantos boi que matou nessa época. Sei que tinha dia que matava de oitenta a cento e poucos bois. Tudo isso era pra fechar. Ai foi o último charque, que eu ainda trabalhei dezoito noites (Eurico Prudente, 51 anos).

Chamo atenção aqui para as transformações as quais muitos deles passaram: Em 1945, os irmãos Lacerda compram a Xarqueada Descalvados. Em 1965, Luiz Lacerda propõe o fim da matança e dá início a pecuária extensiva, que se intensifica nos primeiros anos da década de 1970. E neste sentido, esta narrativa do Sr. José Vilarvas contribui com minha interpretação:

Luiz Lacerda investe pesado na engorda do boi nelore. Ele vendia para São Paulo pro frigorífico Bordon e para Herculano Ribas. Ele trocava dois bois tucuna por um nelore, porque o tucuna tem pouco valor, já o nelore valia muito e era mercado garantido.

Este período leva boa parte destes trabalhadores não envolvidos neste setor a se dispersarem e serem dispensados, conforme recibos de acerto de contas e ou de serviços prestados datados de 1978. Nestes recibos identifiquei o pagamento efetuado sobre serviços prestados na Descalvados, Santa Rosa, Pescaria, Retiro do Sucuri, Porto Lacerda e Fazenda São Sebastião. Os cargos de ocupação também aparecem nestes documentos como, doméstica, lavadeira, operador de máquina, trabalhador braçal. Em alguns recibos existem apenas referências de prestação de serviços, segundo contrato, não indicando profissão.

Em 1990, ocorre praticamente a falência desta fazenda. Quando assisti ao documentário *O lado desconhecido do Pantanal*,⁵⁶ notei na narrativa de D. Maria Anuncia Fernandes (mãe da Selma Torres), a declaração dela que havia somente sua família e mais alguns trabalhadores no local. Percebi no vídeo que parte dos edifícios já se encontravam em fase de destruição. Além disso, identifiquei no Diário da Fazenda Descalvados (registro de acontecimentos cotidiano) que em 1987, surgem os primeiros indícios de interesse de venda desta propriedade, por parte de um dos herdeiros.

Esse conjunto de experiências que lhes conferem identidades, como sugere Matos (2001, p. 18). E como essas variações refletiram diretamente em

⁵⁶ Produção e Direção de Sérgio Boldassarini Jr. Narração de Paulo Goulart, com participação especial de Lucélia Santos. Trilha sonora: Maestro Rafael Righini. Realização e distribuição: SBJ – Produções. Produção: 1990. Assisti ao documentário na escola Santa Catarina, em Porto Limão, na companhia de Márcio Vilarvas.

suas vidas, eles recordam esse momento como retorno das possibilidades perdidas.

A matança acabou e ai fomos embora. Cheguei em Limão em 1972. Tinha pouca gente aqui. Muitos seguiram pra outros rumos. Bela Vista, Corumbá. Tem gente esparramado pra todo lugar. Lá na época da matança a gente tinha mais garantia, porque tinha trabalho pra todo mundo. Depois ficou mais foi vaqueiro. Mais ficou gente lá ainda quando eu sai (Amâncio Fernandes).

Para estes trabalhadores recordar esse momento desta fase de transição da matança para a pecuária extensiva é um choque. E na perspectiva de Matos (2001) é uma repetição no sentido da recordação. Daí, estas formas narrativas se tornarem importantes elementos para a compreensão da própria noção de tempo por eles elaborados, pois, mostram a complexidade de acontecimentos.

Esse retorno das possibilidades perdidas que aqui me refiro não se trata apenas daquilo que não aconteceu, mas essencialmente daquilo que dá início a um fim: o tempo da matança. O tempo do saladeiro, o tempo da carne em abundância (fresca ou de charque), o tempo de Luiz Lacerda. Ademais, provoca entre estes trabalhadores um sentido de recordação muito próximo ao que não se viveu e ao que foi rompido: o direito à educação, à carteira de trabalho, à casa e família reunida e, ainda, à raiz.

Eu saí em 1972, porque estava doente. O médico me aconselhou, porque tinha um problema de hérnia. Luiz Lacerda não podia impedir. Falei que queria os filhos lendo e escrevendo. Na escola a professora ia uns tempos e parava. Ficava lá no máximo três meses ou seis meses. O boletim deles não valia nas outras escolas. Só depois que sai e vim pra Cáceres que fui saber. Não tenho saudade de lá, não (José Leite da Veiga, 86 anos, aposentado).

Olha, eu gostava de lá muito. Na verdade, ninguém queria sair de lá, não. Mas só depois que cheguei aqui em Cáceres que fiquei sabendo que a carteira de trabalho nossa era falsa. Meu Deus!! Lutei, lutei e consegui me aposentar (José Braz, 78 anos, aposentado).

Quem sabe, por isso, as atribuições e auto-atribuições “descalvadiano” e “descalvadiano puro” tenham emergido e se fortalecido nesta fase de transição entre um período e outro, porque tiveram que se identificar na cidade de

Cáceres, Limão, Corixa Grande e outros lugares. Talvez, por isso, o temor ao desenraizamento tenha sido um dos motivos de certos esquecimentos.

Estes dois conceitos desenraizamento, este pensado como receio, e esquecimento estão retidos e são reformulados na memória destes trabalhadores quase o tempo todo, e talvez, por isso, ocorra uma aparente desordem. Eles usam estas datas como balizamentos. Os anos 1945, 1965, 1970 e 1990 se apresentam enquanto experiências temporais (RICOEUR, 1994). Nestas datas que parecem pontuais há interditos: no *dia da matança* final existem silêncios.

Numa noite só matou oitocentos bois. Costumava matar duzentos, trezentos boi. Foi gente trabalhando a noite inteira. Não sei porque matou tudo isso numa noite só. Sei que muita gente depois ficou ai desamparado. Foi acabar a matança o povo já começou a ralar. Muita gente foi indo embora. Foi enfraquecendo, enfraquecendo... Piorou quando os velhos separaram. Ai acabou tudo (Arildo José Farias, 51 anos, guia de turismo).

Como falei trabalhei na noite da matança final. Foi muito trabalho a noite toda. Matou, matou boi. Tem gente que não gosta nem de lembrar disso, porque parece que esta matança que foi levando o povo embora. No tempo da matança lá tinha um mundo de gente, depois disso, foi raleando.

(...) A gente não gosta muito de falar do dia que matou boi demais não. Ah, sei lá, sei que este dia não foi muito bom. Eles falam ai que foi um dia muito pesado, não só no trabalho de matar e descarnar, mas... (Eurico Prudente, 51 anos).

Como explica Bosi (2003, p. 18) esquecimentos, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas.

Quando se propôs a encerrar a matança em 1965, a venda de sebo se torna uma negação no estado de Mato Grosso e como narra Luiz Lacerda em carta a Aristides “*só se liquida a troco com freqüente dilatação de prazo e ainda tendo que enfrentar compradores que não cumprem com créditos a eles concedidos*”. Apesar da intenção em findar a matança, ele pretende neste mesmo ano abrir e escoar produção de charque no mercado de Guajará-Mirim, Porto Velho e Rio Branco no Acre, utilizando-se agora de transporte rodoviário e, ainda, de meio fluvial, via Rio Guaporé.

Nesta mesma proposta de transação, declara Luiz Lacerda da importância de se efetuar pagamento ao então Ludgero, cria protegida do Desembargador, porque ele não pode como na sua expressão “*passar a escova como na conta de Ulysses*”, um de seus irmãos. Interessante que nesta carta ele se propõe novamente a doações, desta vez, para o *Lar Servas Maria*, a quantia de mil cruzeiros, enquanto que para a filha de seu empregado ele oferta apenas quinze cruzeiros.

Em 1965, aposta em programa de investimento na Suíça, Zurich, num valor correspondente a moeda local de 1.000,00, em nome de sua esposa e dele. Mais uma vez, sua forma implícita de gerar capital se torna uma preocupação. Fim da matança, interesse em outros negócios e aplicação de dinheiro na Europa.

Encontrei nesta carta redigida por Luiz Lacerda indícios de que em 1966, ele tenta de fato outros negócios, encaminhando para cinqüenta e seis firmas de diferentes países a seguinte oferta:

Rio, 25th February, 1966
 Ilmo Sr.
 Mario José Otávio Brandão Brant

Dear Sirs:

We have been informed by the Associação Comercial do Rio de Janeiro, of your interest in importing from Brazil hides and wild skins. We are in a position to supply you with cow hides and any other type of wild and fine skins of brasilian games, such as wild pigs,, crocodiles, deer, sankes and others, from our hunting grounds in the State of Mato Grosso.

Since we are not aware of the types of yours interest, we Will be very much obliged to hear your answer on the subject. (...)

Luiz Esteves Pinheiro de Lacerda
 Filial do Rio de Janeiro.

Imediatamente à concretização de sua filial no Rio de Janeiro, já pretendia vender para outras firmas estrangeiras⁵⁷ couros bovinos, peles

⁵⁷ Japão, Florida U.S.A, Virgínia U.S.A, New York, Olten – Suíça, Basil Suíça. Zurick – Suíça, St. Gall – Suíça, Chiasso – Suíça, Alcanema – Monsanto – Portugal, Torres Novas – Portugal, Karchi 1 – Paquistão, Osaka – Japão, Milão – Itália, Tokyo – Japão, Roma – Itália, Tel- Aviv – Israel, Paris – França, Anemasse (Haute Savoie) – França, Corrientes – Argentina, Buenos Aires, Nurneberg – Alemanha, Mozamet (Tarn) – França, Stª Cruz de Tenerife – Ilhas Canárias,

silvestres e peles finas da fauna brasileira como porcos selvagens, jacarés, veados, cobras e outros. Sua matriz localizava-se na Descalvados, fazenda Santa Rosa, retiros Bracinho e Pescaria, voltada para pecuária, indústria e comércio. Lê-se entre os documentos escritos que ele ainda dá atenção à carne salgada, entretanto, em menor escala. Dada as várias atribuições do produto, ele a trata agora como carne seca e tenta destiná-la a países como Peru, Ghana e Portugal.

2.3 – “Aceite meu abraço, Luiz Esteves Pinheiro de Lacerda”

Declaro para os devidos fins que acompanhei em viagem aérea especial o Sr. Luiz Esteves Pinheiro de Lacerda que no dia 21/11/81 apresentou aneurisma dissecante de Aorta, sendo imediatamente transportado para São Paulo. Apresentava-se com dor precondial com irradiação para o dorso, palidez, sudorese, hipotensão, ausência de pulsos direito. Os pulsos de esquerda encontravam-se normais.

Corumbá, 9/12/81
Luiz Alberto P. Figueiredo
Cardiologista – clínica geral.

Em 1981, o médico cardiologista Luiz Alberto P. Figueiredo de Corumbá declara “para os devidos fins” que acompanhou em viagem aérea especial Luiz Lacerda, que apresentava aneurisma dissecante da aorta, sentia dores no dorso, palidez, sudorese, hipotensão, ausência de pulsos direitos.

Aceite meu abraço. Não se trata de uma despedida dele ou de pedidos de desculpas. Não é nem fim, nem começo desta história, cujo processo se encontra sempre em aberto. Ele não morreu ainda, só mais tarde. Trata-se da separação entre o casal Luiz Lacerda e Alicinha.

O registro do Diário da fazenda Descalvados,⁵⁸ mostra, em termos, como em fins dos anos de 1980 seu cotidiano passa a ser operado. Criteriosamente, escolhi alguns trechos deste documento, tendo como foco

Santiago – Chile, Porto – Portugal, Valencia – Espanha, Vastra Hamnagatan – Suécia, Himmelgeisterst – Alemanha, Lobito – Angola.

⁵⁸ - Diário da fazenda Descalvados folhas 08 até folha 100 de 08/02/87 a 21/05/91, registrado por Sr. Hélio P. Campos. Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Transcrição: Gláucia Péclat/2009.

questões relacionadas à administração de Alice Lacerda e filhos. Mantive este cuidado, porque entre as narrativas destes trabalhadores, identifiquei interpretações elaboradas por eles que apontam para as razões que levaram esta fazenda ao processo de falência. Segundo, Pedro Cardoso:

O Luiz Antônio foi um cara que foi criado lá no Rio de Janeiro. Ele era um cara que não tinha experiência nenhuma. Os capatazes, os gerentes dele faziam um negócio aqui e aí ele aceitava, não perguntava nada. Não perguntava pro peão.

(...) O Ene Lacerda quando ia fazer alguma festa aqui trazia só aquele povo da alta sociedade. Aí se queria um tocador de harpa do Paraguai mandava o piloto ir buscar este tocador lá no Paraguai. Não queria saber de onde ia sair as despesas. Se acabava o extrato de tomate e precisava de uma lata, mandava o piloto ir lá em Cáceres buscar uma lata.

(...) D. Alicinha se queria um vestido novo, avisava o capataz e mandava vender vaca ou boi pra comprar este vestido. O capataz vendia trinta vaca, por exemplo, e mandava dinheiro de dez vacas e ficava com o resto. Esse aí não queria nem saber, ele queria tirar o deles.

(...) Então, Luiz Antônio não tem culpa não, porque a fortuna desse povo, a maioria da fortuna desse povo foi roubada. Eles que no fundo foram roubados. Por exemplo, o Luiz Lacerda, ele perguntava tudo. Ficava aqui, quase morava aqui.

Para o Sr. Tomaz Aquino,

Luiz Antônio não soube administrar. Nem ele, nem D. Alicinha. Deixava tudo aí pro gerente cuidar. Vinha aí de vez em quando. Era mais pra buscar dinheiro. Gerente fazia o que queria. Vendia os bois. Não soube cuidar do que era deles, né?

Como mencionado, percebi neste Diário, registros de situações que podem indicar problemas administrativos após a separação do casal.

15.03.87 – o avião prossegue para Corumbá com Wander Rolind sem combinar nada com D. Alicinha, piloto pavão.

20.04.87 – Damásio chega de S. Sebastião a cavalo. Empregado Artur abandonou a fazenda seguindo de carro de boi rumo a fronteira da Bolívia.

15.08.87 – de cima chega a equipe da vacinação poliomielite, vacinaram dez crianças.

18.10.87 – chega uma Toyota da fazenda Santa Maria, vieram o gerente Walter, Turibio e Juarez Guedes para acertarem as contas.

16.11.87 – 10hs 45 chega de Cáceres o PT – ICV com Luiz Antônio, Geraldo e outro da Heloisa Imobiliária Empreendimentos, a fim de fazer opção pela venda da fazenda.

29.06.88 – lua cheia quarta – chega um bimotor com pessoal para ver a fazenda, corretores.

5.12.88 – chega de coxim procedente de Presidente Prudente o PT-IVN com corretor Divino do Espírito Santo, fone: 067-761-3569, mais Antônio Augusto Junqueira e Geraldo para verificar fazenda para comprar, fez um vôo e prossegue para Presidente Prudente.

Março de 1989 – registro de compras em Cáceres: alho, café, fósforo, pilha, papelinho, sabão gaúcho, macarrão, óleo, sal, mate, arroz, açúcar, farinha, trigo, feijão, cebola, fumo, milho. Despesas gerais com combustível, peças e acessórios. Outras mercadorias, roupas: calça Vilajack, calça Mr. Seven, sandália Via Roma, tênis Scorty.

18.07.89 – Lua Cheia.

26.07.89 – Estranho acontecimento – na noite de 25 para 26 meia noite mais ou menos começou a fazer estranhos barulhos na casa grande, de acordo com os que presenciaram, resultado de manhã: espelho grande quebrado com um garrafão de quatro compartimentos, mesa com tábuas no chão, cadeiras no chão etc.

26.03.90 – Lua Nova – segunda. Segue para Cáceres conexão Porto Morrinho na lancha “Rumo Certo” papá dois filhos dele, Dr. Odilon e Cesário, levou o motor e a bomba de puxar água a fim de instalar açougue em Cáceres, levou uma vaca carneada (...).

09.09.90 – visita de um cientista belga e grupo da UFMT de Cuiabá para pesquisa.⁵⁹

21.05.91 – não consta mais registro no diário da fazenda.

À medida que algum trabalhador pretendesse sair da Descalvados temporariamente ou não, teria que avisar a Luiz Lacerda, neste Diário, percebi que durante a administração de Alice Lacerda e filhos, este saía sem avisar ou dar qualquer satisfação. Notei também, que no caso específico dos gerentes,

⁵⁹ Grifos meus.

há solicitação de acerto de contas, no entanto, como narra o Sr. José Braz: “*não pagaram nada!*”.

À medida que no “*tempo de Luiz Lacerda*”, havia cerca de 80 famílias, o que provavelmente, em cada uma desta poderia ter várias crianças, neste Diário, observei que em 1987, foram vacinadas apenas dez crianças na Descalvados, contra a poliomielite. Neste mesmo ano, ocorre a primeira tentativa de venda deste imóvel.

No “*tempo de Luiz Lacerda*”, segundo narrativas orais, havia no Armazém desta fazenda, uma infinidade de mercadorias que abasteciam o mercado de Cáceres e Corumbá.

Descalvados era o centro. Abastecia Cáceres e Corumbá com o que vendia lá. Tinha de tudo. Não precisava nem sair. O povo vinha até da Bolívia pra comprar mercadoria lá (Faustina Mendes, 68 anos).

Observei neste Diário que em março de 1989, ocorre o registro de compras em pequena quantidade de diversos produtos no comércio de Cáceres. Enquanto no “*tempo de Luiz Lacerda*” exportava-se charque e boi para mercado de varias regiões do país, identifiquei neste documento escrito a abertura de açougue na cidade de Cáceres e o abate de uma vaca.

Quanto ao estranho acontecimento registrado neste Diário, observei que isto está ligado ao imaginário social de grande parte destes trabalhadores: “*os espírito de nossos ancestrais perturbam a fazenda Descalvados*”, disse-me D. Bonifácia Pereira, em entrevista.

CAPÍTULO III

NARRADORES DA DESCALVADOS: CATEGORIAS PROFISSIONAIS E CASAMENTOS INTERÉTNICOS

3.1 – “(...) Quanto mais se vive, mais há de lembrar”

Este subtítulo que se encontra entre aspas é um trecho de uma das narrativas do Sr. José da Veiga, 86 anos, aposentado, carpinteiro da Descalvados. É o conteúdo desta frase que me interessa “*quanto mais se vive, mais há de lembrar*”, nela ele fala de experiências.



Figura 42: José da Veiga, 86 anos, aposentado.
Local: Cáceres, MT. Foto: Gláucia Péclat/2006.

‘ Nesta direção, proponho transformar narrativas deles, destes trabalhadores, em possíveis caminhos de interpretação, que tratam de suas experiências, quando da fase transitória entre Brazil Land Cattle & Packing Company para Irmãos Lacerda.

Optei, neste momento, por certas narrativas, especialmente, daqueles que vivenciaram esta fase e dela rememoram conflitos acerca da demarcação de terras sinalizadas por Frederico Rondon em 1936 e formas de domínio dos Lacerda sobre este grupo de trabalhadores.

Entre a fase de transição da Brazil Land Cattle & Packing Company para os Irmãos Lacerda Ltda as narrativas destes trabalhadores apontam para um quadro significativo de sucessões temporais. Percebi estes recortes, porque perguntei para eles o tempo de trabalho nesta fazenda.

Tais sucessões temporais são entendidas por mim como pontos cruciais para a compreensão de suas experiências nesta fazenda durante este período transitório. E mais, delas problematizo sentidos de identificação – o de crioulo da Descalvados ou de Luiz Lacerda, o que irei tratar logo adiante.

Assim, aquilo que pode ser pensado como aparentemente um tempo contínuo e homogêneo, 1932, 1936, 1945, aparece como diversificado, rompido e descontínuo, pois para eles, dá-se início a outras fases de experiências nesta fazenda.

Ramsay morreu na hora do almoço, nasci nesse mesmo dia, em 12 de novembro, de 1932, e meu pai trabalhava com ele (José Braz, 78 anos, aposentado).

Depois que Mr. Ramsay morreu, a companhia continuou, veio gente tomar conta de todo lugar: Corumbá, São Paulo. Lá tinha a Companhia do farelo, assim que nós falávamos, carne de lata, parecida com ração.

O Marechal Candido Mariano [General Frederico Rondon] foi lá e viu os índios, demarcou terras do povo Bororo e marcou três pontos lá. O povo sofreu da doença da bexiga. Muitos morreram e o povo da Brazil Land mandou matar também.

Muitos trabalhadores eram da Brazil Land, dos americanos. Eles saíram e nós ficamos. Luiz Lacerda comprou lá e ficou com o povo que já trabalhava lá. Mandou destruir marco dos índios. Queimou os papéis e eles ficaram sem terra, trabalhando para ele no saladeiro.

Luiz Lacerda comprou lá em 1945 (...) Ai, comprou com nós tudo lá. A índia boba (Jorge Fernandes, 80 anos, aposentado).

Em consonância com estas narrativas, algumas questões aqui merecem atenção. Primeiramente, Mr. Ramsay (capataz texano da Brazil Land) marca a lembrança de João Braz e Jorge Fernandes – o tempo das latas de extrato de carne.⁶⁰

Em segundo lugar, entre os que entrevistei, há quem saiba onde estes três marcos demarcados por General Frederico Rondon se encontravam em 1936, nesta área que para eles era indígena.⁶¹

Eu sou bugre, sou índio. Tinha a aldeia nossa. É lagoa. Ai, eles compraram [Luiz Lacerda e irmãos]. O cacique morreu. A filha, eu não sei se botou fora ou queimou aqueles papéis. Esses papéis foi Frederico Mariano Rondon que deixou pra eles. Tinha marco assim, bem esquadrejado, de légua a légua. Ai, Luiz Lacerda comprou. (Jorge Fernandes, 83 anos, aposentado).

Além disto, esta década é sinalizada pela epidemia, chamada por eles, como a doença da bexiga (varíola), realçada por vários trabalhadores que entrevistei. Diante deste quadro, alguns deles narram que, muitos foram dispensados, dando então oportunidade a outros que passaram a ser chamados para trabalhar lá.

Ih, minha mãe conta que quando o povo, os índios estavam contaminados pela bexiga, muitos foram dispensados. Para Luiz Lacerda eles não prestavam para trabalhar. Chamaram outros. (Fátima Picolomini, 36 anos, do lar).

Os índios foram abatidos pela bexiga e o patrão mandou embora. Levou gente de outros lugares. (Rafaela Prudente, 88 anos, aposentada).

⁶⁰ Ressalto que durante a fase dos Irmãos Lacerda não se produzia extrato de carne em lata. Trato aqui, de memórias, as quais, estes trabalhadores se recordam de verem latinhas de extrato de carne depositadas ao fundo do Armazém.

⁶¹ Moreira da Costa (2000), ao entrevistar D. Carmem Picolomini Esteves indica que ela se recordou juntamente com Estevam Pereira, do falecimento do Cacique Lourenço, ocasião que queimaram, junto com os seus pertences, os documentos da Sesmaria de uma légua quadrada, demarcada por ordem do General Frederico Rondon.

Quando da compra da Descalvados pela família Lacerda em 1945, houve preferência dos irmãos em manter os trabalhadores da Brazil Land Cattle & Packing Company. O interesse condizia com a preocupação destes novos empreendedores em absorver profissionais já existentes, como narra Sr. Jorge Fernandes e outros; *“não foi permitida a saída de ninguém dessa fazenda”*.

Uma problemática surge para mim aqui neste momento: será por isso que estes trabalhadores elaboraram, ao longo desta e outras experiências sentidos de identificação? Aqui em especial, a de “crioulo” da Descalvados e/ou de Luiz Lacerda?

Esse termo “crioulo” aparece com freqüência nas narrativas de muitos destes entrevistados. E na acepção deles expressa os seguintes sentidos:

Crioulo de lá, da Descalvados. Nasceu e criou lá. Tudo bugre de lá. (Jorge Fernandes, 86 anos, aposentado).

Nasceu até formar homem significa que aprendeu todo o serviço. Isso que é ser crioulo. (Eurico Prudente, 51 anos, profissional liberal).

Os vaqueiros bons eram filhos de lá mesmo. Crioulo da Descalvados. (Carmo Lopes, 37 anos, trabalhador braçal).

Entre as narrativas aqui tratadas; o emprego desta categoria crioulo é aplicado quando há significado de aprendiz, de alguém de confiança, detentor de certo conhecimento da lida com o gado e conhecedor de todo o processo ligado à charqueada. Por conseguinte, tal denominação relaciona-se também à idéia de alguém bem treinado, pois é criado. Ser, “crioulo” de Luiz Lacerda, para estes narradores; é ter nascido no lugar e ali ter ficado velho:

O cara que morava e ficava homem aqui e não conhecia Cáceres, nunca saiu daqui desde quando nasceu esse é o crioulo (Pedro Cardoso, 49 anos, ex-gerente⁶² da Descalvados).

⁶² Esta expressão ex-gerente por mim utilizada se refere à função de gerente que Pedro Cardoso exercia nesta fazenda entre 1998 a 2009. Ele não fez parte desta leva de trabalhadores, a quem dedico atenção aqui. Suas narrativas são fundamentais, porque ao assumir a gerência da Descalvados ele procurou tomar conhecimento sobre sua história. Por inúmeras vezes, ele tentou retomar o trabalho com a pecuária neste local, levando alguns destes trabalhadores para morar lá.

Nesse tempo comprava tudo lá, porque nós não conhecíamos Cáceres. O negócio era pra lá! Estados Unidos. Ai foi enfraquecendo tudo. Ai que fomos conhecer Cáceres. Meu marido, minha cunhada trabalharam tudo lá. Eram crioulos de lá. Ah, porque ele não deixava as pessoas ir para casa. Lá trabalhava assim, como se você fosse criança mesmo. Anos e anos. Anos e anos iam passando,⁶³ não faltava nada (Faustina Mendes, 68 anos, do lar).

No relato de D. Faustina Mendes identifiquei duas questões de meu interesse aqui, neste momento. Inicialmente, a noção de espaço concebida por ela: “*nós não conhecíamos Cáceres. O negócio era pra lá!*” (Descalvados). E quando pontua “*Estados Unidos*”, isto pode indicar que ela e muitos outros destes trabalhadores, à medida que narra no plural, imaginavam que existiam apenas dois lugares na face da terra, esta fazenda e os Estados Unidos. Este último, porque pensavam ser este charque, exportado para tal mercado.

Outro campo de possibilidades em aberto se refere ao sentido que ela apreende de crioulo como uma criança que passa anos e anos, sendo orientado, neste caso aqui, por Luiz Lacerda, dono da Descalvados. Por isso, ela e estes trabalhadores se utilizam da expressão “crioulo da Descalvados”, “crioulo de Luiz Lacerda”.

O trecho desta carta escrita por este trabalhador da Descalvados, Galdino Soares Cardoso, em 27 de novembro de 1959, possibilita também avaliar o sentido de crioulo formulado por eles:

(...) Senhor Luiz venho por este comunicar o senhor que quero comprar uma carroça para mim trabalhar aqui (...). Sendo eu um empregado velho espero ser atendido (...). Desculpando a minha franqueza, espero a resposta quanto mais breve possível sem mais termino escrevendo lembrança do seu criado velho.

⁶³ Grifos meus.

Para aqueles que também realizaram certo domínio no exercício de papéis importantes, como são pensados por eles, estão o chefe de comitiva de gado e o capataz. Entre eles; o emprego desta categoria “crioulo” está ligada ao sentimento paternal, o que ganha certa dimensão de preparar um outro para a vida, conforme narra Sr. José Vilarvas, chefe de comitiva de boi:



Figura 43: Sr. José Vilarvas (Zé Paraguai). Local: Porto Limão. Foto: Gláucia Péclat/2005.

Esse meu sobrinho ai, é cria minha. Peguei ele e ensinei ele tudinho. Está prontinho para a lida com o gado. Sabe laçar, descarnar, montar. Ele é crioulo meu. Rapaz bom de serviço! É assim, um profissional bom. Preparadinho para tocar a vida. Me ajuda em tudo ai. Meus filhos, muitos estão trabalhando fora. Ele que me ajuda (José Vilarvas, 72 anos, chefe de comitiva de boi).

Nesta fazenda Descalvados, as formas usadas para atrair e manter trabalhadores, em especial, os descendentes indígenas de origem Bororo,

Chiquitano e Guató, no saladeiro baseavam-se em estratégias de fornecimento de carne de charque, mate e fumo. Inclusive havia um encarregado para amansar os índios, o qual, provavelmente, teria a mesma origem deles.

Luiz Lacerda amansou os índios com erva, com chá mate. Fumo ele chegou até passar. E o governo mandava. Conversava com a FUNAI e ai mandava. (Bráulio Torres, 67 anos, aposentado, cozinheiro da comitiva de boi).

Assim, aqueles que permaneceram nesta fazenda e que experimentaram esta fase transitória entre Brazil Land para Irmãos Lacerda, continuaram a seguir sua vida trabalhando cerca de quatorze a dezoito horas diariamente.

Para eles existem leituras diferenciadas em relação ao ritmo de trabalho adotado nesta charqueada, apontando para jornadas divididas em turnos de doze horas e, ainda para os seguintes posicionamentos:

Na Descalvados não tinha noite, nem dia, toda hora era hora de trabalho (João Freire, 75 anos, aposentado).

E ainda,

Descalvados era o lugar onde o filho chorava e a mãe não via (Eurico Prudente, 51 anos, profissional liberal).

Ou então,

Amanheceu é dia, escureceu é noite. Esse era o horário. Amanheceu é hora de ir para o trabalho, anoiteceu é hora de voltar para casa (Bráulio Torres, 67 anos, aposentado).

O período da madrugada era bastante utilizado para a lida do trabalho. Para muitos deles a matança se iniciava depois da meia noite e meia e terminava ao amanhecer, dando início à fase de preparo do charque, como lembram muitos destes entrevistados, como o Sr. Eugênio, 71 anos de idade:

(...) É como eu estou falando pra senhora, cada um tinha seu setor do seu serviço. Levantava seguia para seu serviço. Chegava 10 horas, chegava 11 horas e parava. Uma hora buzinava para turma voltar para o serviço (...).

3.2 – Os nomes de alguns destes trabalhadores estava ali: Livro de Registro de Caixa

Ao arrolar a documentação escrita nesta fazenda, identifiquei nos registros do Livro Caixa (débitos e créditos) de 1945 o número de 453 trabalhadores quando da aquisição da Descalvados pela família Lacerda. No entanto, em entrevista, José Lacerda me narrou que no ano em que adquiriram esta propriedade da Descalvados lá se encontravam cerca de 600 empregados.

Embora exista controvérsia em relação aos números de funcionários, há de se considerar que não me importa aqui uma exatidão numérica, mas sim narrativas de alguns destes trabalhadores identificados nesta listagem, em especial a do Sr. Estevam Pereira.

Trabalhadores - Livro de Registro de Caixa
(Débitos e Créditos)⁶⁴

PRANCHA 01 - LIVRO DE REGISTRO DE CAIXA
Lista de trabalhadores

Alfredo Dulce	João Ribeiro da Silva	Gregório Prudencio	Antônio Gomes
Victório da Silva Lara	Eleuterio Braga	Manoel Guató	Alfredo Sôares
João Cavalcanti Filho	Nizio Rodrigues	Mariano da Silva	João Francisco
Jorge Victor Saab	Guilherme Mateus	Romualdo Fernandez	Carmelo Gonçalves
Octacilio Faustino da Silva	Arnaldo da Silva	Joaquim F. da Costa	Daniel Cebalhos
Nestor Cardoso Leal	Gregório Pereira	Sebastião Gomes de	José Paulino de Andrade
Humberto da Costa Garcia	Silvestre Gomes da Silva	Arruda	Manoel Patrício
Joaquim Cavalcanti Freire	Benedito Carlos	Florentino Santana	Francisco Pedroso
Emiliano Lemes da Silva	Ramon Ferreira da Silva	João Brito	Gildo Sôares
Sebastião Cavalcanti Freire	Manoel Lecílio	Inogero Leite Faria	Manoel Garcia – Baiazinha
Kassar da Silva	André Lebachol	José Santana Filho	Luiz Carlos Pereira Leite –
Antônio José da Silva – Nick	Benedito Ramos da Silva	Silvio Suzano	Budú
Bertholdo L. Freire	Martinho Marques	Benedito Silva	Joaquim Gomes de Arruda
Antônio Leite	Manoel Patrício	João Danato	José Flaviano
João Castro Luz	Benedito Pereira	João Suzano	Adriano Leite
Benedito Garcia Jhoto	Filogonio J. Cristo	Paulo Lacerda	Constantino Martins
Carlos Costa Marques	Carmelo Gonçalves	Marcelino F. Carvalho	Octavio Lima
Benevandro de Souza Lima	Adrião Henrique	Leonides Marques da Silva	Paulo Silvestre
Miguel Garcia	Jorge Fernandez	Manoel Feliz de Macedo	Manoel Costa Cruz
Manoel João Garcia	João Soares	Manoel Campos Abreu	João Ramos
Antônio Cavalcanti	Ramon Candia Filho	João de Arruda	João Anselmo
Joaquim Costa Garcia - Nhô	Angelo Gomes	João Pinto	Euzébio Ayala
Israel Garcia	Pantaleão Silva	Bonifácio de Campos	Urbano Candia
Heitor Ribeiro	Paulo Verga	Julio Ortega	Luiz Garcia da Silva
Vilanova Torres	Luiz Paresi	José Arroio	Isabel Henrique**
Manoel R. Foretes	Benedito Rodrigues	Euzébio Mendes	Francisco Vilanova Torres
Andrade Cavalcanti	Lucas Fernandez	Demetrio N. Rondon	Galdino Sôares
Pereira Sobrinho	Manoel Santana	Candido Neves	Bertoldo Freire Filho
Rafael Ramires	Tomaz Aquino*	Victorio Ramos	Angelo Gomes
Antônio Garcia	João Anselmo	Luiz Augusto de Andrade	Estanislau Dorado
Gustavo Dulce	Daniel Cebachol	José Rodrigues	Adrião Henrique
Eduardo Rabelo da Silva	Silvestre Cardoso	Elpidio E. Cunha	Adrio Antônio Francisco
Natalino R. Fontes	Luiz Cardoso	Luiz Satiro	Benedito Pereira
Severiano José de Matos	Pedro Cardoso	Manoel Fernandez	Filogonio J. Cristo
Ezequiel Zongú	João Cardoso	Ricardo Gomes	Clemente Fernandez
Emiliano R. da Silva	José Braz*	José Xavier	Luiz Bartulino
Ernesto Arreia	Cecilio Ortiz	Joaquim de Freitas	Inacio Cebalhos
Benedito Alves Garcia	Mancel Vallego	Domingos Claro	José Rodrigues
Luiz de Arruda e Silva Filho	Luiz Alves da Silva	Mesquita	Joaquim Santana
Leonides Pompeo	Germano de Oliveira	Joana Corrêa***	Laurenço Algaranã
Leonardo Rabelo da Silva	Ramon Candia	Joaquim Marques	Joaquim Ambrosio
João Ramos II	José da Silva	Raimundo Vallego Filho	Manoel Domingos
José Sujano	João Ribeiro	Benedito Sôares da Silva	Nuncio Fernandez
Manoel Leite	Inacio Cebalhos	Ramom Cáceres	Paulo Verga
Sebastião dos Santos Fanaca	Luiz Baturfino	Manoel Justiniano	Joaquim Ferreira
Jorge Victor Saab	Joaquim Pinto	Jose Lacerda Cintra	Ramon Ferreira da Silva
Ailton Fonseca Montechi*	José Manoel Oligário	Domingos Ribeiro	Ramon Candia Filho
José Dorado	João Cebalhos	Lothario Santiago	José Cupertino da Silva
João Figueiredo	Xavier Veiga	João Cebalhos	Joaquim Atanazio
Paulo Icarupá	Antônio Rosa	Norberto Ferreira	João Magno da Silva
José Xavier II	Nestor Pinto Joaquim	D. Nair Fanaia***	Luiz Paresi
André Silva	Santana	Silveria Cardoso***	Manoel Inacio
João F. da Costa	Sigmundo Freire	Rosendo da Silva	Demetrio P. Leite
Armando Inácio Pereira	Teodoro Rosa	Bernardino Braga	Cirilo Fernandez
Pedrosa J. Cristo	Paulo Correntino	José Gomes de Arruda	Espifanio Pereira
João Ventura de Arruda	João Prudencio	Manoel de Arruda	Valentim Fernandez
Afonso de Matos	Nicolau Fernandez	Modesto Felipe dos Santos	Gregório dos Santos
Honorio Pires***	Ernesto Jorge Ourives	Auricio Candia	José da Silva
Noberto Braga	Miguel Arcanjo	Marcelino Faria	Laurenço Ortiz
Manoel Porfírio de Campos	Antônio Pinto Arruda	Luiz de Almeida	Zeferino Sanaurio
Aluísio Pedroso	José Ponciano	Sebastião C. Freire	Benedito Costa Magalhães –
Manoel Pedroso de Almeida -	Inácio Egnés	Ovidio Garcia	Majo
Miné	Romualdo Fernandez	Leoncio Candia	Felix Pedraça
Léo Mac Fadden	Jonson Mac Leoud	Fidelis Rosa	Galdino Pereira
Ambrosio Braga	Jorge Fernandes*	Antônio Vidal	Hifario Vallego
Manoel Salvador	Julio Fernandes	José Lalá	Manoel B. Pantaleão
Candido Antonio de Souza	Lucas Fernandes	José Pereira	Teofilo Tito
Honorio Pereira	Venancia Anastacia***	Clemente Fernandes	Luiz Augusto de Andrade
Emiliano Lemes da Silva	Luís Fernandes	Antônio Vidal	Lino Ramos da Silva
Miguel Braga	Faustino Fernandes	Vitoria da Silva***	Antônio M. de Rondon

⁶⁴ Folhas de número 03 a 529. Data do documento: 02 de julho de 1945.

Candido Antonio de Souza Honorio Pereira Emiliano Lemes da Silva Miguel Braga Julio Deodato Corrêa Angelo Castrillon José Ribamar Costa Fernando Monteiro Claudemiro Antonio de Souza Cardoso Alcides Rivero Domingos Frutuoso Benedito Lucas Torquato Lemes da Silva José Flaviano João Ramos Egídio Alves Teixeira João Batista Leonides Hemetério Joaquim Almeida Julio Deodato Correa André Avelino Manoel Costa Cruz Hillarrio Vallego Cirilo Fernandez Honorio Pereira Timoteo Pereira Nilo Rosa da Silva Celestino de Oliveira Vallentim Fernandez Estevão Pereira Manoel Gregório Inocencio de Araujo Antônio Gabriel da Silva José Antônio da Silva Pedro Venancio Luiz Angelino Brasil Dayoberto Brasil Aurício Candia Raimundo Vallego Eduardo Mariano Estevão Bispo João Brasílio Aires Miguel Braga Francisco Lino dos Santos Joaquim Ribeiro	Izidio Picolomini Luiz Picolomini Lourenço Krtis Eziquiel Picolomini** Dolminger Ferreira Mendes Luiz Garcia Sobrinho José Pinto de Arruda João E. Curvo Filho João Carlos Esteves Guilherme Meldau Gustavo Ammermann Benedito de Freitas Salvador Guerra Estevão A. Silva Manoel Roca Domingos Cossnes de Oliveira Manoel Santos Morais Donato Arrua Lourenço Ortiz Antônio Rosa Miguel Campos Ramon Picolomini** Sebastião Parina Eugenio Alves Teixeira Nuncio Fernandez Gregorio dos Santos Faustino Fernandez Manoel Pedro Vieira Manoel Adrião Manoel Martins de Figueiredo Domingos Adorno Guimarães Gregório Soares Xisto Prudencio Severo Virgilio Gregório da Silva Evaristo Pires Demetrio Ribeiro Antônio Candia Saturnino Braga Estanislau Dorado Epifanio Pereira Octavio Lima	Angela Valejo*** Juliano de Barros Luiz Mario de Barros Puiva Julio X. Aragão Antonio da Silva Coelho João Batista Gregório Sôares Silvestre Pinto Candido Justiniano Luiza da Silva*** Francisco Picolomini Roberto de Assunção Eunesino da Silva José Gattas José Flaviano João Ramos Egídio Alves Teixeira João Batista Leonides Hemetério Joaquim Almeida Julio Deodato Correa André Avelino Manoel Costa Cruz Hillarrio Vallego Cirilo Fernandez Honorio Pereira Timoteo Pereira Nilo Rosa da Silva Celestino de Oliveira Vallentim Fernandez Estevam Pereira* Manoel Gregório Inocencio de Araujo Antônio Gabriel da Silva José Antônio da Silva Pedro Venancio Pedro Nery Francisco Pedroso Angelo Ribeiro João Pedroso de Oliveira Simão dos Santos Luiz Magno de Barros Manoel Lucio	Pedro Cebalhos Savador Gomes de Arruda Nicolau Fernandez Armando J. Perreira José Domingos Ribeiro Luiz Garcia Neto Florencio Arruia Marcelino Faria Benedito Deodato Corrêa Saturnino Adrião Mário Brasil Leopoldo Ambrosio Filho Clemente Fernandez Pedro Ramos Manoel Domingos Vicente Ferreira Zeferino Januário Paulo Silvestre Ezequiel Picolomini Inocencio Pereira Antônio Ferreira Genero Picolomini** Antônio Francisco Maximino Ariton Silvestre Pinto Pedro Gabriel Alves da Cunha Francisco Pinto de Arruda Constantino Martins João Branco Maximo de Oliveira José Ribeiro Adriano Leite José Pereira
--	--	---	---

(*) – Identificados e entrevistados.

(**) – Parentes de entrevistados.

(***) – Mulheres na lista de débitos e créditos.

Minha opção agora é tecer comentários a respeito deste trabalhador que entrevistei, Sr. Estevam Pereira, que nasceu em 1922. A procura por ele em Porto Limão se deu em razão das minhas primeiras conversas com a Professora Joana Fernandes (Universidade Federal de Goiás), que me orientou entrevistá-lo, porque ela sabia que ele havia trabalhado na Descalvados. Ela e José Eduardo da FUNAI⁶⁵ realizaram levantamento acerca de comunidades indígenas nesta área de fronteira em razão da implantação do Gasoduto Brasil/Bolívia.

Segui sua sugestão, e viajei para Porto Limão. Lá Fátima Picolomini me informou que ele já não morava mais em terra do Sr. José Paraguai. Além dela, outros parentes dele me forneciam notícias, mas cada vez que me deslocava para o local indicado, ele já havia se mudado.

Como ele mesmo me contou depois em entrevista, ele esperava por terra e que diante desta situação, ele morava de favores em residências de parentes. Em razão disso, ele não se sentiu à vontade em me atender naquele momento, dentro da casa que ele por ventura estava habitando. Assim, concedeu-me entrevista no meio da rua e cansado solicitou-me que sentássemos ao chão para continuarmos nosso diálogo.

Já debilitado pela bebida, Sr. Estevam Pereira quase não apresentava resistência física, mas assim mesmo encontrou forças para selecionar memórias. Ele narrou que nasceu na Lagoa e que desde criança iniciou atividades na lida com o gado nesta fazenda Descalvados, ainda no período dos americanos.

Ao longo de nosso diálogo, o Sr. Estevam Pereira sentia-se orgulhoso em se auto-atribuir como “descalvadiano puro”. Entretanto, se fosse para que eu lhe concedesse terras, ele se identificaria como índio Bororo, fala-me ele.

Neste sentido, ele mesmo procurou o tempo todo rememorar apenas aquilo que estava relacionado a festas e língua de raiz indígena. Estes dois elementos por ele selecionados mostram, em certa medida, como associava suas experiências nesta fazenda.

⁶⁵ Fundação Nacional do Índio.

Por um lado, festividades, que sempre estavam ligadas à bebida e musicalidades, o cururu e siriri, em especial. De outro lado, a necessidade em falar algumas palavras de origem indígena para ele se tornava importante naquele momento, porque ele acreditava que isso lhe daria possibilidade de receber terras do governo, uma vez que se equivocou, considerando que eu fosse da FUNAI.

O Sr. Estevinho, assim como é conhecido pela maioria destes trabalhadores, saiu desta fazenda em setembro de 1989, conforme registros do

Diário da Descalvados.

Faleceu em 2006, um ano depois de nosso encontro.



(...) Criei na Descalvados. Sou descaldiano puro. Trabalhava com o gado e tocava gado para todo lado... Gostava era de festa. Falava a língua daquele povo que vivia lá na baía do jacaré. Trabalhei muito e não tenho terra. Estou esperando um moço que prometeu terra para nós. Ele teve aí, mas sumiu. Aposentei [por idade] e agora vivo de favor dos outros.

Figura 44: Estevam Pereira, 83 anos, aposentado. Local: Cáceres, MT. Foto: Gláucia Péclat/2005.



Figura 45: Família do Sr. Jorge Fernandes (primeiro da esquerda para direita), 80 anos, aposentado Local: Porto Limão, MT. Foto: Gláucia Péclat/2006.

(...) vaqueiro, nascido na Descalvados, crioulo de Luis Lacerda. Como o serviço que eu fazia lá era meio duro, porque para nós, porém, vaqueiro que era, era duro porque o campo era longe. E não tinha retiro perto não. Quando apitava 12h00min, [emitia o som do apito] a matança começava. É lá eram cinco ressoador que, nós fala, que tirava o couro do boi. Tinha o charqueador, tinha o sambulhador, tinha o salgador de couro, tinha o salgador de carne e diversos serviços. (...) chumbava a carne de sal e aí, tinha os tandilheiros que cuidava das carnes no sol.(...) passado uma hora mais ou menos, levava na pilha, no pilheta, que nós falamos, amontoando a carne. Tinha um varal de carne vinha do lado de lá. Era o tandilheiro, que aqui nós falamos. E serviço tinha muito.



Figura 46: Sr. José Braz, 78 anos, aposentado. Local: Cáceres, MT. Foto: Gláucia Péclat/2009.

Assim, o Sr. José Braz, apontador do Armazém (Casa do Comércio) narra:

(...) Nasci no dia que Ramsay morreu [capataz texano da Brazil Land], na hora do almoço. Quando compraram era “Irmãos Lacerda Ltda”. Comprou em 1945, primeiro ano, ele perdeu a parte do gado, porque não tinha experiência. (...) Meu tio trabalhava na Descalvados, meu irmão e eu. Fui auxiliar na Casa do Comércio [Armazém]. Tenho um pouquinho de matemática. Essa Casa foi o que me deu alguma leitura. Desde menino eu ia para lá e lá aprendi, porque o gerente era amigo do meu pai (...).

O Sr. Tomaz Aquino era capataz nascido e criado na fazenda, exercia tal função em decorrência da confiança a ele depositada. Segundo sua narrativa, “passado alguns anos... era o braço direito de Luiz Lacerda”.



Figura 47: Francisca Aparecida, Tomaz Aquino, Bonifácia Pereira. Local: Cáceres, MT.
Foto: Gláucia Péclat/2005

(...) Nasci e criei na Descalvados. Era capataz de Luiz Lacerda... Tenho 83 anos e sou aposentado pelo INSS.(...) Essa casa aqui foi Luiz Lacerda que me pagou. Eles não me pagaram nada... Eu fiquei lá porque eu gostava de lá e gosto de lá porque eu nasci e criei lá. Meu pai trabalhou lá, por bastante tempo. Desde a época da Brazil Land.

3.3 – Questão trabalhista

Interessada em entender a operação deste charque sempre que questionei a seu respeito, muitos destes narradores se referiram à questão trabalhista, senão todos. Como esta carne neles provoca lembranças?

Luiz Lacerda dizia: aqui é o socorro seus. Eu trabalhava lá perto do Paraguai e ele mandou pra lá uma turma pra fazer serviço de limpeza. O Guri meu estava pequeno naquele tempo e adoeceu. Minha mulher mandou um bilhete pra mim. E assim, não mostrou pra ele. Vim embora. Cheguei lá fui pra casa. Não fui apresentar pra ele. No outro dia ele soube. Não faltava um puxa saco dele. Ele falou: fulano tá ai? Porque ele não veio? Mas mandei chamar? (...) Ah, mas dizem que o filho dele está doente. Vá lá no carregador e chama fulano.

Lá se alguém queria sair pra ficar um tempo fora, podia e ai, acabava voltando. Só que ele chamava atenção. E essa pessoa ficava de quarentena. Nós falávamos que era castigo. E acho que era pra não cometer esse erro de novo. Era desse jeito (Sr. Bráulio Torres, 67 anos, aposentado).

Recebíamos um salário pequeno, mas para falar a verdade, era bom. Em um ponto ele era meio exigente e em outra parte ele tinha que extravasar, porque quem paga quer produção, né? (José Leite, 83 anos, aposentado).

Homem que não deve, não tem crédito, Sr. Luiz Lacerda falava (...) (Amâncio Fernandes, 72 anos, aposentado).

Explica Sr. Amâncio que Luiz Lacerda, como estratégia para mantê-los no local, criava relação de dependência entre saúde, trabalho, moradia, comida e crédito também aos trabalhadores no Armazém.

Em telegrama encaminhado ao contador, há uma solicitação para que envie, em dez de abril de 1959, um avião a Porto Lacerda⁶⁶ para buscar o carpinteiro José Manoel para assistir ao funeral de sua filha caçula que faleceu repentinamente. Percebi neste documento certa preocupação de Luiz Lacerda em garantir assistência a estes trabalhadores. No entanto, como alguns deles mesmo narram, isso funcionava como possível estratégia para manter estes profissionais na Descalvados.

Nesta carta, observei certo cuidado de um trabalhador ao direcionar suas palavras a Luiz Lacerda, pois, ao iniciá-la, deseja-lhe saúde e felicidades nos negócios expressando seus sinceros votos.

⁶⁶ Porto Lacerda, Pescaria e Santa Rosa são fazendas de propriedade de Luiz Lacerda.

Cáceres, 22 de fevereiro de 1.900

Prezado Sr. Luiz

Saúde a todos e felizes negócios são os meus sinceros votos. Segundo conselho médico terei de extrair todos os meus dentes do maxilar superior, pois a maioria deles estão com focos os quais me prejudicam muito a vista e de acordo com a consulta dentária, esse tratamento durará no mínimo de uns 20 a 30 dias, para que eu possa colocar a chapa. Motivo porque venho perguntar ao Sr. se será possível eu fazer logo o referido tratamento antes de iniciar a trabalhar fixe-me no seu escritório, pois o que eu não quero e o que o Sr. não gosta é de estar viajando de lá para cá aqui para lá. Se o Patrão estiver de acordo que eu fique todo esse tempo aqui para terminar de uma vez com os serviços dentários, peço avizar-me, caso contrario, arrancarei os dentes e deixarei para colocar a chapa quando tiver outra oportunidade.

Com o meu abraço a todos

N. Campos
Nélio P. Campos

Figura 48: Carta endereçada a Luiz Lacerda por Hélio P. Campos. Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Nélio P. Campos, segundo as narrativas de outros trabalhadores entrevistados, era um dos responsáveis pela contabilidade do escritório de Luiz Lacerda, que ficava localizado em espaço interno da Casa Grande.

Era ele quem despachava mercadorias para os demais trabalhadores desta fazenda, permitindo-lhes via praeiro, que comprassem semanalmente o necessário para o abastecimento doméstico e sustento de sua família.

O praeiro era quem realizava a comunicação entre este encarregado de escritório e estes demais trabalhadores. Ele era o responsável pela criação de animais, fiscalização da limpeza do pátio e, sobretudo, da área em frente ao Rio Paraguai. Distribuía dois quilos de carne diariamente às famílias e, também, ossos de vaca para o preparo de sopas, bem como cuidava da lenha destinada à Casa Grande.

Além da relação de confiança sugerida nesta carta, observei que há outras questões relativas ao ato ou efeito de permissão garantida a estes trabalhadores, quanto à saída deles para demais regiões em situações de necessidade.

Ainda que existam nesta carta alguns indícios de que Luiz Lacerda não gostava de trânsitos *“de lá pra cá, daqui pra lá”*, as narrativas orais de alguns entrevistados evidenciam que isso ocorria com certa tranqüilidade. Mesmo quando o caso não dizia respeito somente a enfermidades, mas também quando se referia à necessidade de visita a algum parente ou vontade de buscar outras possibilidades para além da Descalvados. No entanto, como narrou Sr. Braulio Torres: *“Só que ele chamava atenção. E essa pessoa ficava de quarentena. Nós falávamos que era castigo”*.

O tempo de serviço falsamente registrado na carteira de trabalho deles os leva a buscar aposentadoria por idade. E despertou neles sentimento de indignação. Muitos deles contrariados com esta situação narram que isso se tornou uma mágoa em relação a Luiz Lacerda, por isso, pretendem esquecer esta experiência vivida nesta fazenda.

Quero esquecer o que vivi na Descalvados. Não gosto nem de lembrar. Sai de lá sem nada. Tive que correr atrás da minha aposentadoria. Ele prometia, prometia e não sai com nada nas mãos. Não tenho saudade, não (João Freire, 75 anos, aposentado).

Em geral, muitos destes trabalhadores narram que quando um fiscal do trabalho aparecia nesta fazenda para averiguar qualquer irregularidade, seu proprietário delegava ao capataz a missão de afastar este funcionário do governo para bem longe das margens do rio Paraguai.

Assim, atentei-me para esta questão e, ao arrolar documentação escrita nesta fazenda, encontrei dados que tratam da visita de um fiscal do trabalho em 25 de novembro de 1946, Luiz Accioly de Vasconcellos encarregado do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio – Departamento Nacional.

Este fiscal realizou uma avaliação da estrutura trabalhista na Descalvados. De acordo com a guia de nº 76, 1ª via, ele registrou que havia

naquela data, cerca de 30 empregados, conforme lhe foi apresentado no livro 01 de nº 913.

Apesar de o número ser insuficiente ao que fora certificado no Livro Caixa, parece-me que este fiscal multou esta Xarqueada⁶⁷ num total de emolumentos correspondentes a Cz\$ 10,80 de acordo com o art. 2º do Decreto n. 22.489, de 22 de fevereiro de 1933.

Certamente, mais de dez anos depois da visita do fiscal, o proprietário desta fazenda resolve, em 1959, contratar os serviços de seguro a alguns de seus trabalhadores, conforme registro da documentação escrita.



Figura 49: Carteira de Acidentes do Trabalho de 1959.
Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

⁶⁷ Grafia conforme identificado na documentação escrita.

Neste texto da Carteira de Acidentes do trabalho do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, encontrei a seguinte declaração “*seguradora contra acidentes do trabalho dos empregados de Luiz Esteves Pinheiro de Lacerda, estabelecido à Descalvados – Cáceres, pela apólice nº 247.765*”.

Assegurados, acidentados seriam encaminhados à Santa Casa de Misericórdia, sediada em Cáceres. Embora este documento apresente certa preocupação de Luiz Lacerda com os trabalhadores, não se sabe ao certo o número de empregados assegurados, pois, como mostra a carteira de acidentes do trabalho de 1962, logo abaixo, poucos tinham direito sobre o seguro:

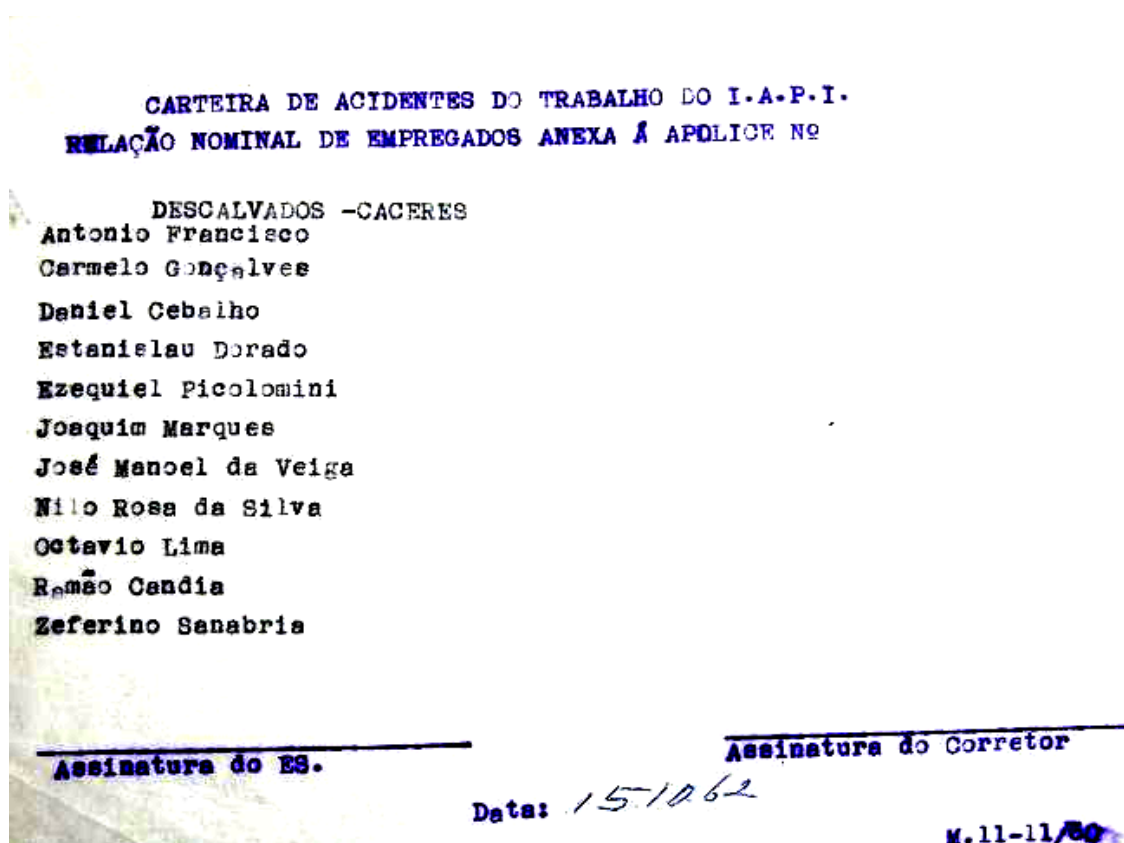


Figura 50: Carteira de Acidentes do Trabalho do I.A.P.I. Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

O documento acima aponta para certas questões que me interessam comentar: 1) dos prováveis 400 a 600 trabalhadores empregados nesta

fazenda, apenas 11 se encontram assegurados conforme Carteira de Acidente de Trabalho; 2) o documento não apresenta assinaturas, nem do corretor, nem do contratante, o que pode sugerir certa dubiedade; 3) datada de 1962, esta Carteira pode expressar pressões dos órgãos responsáveis por questões trabalhistas no Estado na época. Ademais, chamo atenção para o detalhe sobre o valor correspondente ao seguro: o mesmo era descontado mensalmente no salário dos trabalhadores, segundo a narrativa de muitos destes sujeitos.

Ao me deparar com este documento, percebi que o corretor no ato da contratação dos serviços de seguros questionou Luiz Lacerda, se os trabalhos efetuados nas diversas seções deste estabelecimento eram independentes ou se os trabalhadores executariam ocasionalmente atividades em outra seção. A resposta dele foi a seguinte: *“às vezes, em substituição, operários de uma secção executam serviços em outra, todavia não acumulam os serviços”*.⁶⁸

Novamente, o corretor levanta outra questão a Luiz Lacerda sobre as principais máquinas usadas neste estabelecimento e nos serviços executados por estes trabalhadores. O proprietário informa que era: *“quebrar osso, triturar osso autoclavado – caldeira a vapor 30CV, autoclave em cozimento”*.

Interessante, quando notei neste documento a postura do proprietário ao ser interrogado a respeito dos tipos de produtos empregados, durante o processamento do charque; se eram corrosivos químicos, venenosos ou explosivos? A sua resposta é negativa. Contudo, pareceu-me que havia algum tipo de silêncio em sua voz. Embora eu não estivesse lá para observar seus gestos e o tom de sua locução, compreendi que Luiz Lacerda procurou ser breve nesta questão.

No formulário elaborado por essa seguradora constava uma outra questão, que inquiria se as seções discriminadas funcionavam em edifícios separados ou em pavimentos distintos. *“Trabalha-se em dois pavimentos, cada um tem as suas secções distintas”* – respondeu Luiz Lacerda a esse corretor de seguros.

⁶⁸ Fonte: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Departamento Nacional do Trabalho. Formulário de perguntas e resposta, nº 76 – 1ª via. Corumbá, 15 de outubro de 1962.

Luiz Lacerda complementa suas respostas enfatizando algumas questões: *“Habitação: está a cargo do proponente, nunca foi cobrado o aluguel”*. *“Alimentação: parte está a cargo do proponente, não sendo cobrada”*.

Fiquei intrigada com a resposta dele, pois, embora Luiz Lacerda declare que parte da alimentação era por ele fornecida, muitos destes narradores me disseram que os únicos alimentos que não lhes eram cobrados era a carne de charque e ossos do animal bovino utilizado para o preparo de sopas. Fora isso, as demais iguarias que compunham suas práticas alimentares eram descontadas e quando não podiam pagar eram perdoados. Será?

3.3.1 – Cartas mais... “preciso de emprego na Descalvados”

Apesar de muitos trabalhadores, em especial, aqueles de descendência indígena serem atraídos para trabalhar nesta fazenda pela carne de charque, mate e fumo, muitos procuravam trabalho por conta própria, como demonstra a carta a seguir:

Cáceres, 4/1/1959

Saudações

L. Lacerda tendo eu sido informado que o Sr. tem vários serviços para eletricitista e como fui licenciado a poucos tempos e mesmo que aqui está quase completo as instalações. Eu fui na casa do Sr. Aristides Ramos, ele disse que para mim que escrevesse ao Sr. que ele encaminhava a carta ao Sr.

Sr. Luiz trabalho de eletricitista, motorista, com radio e telefone: faço qualquer tipo de instalações.

Aquilino de Alcantara

Nesta outra carta abaixo, esta pretendente ao trabalho escreve solicitando auxílio e permissão a Luiz Lacerda para passar três meses na Descalvados, costurando tanto para o Armazém como para fora. Ela narra que em Cáceres é difícil quase todo mundo costura (certamente está se referindo a outras mulheres). Ana Cintra de Arruda diz que, caso lhe concedesse alguma oportunidade, ela seguiria viagem levando somente os filhos pequenos.

Cacere 13 de Janeiro de 1960

Prezado Sr. Luiz Lacerda
Santuzois

Faço estas linhas a fim de pedir ao Senhor um Auxilio pois estou querendo ir fazer uns 3 meses ai no Descalvados para costurar tanto para o Almacem como para fora, pois aqui agente fica parado e dificil quase todo mundo costura e assim que não dá, si o Senhor arrumar peço que avisar que no mês de Março eu vou estar so arrumando as crianca para o Colégio, porque só levo os pequenos. Sem mais aguardo a resposta e agradeço o.lla espero ser atendida da Amiza

As ordens

Ana Cintra de Arruda.

Figura 51: Carta direcionada a Luiz Lacerda por Ana Cintra Arruda (1960). Fonte: Acervo Particular Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

No mesmo ano, outro candidato ao trabalho na Descalvados escreve a seguinte carta:

Corumbá, 18/6/60
Exmo. Sr. Luiz Lacerda

Eu abaixo assinado, venho respeitosamente dirigir-me ao senhor na qualidade de uma criação de vosso pai, venho-me apresentar para oferecer-lhe meus serviços na qualidade de um trabalhador, na qual penso eu lher ser útil sendo a minha profissão maquinista com conhecimento um pouco de motor de veículo e por me achar atualmente sem ocupação, escrevo-lhe essa na qual aguardando a vossa decisão quanto antes as possíveis. Respeitosamente subscrevo-lhe teu criado.

Ass. Eduardo Ramos
Rua: Dom Aquino n. 1627
Corumbá – MT –
Brasil

Nesta carta o Sr. Eduardo Ramos oferece a Luiz Lacerda seus serviços como um trabalhador. Sua profissão é maquinista e por ter um pouco de conhecimento em motor de veículo solicita rapidez na tomada de decisão quanto à sua contratação, porque se encontra desocupado. Ele conclui sua carta escrevendo: *“Respeitosamente subscrevo-lhe teu criado”*.

3.4 - Categorias profissionais e o perfil dos trabalhadores (as)

Entrevistei muitos destes empregados que aqui enumero: vaqueiro; peão; sambulhador (trabalhava na salmoura); matador (de gado); charqueiro; mantilhador; pesador (inspecionava o peso); quebrador de ossos; carreador; desportador; praieiro (cuidava da limpeza do pátio, lenha e criação de animais domésticos); comissário de boi; cozinheiro da comitiva de gado; laçador; capataz; egueiro; operador de máquinas; contador; apontador; carpinteiro; bagualhador; doméstica; professora; enfermeira; meeiro esquerdo; meeiro direito; chaveiro; culateiro; tandilheiros (o que retirava a carne dos trilhos e cuidava dela ao sol); ressoliador (extraía o couro do boi); pintor; pedreiro; mestre de obras, mecânico e tratorista.

Ao mesmo tempo em que há distinções entre uma categoria profissional e outra, alguns destes trabalhadores que entrevistei narram que é difícil para eles identificarem diferenças entre elas.

Nesta direção, encontrei enorme dificuldade por parte deles em apontar função e/ou papel de cada uma destas categorias profissionais. Talvez, por isso, narra o Sr. José Brás, 77 anos:

Não havia uma profissão específica, o homem que agüentava trabalhar lá era bom de serviço e ainda tinha que saber de tudo, conhecer todo o processo, desde a matança até a embalagem da carne para mandar para o Nordeste, que era o maior comprador de carne de charque.

O Sr. José Braz era apontador do Armazém e trabalhava a pequena distância de Luiz Lacerda e Sr. Hélio, este responsável pelo escritório. Assim, seu relato me leva a questionar qual seria seu posicionamento em relação aos demais trabalhadores da Descalvados, à medida que ele exercia papel entendido por ele e por outros como importante?

Entrevistei Sr. José da Veiga e em sua narrativa ele define sua profissão:

(...) Eu fui para Descalvados em 1951. Já no tempo do Luiz Lacerda, fui com a família, nasceu na Descalvados um filho. Dois nasceram aqui na fronteira. Lá era como se diz: era um machado diário e cada qual tinha sua atividade. Eu já trabalhei em carpintaria e, em tudo quanto é matéria de madeira. Então, eu trabalhei lá em de 1951 até 1972. Era! Serviço pesado! Era para mexer com madeira, fazia mesmo esses recursos de madeiramento, carvão [provavelmente lenha], enfim. Tudo quanto é em madeira, carro de boi em madeira.

Dos trabalhadores que entrevistei, entre eles, vaqueiros e peões, é o que me interessa aqui. Eles narram que não participavam diretamente da matança do boi e menos ainda da operação deste charque. Assim, eles não tinham conhecimento sobre o processo de corte, salga, embalagem, entre outras atividades.

No entanto, eles ouviam histórias daqueles que trabalhavam nestes diversos setores relacionados à confecção desta carne, podendo, então, contribuir comigo na compreensão de algumas destas categorias profissionais, como foi mencionado acima.

Segundo o relato destes entrevistados, o perfil de alguns trabalhadores que se dedicavam à produção deste charque se caracterizava por um maior número de homens casados, com famílias constituídas, dispostos a desempenhar neste saladeiro atividades profissionais variadas e morar nessa fazenda.

A faixa etária destes trabalhadores variava entre menor de 21 a idosos com mais de 60 anos de idade. Como muitos deles nasceram nesta fazenda, desde cedo foram iniciados na operação deste charque, bem como na lida com o gado se deslocando para os retiros.

Ao alcançar a idade de 10 a 11 anos, as crianças do sexo masculino eram introduzidas no trabalho, sem honorário, com o objetivo de ganhar experiência. Carmo Marques Lopes, 37 anos, vaqueiro, narra o conhecimento que adquiriu ao longo da vida:

A gente vê que criança é curioso com todas as coisas, tudo que a gente vê quer tá lá em cima olhando. Eu tinha acompanhamento, esse meu padrinho Tomaz Aquino, eu era guri de oito anos, ele lutou com meu pai até ele me deixar ir trabalhar com ele pro campo. Ai... foi onde aprendi minha profissão. Passou a me ensinar aqui. Andava com ele pro campo, morava com ele, acompanhando ele direto. Quando precisava de um ajudante na fazenda, ai mandavam eu ir embora. Ficava lá pra ajudar a carrear. Carreava naquele saladeiro, que hoje mesmo não tem mais. Foi dia de 1999 que voltei pra lá. Eu cheguei lá e já não tinha mais ele [se refere ao saladeiro], era tudo no chão, tudo caído [certamente está se lembrando da galera que foi derrubada]. Eu fazia tempo que não voltava lá. Ai, conheci uns povo que era antigo que ficava lá pelos retiros de São Sebastião, São Luiz, Pescaria, Santa Rosa, Retirinho, Retiro do Jacaré, Santo Antônio, São Pedro, Presidente (...).

Assim, Tomaz Aquino Fernandes convenceu o seu pai a levá-lo para o campo, aprendendo, assim, a profissão da qual se orgulha muito na atualidade.

Narra o Sr. Eugênio que



Figura 52: Sr. Eugênio Batista.
Local: Fazenda Descalvados. Foto: Gláucia Péclat/2009.

As crianças (...) saía com o pai pro campo pra busca o gado. Tinha que aprender com ele ou com mais velhos a fazer seu laço e sua sela. Cada um tinha que aprender desde cedo porque mais velho devia saber fazer e ainda tinha que ter sua própria sela e seu próprio laço.

Neste processo ensino-aprendizagem, o pai sempre aconselhava seu filho dizendo: *“Você será bom, se não tiver preguiça. Você será um bom peão,*

bom vaqueiro, se não tiver preguiça”, narra também Carmo Lopes, em entrevista concedida a mim.

Segundo ele, ainda, aos rapazes solteiros cabia a responsabilidade de concertar alguma cerca, curral, participar da comitiva de gado ou da bagualhação, prática por assim dizer pantaneira, de amansar o boi baguá, espécie nativa desta região. Assim, aqueles que não eram vaqueiros eram cerqueiros.

Para muitos destes trabalhadores, especialmente, estes que entrevistei e que estavam diretamente ligados à função de vaqueiros, sua tarefa, segundo eles, era a mais difícil, pois exerciam atividades em todas as estações do ano, especialmente nas águas, buscando gado pela Bolívia.

Os “*gringos*”⁶⁹ (italianos, franceses, belgas, norte americanos, paraguaios, argentinos, bolivianos, corrientinos) solteiros se alojavam na pensão “Manoelito” com objetivo de estabelecer negócios ou mostrar habilidades profissionais que viessem a atender diversos interesses desta charqueada. A expressão “gringo” é conteúdo das narrativas elaboradas por estes trabalhadores. Especialmente as mulheres fazem uso dessa terminologia para, segundo elas, expressar os diferentes sujeitos sociais que nesta charqueada trabalhavam, seja por um curto período de tempo, seja por um longo período.

Quanto às mulheres casadas, estas eram responsáveis pelo abastecimento da dispensa doméstica, realizando compras no Armazém na caderneta do esposo. As mulheres que moravam na Descalvados desempenhavam papéis domésticos, exercidos em seus próprios lares ou na Casa Grande. Cuidavam dos filhos e se ocupavam com a cozinha no preparo de feijão com carne, banana com carne, mandioca com carne, galinha com mandioca. Segundo D. Rafaela Prudente

⁶⁹ A expressão “gringo” por mim utilizada advém das formas narrativas por esses trabalhadores elaboradas. Especialmente, as mulheres fazem uso dessa terminologia para, segundo, elas expressar os diferentes sujeitos sociais que nessa charqueada trabalhavam, seja por um curto período de tempo, seja por um longo período.



**Figura 53: Rafaela Prudente, 88 anos, aposentada.
Local: Cáceres. Foto: Gláucia Péclat/2006.**

A mandioca era a mistura. A batata-doce, o arroz, feijão, macarrão. Verduras era a banana. Frutas: jatobá, bocaiúva, canjiquinha, goiaba nativa, ata. No período da matança, a gente coletava essas frutas e levava para a casa comercial em troca de café, charque, arroz e açúcar.

As mulheres que se ocupavam como lavadeiras da Casa Grande e também aquelas concebidas como mães de famílias lavavam as roupas no Rio Paraguai. Usava-se esterco de vaca e a costela seca deste animal para raspar as roupas e, ainda, a crina do cavalo como objeto de limpeza, uma espécie de escova. Além destes artefatos, elas usavam o sabugo de milho queimado para friccionar roupas, narra para mim D. Rafaela Prudente. Segundo esta, elas produziam uma trouxa de pano com esterco de vaca e erva de São Caetano para passarem sobre a roupa, procurando clarear o tecido, “*calças grossas sujas de lama ao sol*”.

Aquelas que residiam no barraco, expressão também utilizada por D. Rafaela Prudente, cozinhando para o esposo e filhos, buscavam água na lata na beira do rio, pois água encanada existia somente na Casa Grande.

Mulheres solteiras, especialmente aquelas que moravam na *Galera* (que será explicitada adiante) auxiliavam sua mãe nas tarefas domésticas e eram preparadas para a realização de um possível bom casamento. Inclusive, um dos princípios que norteavam esta concepção de casamento era a sua realização com um piloto de avião.

Existia até uma espécie de lema: “*quero que minha filha se case com um piloto de avião*”, narra Pedro Cardoso, 49 anos, ex-gerente da Descalvados. E segundo ele a esperança de realização de um bom casamento acabava se concretizando com um piloto de barco – o chamado piloteiro.

Além de se ocuparem com a vida doméstica, em determinados horários, estas mulheres casadas prestavam serviços como passadeiras de roupas para aqueles que não tinham família constituída no local. Com o dinheiro advindo desta atividade compravam mercadorias no Armazém ou com o crédito a elas concedido compravam para depois acertar mediante dinheiro que recebiam com este ofício. As solteiras também possuíam créditos neste estabelecimento.

Essas mulheres casadas e aquelas que eram solteiras preparavam remédios caseiros em caso de alguma doença entre os membros da sua família, apesar da existência de uma farmácia no local. Já as que exerciam apenas papéis como o de costureira, o de professora e enfermeira, passavam um estágio nesta localidade, em média de seis a oito meses.

3.5 – Casamentos interétnicos: caminhos para construções de outros sentidos de identificação

Nesta carta destinada a Luiz Lacerda, Mons. Fr. Maximo Biennès do Bispado de São de Luiz de Cáceres, indica a realização de sacramentos na Descalvados.

São Luiz de Cáceres, 2 de agosto de 1960
 Prezado Senhor Luiz,
A festa da Nossa Senhora do Carmo, no Descalvados, neste ano, com a presença de V.Sria, de sua prezada família e do pessoal que aproveitou para receber os sacramentos, me deu grande satisfação pelo qual venho agradecer e felicitar a V. Sria. Particularmente me tocou o empenho em ter uma capela decente e asseada e tão acolhedora. Também agradeço a fidalguia com a qual fui recebido e tratado, como sempre, no Descalvados (...)
Com sincera estima e grato reconhecimento, subscrevo-me (...)

Mons. Fr. Maximo Biennès
 Adm. Apost. de S. Luiz de Cáceres

Aqui, em especial, D. Rafaela Prudente contou-me que: *“levava padre lá e fazia o batismo das crianças pequenas, fazia casamento tudo lá no Descalvados”*. Sem pretensões em afirmar, que tanto este documento escrito como a narrativa dela tratam de casamentos interétnicos, considero estas memórias importantes para abrir o campo de interpretações que me proponho neste momento.

Na Descalvados, como mencionado anteriormente, vários grupos destes trabalhadores se originaram de diferentes regiões. Assim, estes mesmos sujeitos em contato com outros indivíduos de nacionalidades, etnias, e naturalidades distintas, acordaram alguns casamentos de caráter interétnico. Mas como e por que essas relações matrimoniais se constituíram?

Em fins do século XVIII se constituía uma prática comum dos portugueses em relação às missões, isto é, incentivarem a fuga de chiquitanos para o lado luso da fronteira, de preferência famílias inteiras. A própria fundação de Vila Maria do Paraguai, em 1778, sob governo de Luís de

Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres é resultado desta ação (ANZAI, 2008, p. 153).

Além disso, a necessidade de gente para povoar a fronteira se tornou política de interesse deste governador, como também relações de concubinato entre mulheres índias com homens brancos.

Quanto aos Bororo, em 1880, Pimenta Bueno localizou uma aldeia, próxima a Descalvado e outra nas imediações de San Mathias. Em 1860 visitou uma aldeia desta etnia, localizada no interior da Fazenda Cambará. E lá ele observou inúmeras famílias que se deslocavam para esta fazenda, à procura de outras possibilidades.

Os Guató ocupavam praticamente toda a região sudoeste do Mato Grosso, eram encontrados nas ilhas e ao longo das margens do rio Paraguai, desde as proximidades de Cáceres até a região do Caracará. No interior deste vasto território sua presença foi registrada desde o século XVI por viajantes e cronistas (SILVA, 2008).

Nesta direção, provavelmente, membros destes grupos indígenas pressionados ao longo desta trajetória histórica, acabaram indo trabalhar nesta fazenda desde 1876, quando da instalação da charqueada por Rafael Del Sar.

Entretanto, não cabe a mim pensar na miscibilidade proposta por Freire (1983, p. 09), pois, não posso me esquecer do choque cultural que estes grupos indígenas experimentaram. Ademais, não devo olvidar que casamentos e relações sexuais apresentam profunda intercessão com as estruturas internas das sociedades indígenas, conforme assinala Fernandes (1997).

No que se refere aos indivíduos de origem estrangeira, aqueles concebidos como “gringos” por estes narradores, provavelmente, estavam ligados ao período dos uruguaios, belgas e americanos e, ainda, à política de imigração no Brasil que antecede a compra desta fazenda pela família Lacerda, em 1945.

Talvez como possibilidade de interpretação estes “gringos” conseguiram se casar com algumas mulheres de origem indígena nesta fazenda, por conta de janelas abertas, próprio das dimensões culturais de alguns grupos indígenas.⁷⁰

⁷⁰ FERNANDES (2008).

Além disso, também por interesses de Luiz Lacerda, era fundamental manter na operação deste charque trabalhadores casados. Sr. Braulio Torres narra que para eles também era conveniente ter sua família reunida, habitação e segurança.

Não questionei com estes trabalhadores os diversos significados culturais que eles elaboram sobre casamento, mas intento apontar como a constituição do matrimônio entre eles acaba por refletir na divisão étnica, social, profissional e espacial que estes grupos construíram ao longo de suas experiências, nesta fazenda: turma da *Galera*/turma da *beira do rio*.⁷¹

Entendi que o interesse de Luiz Lacerda para tornar afins homens e mulheres de diferentes etnias pode ter contribuído para uma possível relação de convivência nesta fazenda, apesar da clara distinção entre estes narradores acerca da “turma da *Galera* e turma da *beira do rio*”.

Muitas destas mulheres exerceram importante papel nesta fazenda na reprodução das relações sociais, o que pode ter possibilitado também, a permanência de diferentes categorias profissionais e étnicas na operação do charque.

As imagens, a seguir, para mim se apresentam como unidades de experiências.⁷² Em cada uma dessas fotos uma aura. E afinal o que é uma aura? Figura singular, composta por elementos espaciais e temporais, assim sugere Benjamin. Trata-se de algo que se vê e devolve o olhar.

Nelas vejo percepção impregnada de lembranças (BOSI, 2003, P. 36). Elas não são um conjunto fechado. Há nelas um lapso de tempo e de intervalos. No entanto, não entendo percepção como algo que guarda característica própria à realidade das coisas, assim, como assinala Mauad (1996).

Identifiquei movimentos nestas fotos e, ainda alma e consciência, como fala Deleuze. São para mim unidades também de produção, produção deles. Arranjos, arranjos matrimoniais deles.

Percebi também intertextualidades entre estas narrativas visuais e narrativas orais que se seguem. Falam de casamentos interétnicos como

⁷¹ A esse respeito “turma da *galera*/turma da beira do rio”, darei maior atenção no último capítulo. Neste momento me refiro apenas aos possíveis casamentos interétnicos que ocorreram entre esses membros nesses espaços por eles construídos.

⁷² DELEUZE (2009, p. 148).

também falam de memórias co-divididas, na medida em que se rememora um pouco da história de vida de cada um destes indivíduos.

Nestas fotografias evidencio o papel imputado a mim como autora de duas delas (figuras n. 02 e 05). E coloco em questão um problema como historiadora: lidar com a situação de um leitor de imagens do passado; presentificação do passado.

Um dia as fotos (01, 03 e 04) já foram memória presente – lembranças ou testemunhos. No processo de constante vir a ser recuperam o seu caráter de presença, num outro lugar, num outro contexto e com uma função diferente – a de indicar pistas sobre casamentos interétnicos. Coube a mim, como seus antigos donos, entrar em contato com este presente/passado e o investir de sentidos.⁷³

Por tal motivo, como opção, enumerei cada uma destas imagens para uma possível interpretação mediante narrativas desses trabalhadores. A foto de n. 54 é dos pais do Sr. Tomaz Aquino.

Minha mãe nasceu na cidade de Cáceres, mas criou lá. Minha mãe casou com meu pai na Descalvados. Meu pai se chamava Júlio Fernando e minha mãe Ana Marta.

Percebi que apesar de sua mãe ter nascido na cidade de Cáceres, ela foi, na expressão dele, criada na Descalvados. Isto pode indicar que não bastava ter nascido neste local e lá ficar velho para ser “crioulo” de Luiz Lacerda. Ter sido criada nesta fazenda, certamente, pode ter favorecido o casamento dela com seu pai. Não sei ao certo, o local de origem do pai dele, mas como nesta fazenda era uma prática a união entre casais de diferentes tradições, não só étnicas, surge o enlace entre os dois.

⁷³ A esse respeito ver (MAUAD, 1996, p. 73-98).

PRANCHA 02 - CASAMENTOS INTERÉTNICOS



**01. Pais de Tomaz de Aquino
Júlio Fernando e Ana Marta**



**02. Tomaz de Aquino e
Bonifácia Picolomini**



**03. Braullo Torres e
Carmem Picolomini**



**04. Arilton Montech e
Feliclana Montech**



05. Sr. José e sua Dona

D. Bonifácia Picolomini, 76 anos (foto n. 02):

Eu não fazia caso de falar bororo. Ela seguia seu pai pra todo lado que ele ia [sua mãe]. Ele levava a mamãe e ela ia a cabo...

Casada com Sr. Tomaz Aquino (não sei de qual etnia ele descende) e apesar dela não fazer questão de falar nenhuma palavra em bororo, D. Bonifácia parece se orgulhar de ser filha de italiano, não por uma mera lógica, mas porque também isso lhe possibilitava certos trânsitos nesta charqueada. Além disso, ressalto que seu esposo era “*braço direito de Luiz Lacerda*” como ele mesmo me narrou.

Fátima Picolomini, filha deste casal (figura n. 03) me contou que sua mãe era irmã de D. Bonifácia e que ela, sua mãe, fez questão de narrar suas experiências nesta fazenda para os filhos e, ainda, ensiná-los certas palavras na língua Bororo.

Uma irmã teve oportunidade de se casar com um membro deste grupo de trabalhadores, que era braço direito de Luiz Lacerda e, neste sentido, morar na beira do Rio Paraguai. A outra permaneceu na *Galera*, assumindo suas tradições e até mesmo sua identidade étnica.

O casamento de D. Carmem com Sr. Bráulio Torres, como narrado por ele, apresenta alguns elementos interessantes:

Trabalhei na Descalvados no tempo de solteiro e no tempo de casado. No tempo da última matança eu já tinha família. (...). Conheci a Carmem lá. Minha mãe morreu e escreveram para mim, que ela tinha morrido. Eu falei para o pai dela. Olha agora vou. Tinha nosso noivado. Não dava para pagar aquela época não. Fiquei trabalhando lá por mais seis meses, sempre com ele [certamente pai de D. Carmem]. Ai deu uma zebra lá. Eu andei brigando por lá. Daí o pai dela não quis dar cabo ao assunto mais... Fui para Cáceres. Ai voltei. Voltei lá outra vez. Mas cheguei lá e ela ainda estava sozinha. Ai apanhei ela. E ai, casei. Trabalhei por oito anos. Depois que adquiri família não quis mais trabalhar no charque mais não (...)

O depoimento do Sr. Bráulio Torres sugere algumas interpretações na medida em que sua narrativa aponta para certas dimensões. Primeiro, trabalhou na Descalvados no tempo de solteiro e de casado. Duas referências

temporais para ele e para outros trabalhadores. Uma possivelmente ligada à prática de rapazes solteiros irem a esta fazenda procurarem emprego. Outra a preferência do proprietário da Descalvados de absorver trabalhadores casados, senão que pretendessem constituir família neste local.

Seguinte referência, como ele era solteiro e andou se envolvendo em briga pela Descalvados, o pai de D. Carmem “*não quis dar cabo ao assunto*”. Tudo isso, me leva a pensar que existiam normas/regras de comportamentos entre estes trabalhadores e, sobretudo, entre estes membros pertencentes a grupos étnicos indígenas. Acordadas e tacitamente aceitas por eles.

Outra dimensão: “*no tempo da última matança eu já tinha família. (...)*”. E ainda: “*Depois que adquiri família não quis mais trabalhar no charque mais não (...)*”. A primeira carrega uma noção temporal muito forte para todos estes trabalhadores, inclusive ele. A segunda me sugere que com família adquirida ele não se propõe a exercer atividades no charque, mas, no entanto, ele me contou que foi ser cozinheiro da comitiva de boi, chefiada por Sr. José Vilarvas, a partir de 1970.

A narrativa de D. Feliciano Montechi, 82 anos, esposa do Sr. Airton Montechi (foto n. 04) enuncia vários aspectos importantes de certos movimentos de memória a que o sujeito se coloca e que acabou por tentar me condicionar também no meu trabalho de interpretação, senti-me sujeito e objeto.

Primeiramente, ela se apresentava sempre distraída, mas ao mesmo tempo se mostrava atenta a certos recortes temporais que ela mesma procurava selecionar no momento da entrevista: o dia e o álbum de fotografia de seu casamento, bem como o papel que seu esposo exercia nesta charqueada.

Assino Montechi porque o pai do meu esposo era italiano. Nasci na Descalvados e criei lá. Meu pai era paraguaio e se chamava Estevam Oliveira. Minha mãe nasceu na Descalvados. (...) Meu esposo trabalhava no Armazém da Companhia Brasilândia [Brazil Land]. A Brasilândia era do Farquhar, americano. (...) Eu morava perto da Igreja. Eu tinha que ficar lá pra beira do rio. Lá tinha de tudo, Igreja, Armazém, não faltava nada tudo que você procurava, você achava (D. Feliciano Montech, 82 anos).

Neste caso, como seu esposo era descendente de italiano e trabalhava no Armazém desde o tempo da Brazil Land, certamente isto lhe possibilitava o privilégio de morar próximo ao Rio Paraguai e perto da Casa Grande, em uma área destinada aos colonos.⁷⁴ É a divisão espacial usada para distinguir grupos sócio-culturalmente hierarquizados, que chamo atenção.

Ainda em consonância com a narrativa de D. Feliciano, aproveito agora para descrever seu comportamento logo após o fim de nosso diálogo. Ao término de sua entrevista, quando me desloquei para o portão de saída de sua residência, ela se mostrou apavorada, considerando que eu havia levado seu álbum de fotografia. Depois de me revistar percebeu que havia se enganado e se desculpou.

Tudo isso foi fundamental para mim e me levou a refletir sobre a importância que seu álbum de fotografia tinha para ela. Primeiro, por se tratar de um momento de casamento interétnico e depois para ela esta relação a colocava em outro plano social diferente de muitas outras dessas mulheres.

Nesta foto n. 05, essa expressão, “sua dona”; foi por mim utilizada porque além de me esquecer de anotar o nome desta senhora,⁷⁵ estes trabalhadores a empregam para se referir a sua companheira.

Ele é boliviano, ela nasceu na Descalvados. Os dois moravam na *Galera*, ele era charqueador. Durante a narrativa ela me disse: “*depois de moer toda nossa carne fomos mandados embora*”. Carne humana – o corpo. Carne de charque – o gado. Tecido muscular deste animal que expressa comida para estes trabalhadores (as) e que com ele rememoram modos de entendimentos sobre seu uso em práticas cotidianas e sazonais.

⁷⁴ Mais adiante irei abordar formas de construção dos espaços destinados à moradia para colonos e habitações para descendentes indígenas.

⁷⁵ Primeira etapa de campo por mim realizada em 2005 no Corixa Grande.

CAPÍTULO IV

DO BOI, SÓ NÃO APROVEITA O BERRO...

4.1 – A bagualhação

Optei por tratar da bagualhação nesta pesquisa, para apontar como o boi baguá chegava nesta fazenda e, assim, era transformado em charque e, ainda, atendia aos interesses de Luiz Lacerda com relação à pecuária extensiva.

Na verdade, interessei-me pela bagualhação. Ouvei esta palavra pela primeira vez na Descalvados em 2006, quando estive pesquisando o que havia de registros escritos no acervo local. Neste levantamento, aproveitei a oportunidade e entrevistei Libaneo, Eugênio Batista e Airton.

Libaneo se negava a falar de suas experiências nesta fazenda. Quando o interoguei sobre o que era bagualhação, ele criativamente me deu esta resposta: “*tá vendo aquele urubu lá? É urubu paulista. De vez em quando, ele aparece e fica urubuzando para saber das coisas*”, sorriu demasiadamente.

Urubu? Não havia nenhum sobrevoando a área. Disposto ou não a narrar, ele silenciou aquilo que me interessava e outras tantas questões. Senti-me num país de cegos, pois, como fala Geertz (2003, p.89) quem tem um olho não é rei, é um espectador.

No entanto, Sr. Airton se propôs a descrever a bagualhação e orgulhoso me contou que participou do vídeo realizado pela Rede Globo em 1985.

Bagualhação (...). É do homem pantaneiro. É bem feito. Sai laçando o gado, pegando, fazia aquele grupo de gado e tocava, misturando tudo. Tinha um monte de gado bravo aqui. Boi baguá porque é um idioma do povo. Moda do povo. É sistema.

Em sua narrativa ele empregou palavras como “*idioma do povo*” e “*sistema*”. Perguntei a ele qual seria neste idioma o significado de baguá? “*Selvagem*”, ele me disse. Quanto ao termo sistema, não o perguntei em que acepção ele o entendia, porque naturalizei. Suponho que ele não tenha se referido que isto seria aprender a si mesmo dentro de um passado pessoal, mas de se situar em uma ordem geral, como alerta Pietrafesa em o *Sistema do Lugar*.⁷⁶

Outro entrevistado também me narrou a respeito da bagualhação, o Sr. José Vilarvas, morador de Porto Limão. E no entendimento dele boi baguá significa “*bicho bravo*”.

Preparado pelos peões para a bagualhação, o gado manso era usado para amansar o bravo. Trelava o boi baguá com o manso. O bravo queria ir para o mato e o manso não deixava. Eles [gado manso] que domavam o boi [baguá] até amansar.

Ferreira (2009, p. 49) considera em narrativas orais, por ela coletadas em Nhecolândia, que boi baguá são reses ariscas, quase selvagens, que se escondem nos campos, nas matas.

Em entrevista concedida a José Hamilton Ribeiro, jornalista do Globo Rural em 1985, Sr. Rolindo define boi baguá como a rês que alonga, refuga do curral e do campeio e volta a viver na natureza como animal selvagem.

Em 1977, José Vilarvas conhece Luiz Lacerda no retiro de São Luiz. Tratava-se da entrega de 1.500 mil bois provenientes de uma negociação entre Aides Pereira e Lacerda.

Sáimos de Aquidauana com 250 burros, 70 homens, 08 cargueiros cada comitiva. Chegamos na fazenda Costa Rica do Aides Pereira. Eram 1.500 touros nelore. Destino... Fazenda Descalvados. Gastamos 52 dias de viagem de Aquidauana à Descalvados. Chegamos na fazenda Piúva arrumamos a travessia com cunhado de Luiz Lacerda. Ele ajudou atravessar a boiada a nado para Descalvados. Comitiva toda de canoa com o pessoal. Tropa a nado. Eram 250 burros. (...)
Sr. Luiz Lacerda estava esperando no retiro São Luiz. Conheci ele em 1977. Encontrei com ele pela primeira vez neste ano. Sr. Luiz Lacerda recebe a boiada e mandou parar no retiro São Luiz e pegar a

⁷⁶ PIETRAFESA, 1989, p. 12.

boiada e voltar para trás. Eram 3.000 bois trato de Aides Pereira com Luiz Lacerda.

Retomo aqui algumas tensões experimentadas por estes trabalhadores, entre 1965 e 1970, quando Luiz Lacerda introduziu a pecuária extensiva. Assim, 1965 foi e é um marco para estes narradores: “*fim da matança/matança final*”, porque para estes trabalhadores este tempo significa tempo de fartura, tempo de mais emprego. Entretanto, para Lacerda não se trata exatamente do fim da matança, como tratado anteriormente, mas sim, do início de outras possibilidades, como a redução do número de trabalhadores nesta fazenda.

A matança é uma vida íntima deles e se confunde com o momento histórico. Lembro aqui o que Barrozo (2009) assinalou sobre o processo de colonização no Mato Grosso a partir da década de 1950.

Escolhi rever esta dimensão com objetivo de chamar atenção para o quanto esta fase marcou a memória destes trabalhadores. A proposta de “*fim da matança*”, em 1965, tem para eles sentido de continuidades/descontinuidades, parece refletir nos projetos de memória e de identificação deles. Este “*fim da matança*” é para eles a espera,

A gente não sabia mais o que ia fazer. Por exemplo, trabalhei como mantilhador e depois não sabia mais o que ia fazer. Ai o patrão me colocou na comitiva (Bráulio Torres, 67 anos).

José Vilarvas (Zé Paraguai) não experimentou o tempo da matança. No entanto, ele apresenta clara consciência de sua importância na vida destes trabalhadores e como isto se dá no charque, logo:

Matavam 600 bois por dia e naquele tempo ele [Luiz Lacerda] decidiu parar porque não estava dando lucro. Entregar boi dava mais lucro. De primeiro matava, mas depois se dedicou a vender boiada para São Paulo, embarcando pelo trem.

Mesmo com a proposta de outros investimentos – intenção de Luiz Lacerda para com a pecuária extensiva – a bagualhação permanece como

prática de buscar boi em área do Pantanal e, até mesmo, se preciso fosse, na Bolívia.

Nesta negociação entre Aides Pereira e Luiz Lacerda em 1977 ocorre a troca de dois bois tucura por um nelore:

Começou a bagualhação. Pega a laço e amarra. Cada comitiva era de 80 pessoas. Então, dividia a comitiva para pegar o boi baguá. Encontrava a hora certa para seguir com a vaquejada. Laçava o boi, misturava 30 boi manso e o boi manso levava o boi bravo. Em cada bagualhação pegava 400, 500, 700 cabeças por dia, mais ou menos a base. 1.000 cabeças de gado internado e separado só do boi bravo. Tem amarelo, branco, vermelho que chama de boi tucura. O tucura não tem valor. Nelore é para peso, gado bom. Ai, trocou dois tucura por um nelore que deu 3.000 bois (José Vilarvas, 72 anos, aposentado).

O tucura chegou a esta região há mais de 300 anos, junto com os colonizadores ibéricos. Durante este tempo, esta raça foi se adaptando ao ambiente pantaneiro. Um dos principais diferenciais desta espécie é que quando outras raças já não conseguem mais pastar na vegetação inundada, ela ainda consegue resistir na região por certo tempo. Isso acontece porque suas patas e seus cascos são mais resistentes à água (MIRANDA, 2010).

Concebido por estes narradores como boi baguá, devido suas características – selvagem e por ser o tucura bravo – na bagualhação, em geral, a comitiva percorria longos trechos por vários dias, atrás deste animal. Entretanto, não era só esta espécie que existia no Pantanal, nesta época entendida por eles como baguá. Entre outras espécies, é esta que aflora em meio às narrativas.

Zé Paraguai narra ainda que,

Quando pegava o boi baguá é que atrelava com o manso. Cortava o chifre com serrote para não furar a pessoa nem o cavalo. Cada comitiva tinha 12 pessoas. Cada comitiva levava 1.200 bois. Cada lote de boi conduzido por 12.

Bagualhador é o nome atribuído por estes trabalhadores aos vaqueiros que se dedicavam à bagualhação. Entre os profissionais envolvidos nesta atividade encontravam-se o ponteiro, o fiador (direito/esquerdo), meeiro (direito/esquerdo), o chaveiro e o culateiro (direito/esquerdo).

O ponteiro conduzia a boiada, concentrando-se como centro da cabeça do gado. O fiador direito e esquerdo, tanto um quanto o outro se deslocavam entre a ponta da boiada até o meio, encontrando-se com o meeiro que exercia a função de ficar no meio da vaquejada. Já a tarefa do culateiro (direito/esquerdo) era recolher o gado que ficava para trás e estava mais cansado, explica-me Zé Paraguai.

Ao longo desta jornada, o ponteiro procurava identificar se o boi baguá tinha marcas na “orelha”, termo empregado para designar a rês que tem este membro intato, que não traz sinal de propriedade.

O corte na orelha da rês significa ‘sinal de divisa’, que indica a que fazenda pertence o boi. Na Descalvados usavam formas escalavradas nas duas abas, deixando as paredes retas e acabando em ponta (Fonte: Revista Globo Rural. Ano 1. N. 3 – Dez. 1985, p. 27).

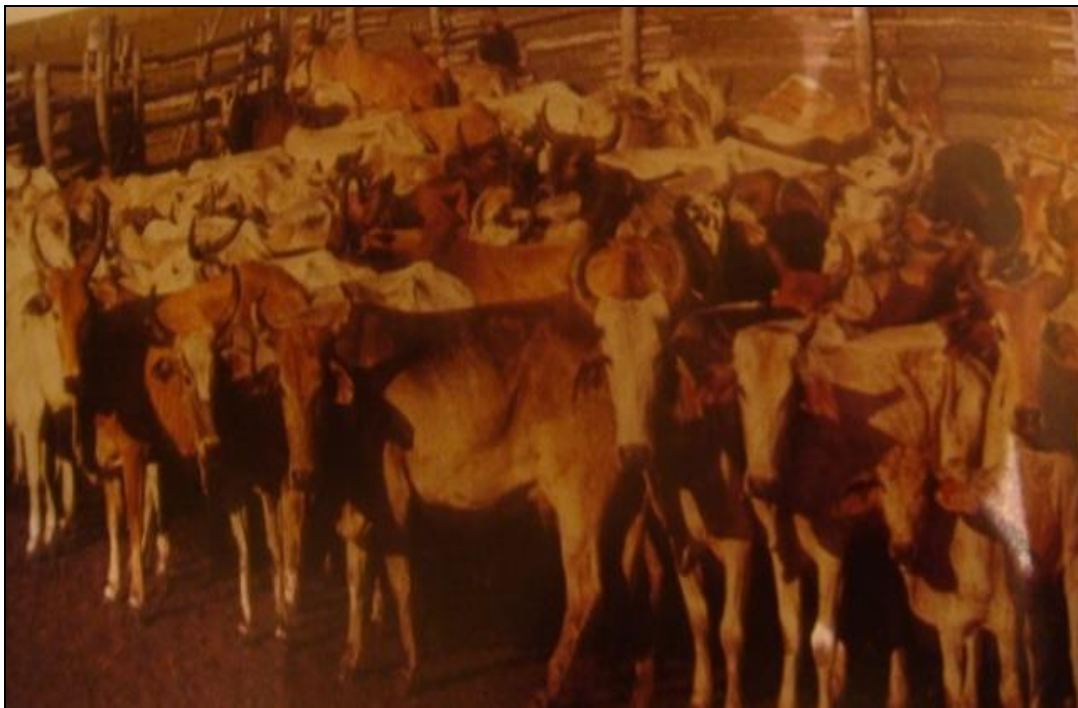
Na bagualhação 12 pessoas participavam e cada vaqueiro pegava de seis a sete bois por dia, conta-me Sebastião Lagarto, 49 anos:

Para 1.000 bois tinha oito pessoas para tocar o gado. Comprava no Poconé, descia no Porto do Jofre. Muitas vezes saía de São João, perto do Guaporé, perto de Vila Bela da Santíssima Trindade e chegava lá nas Onças. Tudo no lombo do burro. Só burro para dar conta.

Em narrativa escrita, de José Hamilton Ribeiro, identifiquei a participação de Sebastião Lagarto nesta bagualhação de 1985:

Num leve toque de rédea, seguida da inclinação do corpo, Sebastião “Lagarto” da Silva, cara de índio, peão, ativo e corajoso, disparou o cavalo atrás do boi preto. Logo já estava no rabo do fujão, ajeitando a posição para jogar o laço antes que o baguá ganhasse o carrascal (Fonte: Revista Globo Rural. Ano 1. N. 3 – Dez. 1985, p. 26).

Os baguás passam, geralmente, dois dias sem beber nem comer, “pra quebrar o orgulho”, como diz Rolindo a José Hamilton em entrevista concedida ao jornalista. No terceiro dia são levados para beber água, mas retornam para o curral, “pra aprender a obedecer”, narra ele novamente ao jornalista.



**Figura 59: “Pra quebrar o orgulho”, dois dias sem comer nem beber.
Local: Faz. Descalvados. Foto: Adão Maciera (1985).**



**Figura 60: Vacinação. Local: Faz. Descalvados.
Foto: Adão Maciera (1985)**

José Hamilton relata que na semana em que acompanhou essa bagualhação na Descalvados foram capturados 900 baguás. Vander Alemão, capataz na época, juntamente com os bagualhadores comemoram com churrasco no retiro do Sucuri.



Figura 61: Saída para a bagualhação Faz. Descalvados. Fotos: Adão Maciera (1985)



Figura 62: Churrasco no Retiro Sucuri. Fotos: Adão Maciera (1985)

Importa a mim, sim, trazer aqui estas imagens documentadas por Maciera (1985), uma vez que se trata da memória destes trabalhadores, não são meus os registros apenas. Repito as palavras de Deleuze (2009): imagens são excitação e vibração. Para muitos destes trabalhadores é importante se verem neste local e neste dia.

E retomo Magalhães (2004, p. 19) quando diz: “imagens velam e revelam!!”

Em 1985, a fazenda se encontrava em mãos de Luiz Antônio, filho primogênito de Lacerda. Neste período, após separação do casal, Luiz Lacerda administrava a fazenda das Onças. A situação econômica dos herdeiros se encontrava fragilizada, segundo narrativas de Tomaz Aquino.

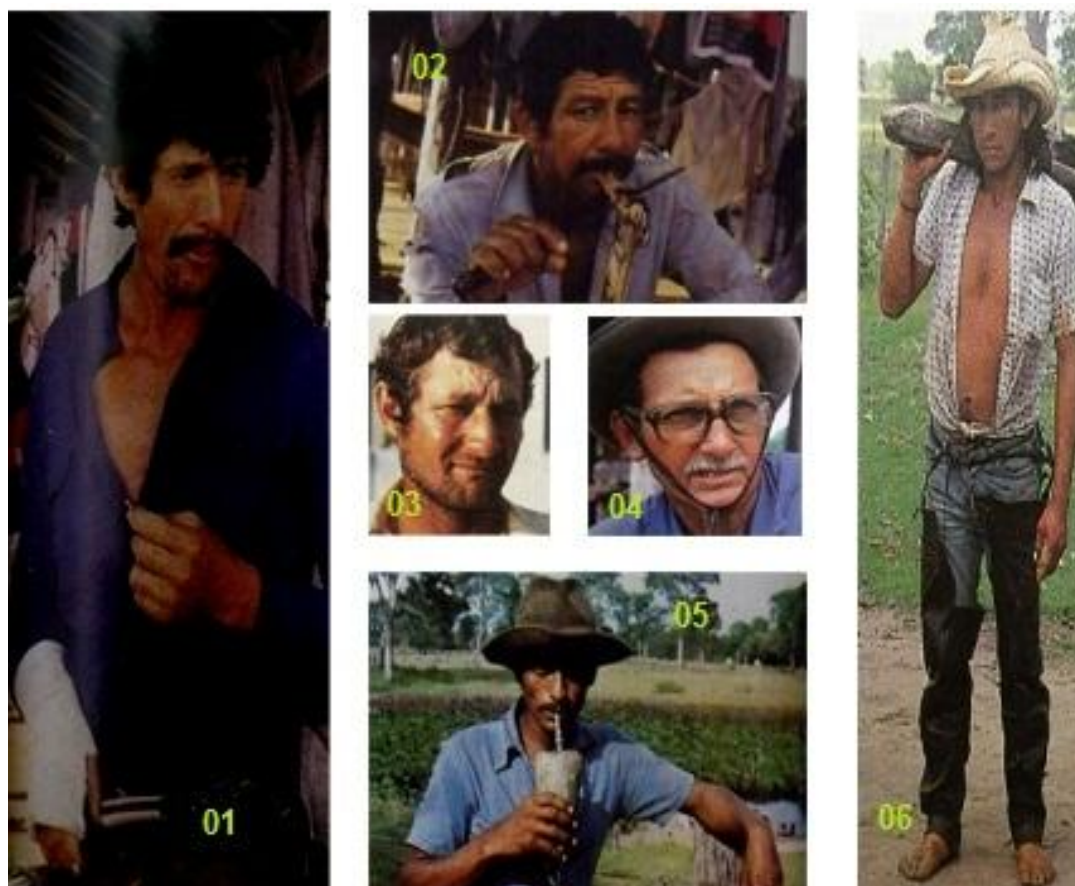


Figura 63: Trabalhadores envolvidos na bagualhação. Local: Faz. Descalvados. Fotos: Adão Maciera (1985).

Legenda⁷⁷

Foto 01: Paraguaio	Foto 04: Vander Alemão, capataz
Foto 02: Airton Bola	Foto 05: Vandinho
Foto 03: Rolindo	Foto 06: Sebastião Lagarto

Ao longo de cada viagem a tarefa do capataz, aqui, em especial, Zé Paraguai, era organizar a comitiva e cuidar do horário da comida:

Parava para fazer almoço para a peãozada e tomar tereré. O burro levava as bruacas com as tralhas: panelas, comida, mercadoria, galinha, porquinho, banha, arroz, feijão, macarrão, carne de charque. Sem camisa, sem chapéu não podia servir. Tinha que pagar multa. O peão pagava uma galinha. Agora se deixasse a tampa destampada

⁷⁷ Fonte da Legenda: Revista Globo Rural (1985).

pagava com uma galinha. Tem que ter disciplina se entrar pela contra-mão pagava uma galinha. Peão pagava galinha. Capataz pagava com leitoa. Se aumentar a multa tinha que dar uma novilha. Toda comitiva tinha a tradição de disciplinar o pessoal. Era igual um quartel até formar.

Observei que Zé Paraguai desenvolve uma comparação entre o comportamento estabelecido para o bagualhador, com disciplinas fundadas como se fosse um quartel. Uma norma para ele quase institucionalizada. Será que não era? Estes sujeitos associavam suas condutas a recompensas ou castigos, a um conjunto de normas que eles elaboravam para o acesso à comida.

Curiosa com estas multas pré-estabelecidas por estes bagualhadores, indaguei ao Sr. Bráulio Torres – cozinheiro da comitiva de boi – como eles as acordavam? Para ele se tratava de uma prenda, forma de levar o indivíduo encarregado da bagualhação a pagar pelo descumprimento das regras por eles adotadas. Eles poderiam ou não pagar com novilhas ou galinhas. Dependia, é certo, de quem se encontrava à frente da comitiva. Em geral, o vaqueiro pagava, completa ele, em entrevista a mim concedida.

Como aqui já mencionado, estes vaqueiros confeccionavam seu próprio laço. Segundo Eugênio Batista, era para evitar que um pegasse o instrumento/ferramenta do outro; parece-me outra medida instituída entre eles para uma provável organização do grupo. *“Cada um tem sua fome. Assim mesmo é a tralha dele. Para não pegar a dos outros”*. Como possível exame simultâneo entre estas duas categorias: fome/comida – tralha/trabalho, Sr. Eugênio faz semelhanças, elaborando assim uma interpretação, um pensamento a respeito.

Dentro desta perspectiva, que *“do boi só não aproveita o berro”* – expressão proferida por Zé Paraguai – discuto que, mesmo que a confecção deste laço seja algo que aproxima esta região às demais do país, ele se configura em importante elemento para a compreensão da bagualhação.

Cada bagualhador fazia o seu laço e ainda se auto-atribuía como melhor laçador da região, *“porque nascia, já nascia quase no lombo do cavalo. Os homens tinham muita prática”* (Eugênio Batista).

O laço de pegar carneiro e bezerro é esse fino que está aqui. O laço de pegar boi é aquele outro que é mais grosso, pegar boi, touro, garrote (...).

Tem dez braças de comprimento. Mas um laço também perigoso. Se você não sabe lidar com ele, vai na perna, é perigoso cortar a perna também e cair do cavalo. Se não tiver um companheiro ali por perto, sai de rastro. Sai de rastro porque, ele dá nó na perna. Tem que saber lutar com o laço na garupa, saber jogar, saber puxar, golpear, derrubar. É armação do vaqueiro. Tem que ter a faca na cintura também. Se embrenhou no laço, pega a faca e corta ele para salvar a criação e a gente também.

Estes vaqueiros envolvidos na bagualhação narram que mesmo durante a chuva eles tinham alguns afazeres. No período chuvoso, durante a enchente que perdurava por três meses, estes trabalhadores não exerciam atividades com o charque, “ficava parado”, narra Eugênio Batista.

Além disso, como aponta este telegrama abaixo, por motivo da chuva Lacerda foi obrigado a interromper serviço de campo. Escreve ele à Alicinha:

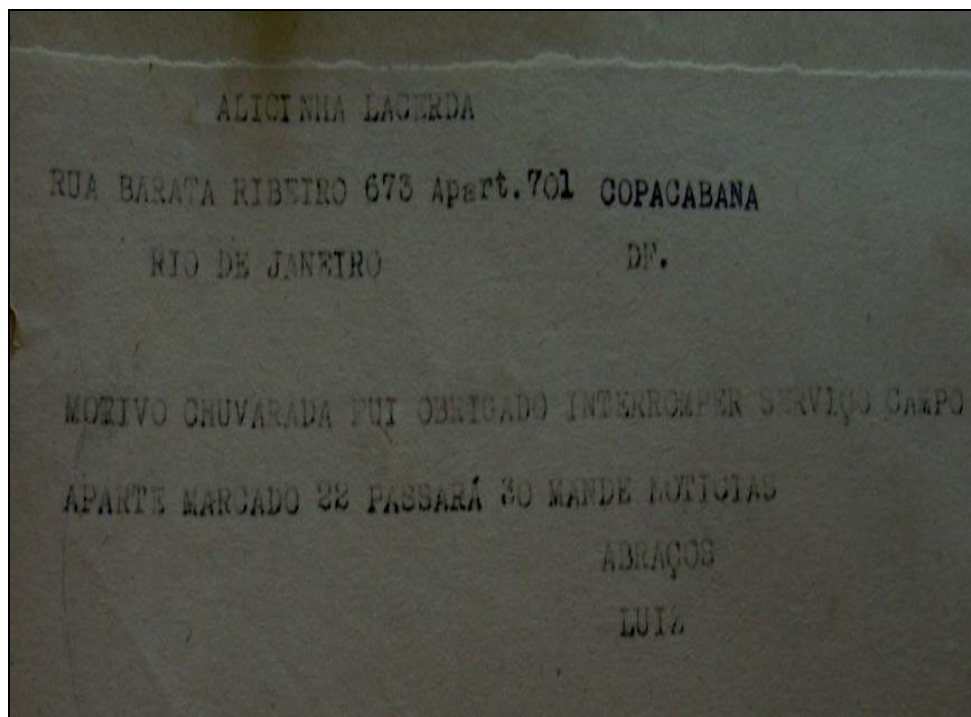


Figura 64: Telegrama direcionado a Alice Lacerda sobre interrupção de serviço de campo. Acervo Privado Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Neste outro telegrama, Luiz Lacerda avisa que, devido à água da chuva, cancela pouso do avião por motivo de segurança da sua preciosa vida. Informa ele que receberá boiada em Porto Lacerda:

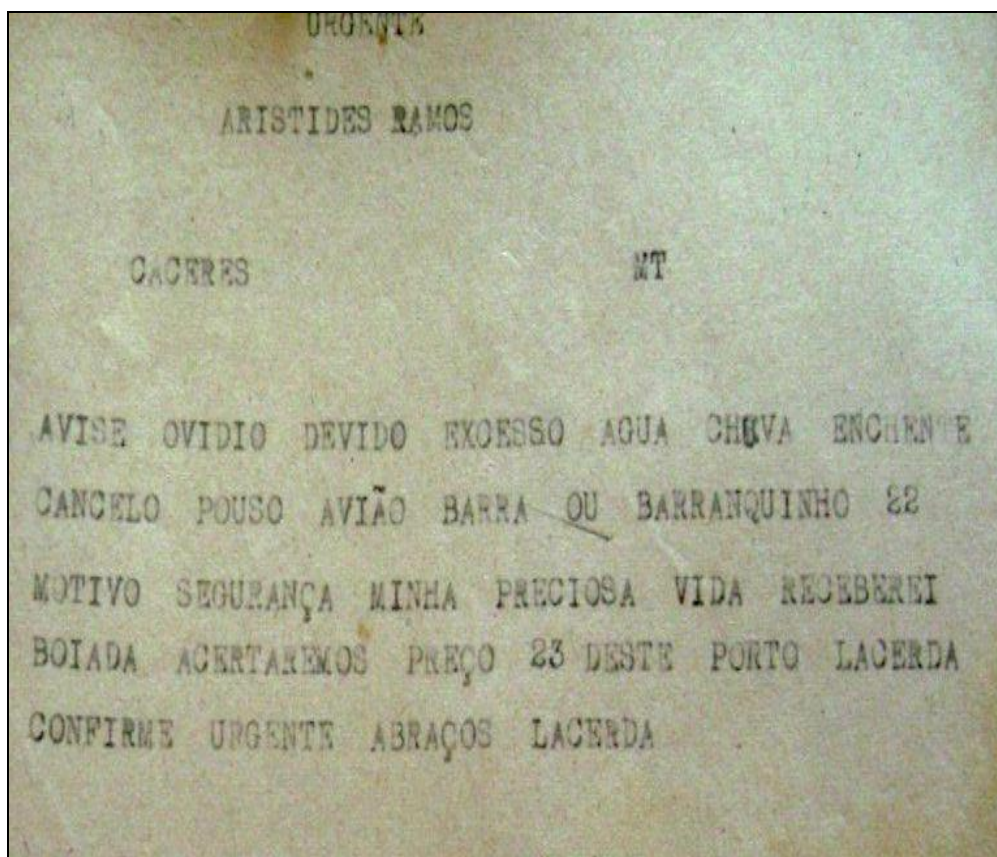


Figura 65: Telegrama direcionado a Aristides Ramos por Luiz Lacerda. Acervo Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Em agosto, plantava-se milho, abóbora, arroz preto, melancia, quiabo, algodão, tudo na primeira chuva, recorda Eugênio Batista. Ele lembra ainda que na época da chuva o número de mosquitos aumentava em função da enorme quantidade de vacas que havia nesta fazenda.

4. 2 – “Comida é pasto”, você não come o quê?

Analiso aqui nesta sessão como o sentido de carne, em especial níveis de importância deste charque, para estes trabalhadores. Problematizo antes de tudo uma questão que considero fundamental: o que significa carne para eles?

Resposta um tanto complicada para mim, porque demorei muito a entender. Carne e carne de charque têm para eles sentido de à vontade, comer muito. Construção por eles elaborada, talvez não só, mas também pelas formas como foram atraídos para trabalharem nesta fazenda. Outro possível motivo: eles afirmam sentir saudade desta carne, “*porque “descalvadiano” que é “descalvadiano” quando está triste é porque está com vontade de comer carne*” – D. Rafaela Prudente, 88 anos.

Sensações físicas quando levam certos indivíduos à lembrança de algumas comidas, remete-me a memória *destello*, isto é, a memória detalhada como propõe Conway (1998, p. 69). Esta memória detalhada desperta nestes trabalhadores a rememoração do tempo da Descalvados, que tem alta importância pessoal para cada um deles. Tempo da carne de charque. Tempo do churrasco, da carne à vontade.

Em dias de festa ou durante a semana todos tinham acesso à carne, segundo eles, à vontade. Lembro-me aqui daquilo que Luiz Lacerda narrou ao corretor de seguros: “*alimentação parte está a cargo do proponente, não sendo cobrada*”. Referia-se à carne. Mas se ser “descalvadiano” ou “descalvadiano puro” e aqui o sentido de “crioulo” não cabe, porque no entendimento deles lembrar da Descalvados é rememorar carne? Também em determinadas condicionantes comer carne é recordar Descalvados?

Esta fazenda não é sujeito. É para eles espaço/ponto de referência, o que pode significar lembrar de carne. Assim, talvez, por isso, o sentido de identificação por eles construído é parte de um imaginário da experiência, pois, é a partir da experiência deles que eles elaboram este imaginário. Assim, ser “descalvadiano puro” ou não são formas por eles encontrada, para negar sua origem indígena. Assim preferem dizer que são “descalvadianos”,⁷⁸ narra Sr. Bráulio Torres, 67 anos, aposentado.

⁷⁸ A este respeito darei maiores desdobramentos no último capítulo.

Induzo aqui ao significado da palavra Descalvados – campo limpo, campo aberto. Construída em cima de uma aldeia Bororo, esta fazenda desde o início foi uma charqueada. Em consonância, eles assim experimentaram carnes e carnes, só não comeram extrato de carne em lata, deram suas carnes, como narrou a dona do Corixa Grande.

Tinha muitas latinhas por lá, me lembro bem. Não comi não, achava estranho. Carne de lata? Como pode? Era tudo para aquele povo, lá do estrangeiro. Para aquele mundo de meu Deus!!! Acho que era para a Europa, né? Gente de lá. Vendia, vendia (Jorge Fernandes, 88 anos, aposentado).

Neste período a que dedico minha atenção (1945 – 1990), momento que é retratado como alguns destes trabalhadores experimentaram a época da Brazil Land, a carne fresca e esta carne de charque se manifestam para eles como prato principal.

Carne à vontade, carne de graça... Na época do abate a pessoa pegava dois quilos de filé de boi, quando não, custava um filé (José Braz, 78 anos, aposentado).

Eu nasci e criei já comendo carne. Hoje tem que dá de mamar à criança de cinco anos (Carmo Lopes, 37 anos).

Sr. Bráulio me chamou atenção para o peixe,⁷⁹ concebido por eles como comida comum:

Distribuía carne. Se matasse duas reses por semana dois quilos eram para cada família. Tinha o peixe para substituir a carne.

Harris (1989, p. 14) assinala que a comida tem pouco a ver com a nutrição. Se o peixe é para estes trabalhadores, nutritivo ou não, não é o caso. O que me importa é que a mente coletiva deles foi alimentada, trabalhou-se neste charque, comeu-se este charque.

⁷⁹ Esta espécie comestível não compõe o cardápio de festas por eles organizadas.

Se há uma preferência deles por carne, assim eles a ordenam como prioridade; comida reúne energia, proteínas e vitaminas. Mais que isto: agrega família, garante moradia, trabalho e fartura. Interesse-me em mencionar estas categorias, com objetivo de reforçar aquilo que estes têm como maior apreço, talvez, por isso, saudades da Descalvados, saudades de carne.

Por este motivo esta carne significa para eles prato principal, além de a considerarem como referencial, como sentido de identificação, eles rememoram nela suas experiências na Descalvados, o que não é um contexto, processo tão simples assim.

Carnes de 1^a, 2^a, 3^a e 4^a,⁸⁰ sistema de cortes deste charque fabricado na Descalvados. Relativo a isso, narra José Lacerda:

O charque de primeira é essa carne boa picanha. Então fazia manta dela. Nada era jogado fora. Charque de segunda também boa. Essas carnes ai de mercado. O charque de quarta eram os miúdos, fígado, coração, entranhas logo abaixo da costela. Vendia separado para Paraguai e Argentina. O couro era vendido para Franca, São Paulo, para fabricação de sapatos, solas.

José Lacerda não me deixou claro quais seriam as partes da vaca que ele (s) concebe (em) como carne de segunda e nem de terceira. Considero também que na hora da entrevista não o interroguei corretamente e acabei deixando dúvidas tanto para ele quanto para mim.⁸¹

Fátima Picolomini narra:

⁸⁰ Aqui mantenho a terminologia da palavra encontrada no documento, quero dizer grafia.

⁸¹ Impressionada com estas qualificações, busquei informações na Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), apesar do uso de referências diferenciado entre um período e outro, considerei fundamental esse exame. A carne de primeira na Embrapa corresponde à parte dianteira do animal: ponta de agulha. Entendi que resulta da subdivisão da meia-carcaça, após a retirada do quarto dianteiro, sendo também conhecido como traseiro comum. Quanto à carne de segunda, esta provém das partes do boi mais exercitadas, mais rija, tendo uma textura mais desenvolvida, mais forte, portanto, menos delicada. A carne de terceira é tão rica em proteínas quanto a de primeira, oferecem mais minerais e vitaminas que a carne de primeira. Entre as carnes de terceira estão: ponta de agulha (costela), pescoço e músculo (chamado ossobuco quando acompanhado do osso).

Minha mãe dizia que era uma manta grande de carne de primeira. Grossa e grande. Só quando já distribuía essa qualidade que as mulheres pegavam ossos para fazer com mandioca. Tipo uma sopa, sabe?

Narradora da experiência de sua mãe, Fátima, não discrimina também os cortes relacionados à carne de primeira, segunda, terceira e quarta qualidade. Isso se torna interessante para mim, porque disponibiliza outras pesquisas que visem adentrar neste mundo da comida/carne.

Construí minha trajetória, como pesquisadora, interpretando atribuições em relação aos hábitos alimentares que sociedades e/ou grupos de indivíduos classificam enquanto produtos comestíveis e não-comestíveis.⁸² Tardamente, entendi a importância de crenças e aceções entre os hábitos alimentares. Tudo isso depende, sim, de formulações de indivíduos e grupos em cada sociedade. Assim, perguntei à Fátima Picolomini o que eles/elas elegem?

Do boi não comemos a passarinha [baço] porque ela pode provocar algum mal. Não sei que mal, mas não comemos. Jogamos ela fora ou então colocamos para queimar na brasa quando acendemos o carvão para fazer churrasco (...).

(...) A cabeça do boi comemos. Dá até briga. Come a carne com tudo, língua, miolo. Jogam no molho, no vinagrete. É tradição daqui. Qualquer um prepara a cabeça tendo força para colocar pra assar (...).

(...) E do boi aproveita tudo. Fufu, fígado, coração, eles fazem sarapatel. O pessoal rejeita o churrasco para comer sarapatel (...).

Exceto o baço, de resto comem tudo. E esta indicação do que provoca o mal? Proibição? Fátima narra que não sabe o porquê que a passarinha pode provocar algum mal. Entretanto, Sr. Bráulio me responde que essa moléstia pode afetar o fígado ou a alma.

⁸² PÉCLAT, Gláucia Tahis da Silva Campos. O Empadão Goiano: expressão de valores e práticas tradicionais. Dissertação de Mestrado, 2003, Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Quanto à cabeça do boi, em geral, assada em data comemorativa seja ela qual for, eles não a comem durante a madrugada, considerando que pode também gerar algum mal para o corpo. Cabeça quente, corpo frio.

Assim, narra Sr. Bráulio Torres:

Nós não comemos a cabeça quente porque o corpo fica frio na noite de festa. Muito frio em época de São João.⁸³ Então, assa ela a noite inteira e quando são oito horas da manhã a gente fica já esperando para comer. Todo mundo gosta. Pode fazer mal sim, porque nosso corpo fica muito frio e de manhã não, fica na temperatura da carne.

Esta minha referência no subtítulo, “comida é pasto”, combina com a narrativa do Sr. Eugênio Batista que muito contribuiu com minha pesquisa:

O gado aqui era engordado no pasto comum, pasto mesmo que era nativo da terra. Era capim [ele menciona o nome desse capim, mas na gravação ficou ilegível]. Grameira tem aqui. Essa grama que você vê, essa fininha. Você vê aí na frente. Do outro lado do curral. Ali agora é o capim nativo, jeito que nós falamos é mimoso. Esse que é capim que o gado gosta de comer. Colocava o sal que era para alimentar também. Então, o sal ajuda. É, o gado, vai bebe água e vai no sal. Por isso que tem sal também agora. É igualzinho nós. Nós comemos uma bóia boa com macarrão, ou então arroz, uma mandioca frita, alimenta bem. Se tiver um doce, uma rapadura, como e já vou direto na água. Assim mesmo é a criação.⁸⁴ O gado com o sal.

Associações de palavras assim como pasto comum, nativo da terra, grifados acima, remetem-me ao que chamo atenção o tempo todo nesta pesquisa: o significado Descalvados (campo limpo/campo aberto) e aos grupos indígenas que se encontravam neste local quando da instalação desta charqueada em 1876 e, especialmente, neste período de 1945 – 1990, por estes trabalhadores, narrado.

Frases do Sr. Eugênio, como “esse [...] é [o] capim que o gado gosta de comer”, “o sal ajuda”, “o gado vai, bebe água e vai no sal”, “é igualzinho nós” me levam a pensar na relação natureza/cultura na perspectiva de Lévi-Strauss.

⁸³ Em 2008 observei essa festa ao considerar que a partir dela identificaria manifestações de caráter identitário desses descendentes indígenas que analiso aqui nesta pesquisa.

⁸⁴ Grifos meus.

A natureza o ser humano transforma em comida, entre outras coisas, e adapta às suas práticas. Estas práticas são lembradas e, ao mesmo tempo, está para eles como sentido de identificação, caracterizando-se nestes elos natureza – ser humano – cultura. E assim, é o caso deste charque.

4.2 – A Graxa



Figura 66: Etiqueta da Graxa Fina. (s/data). Fonte: Acervo: Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Começo, logo, com essa etiqueta confeccionada por ordem, de Luiz Lacerda, fabricada para venda da graxa fina. O sentido desta graxa se constitui em importante elemento para a vida cotidiana destes trabalhadores, durante este período que eles experimentaram nesta fazenda.

José Braz, 78 anos, narra que a gordura que não era consumida por eles destinava-se para Industrial Gessy Lever S/A, em São Paulo, com objetivo determinado: fabricação de sabonetes.

Na caldeira cozinhava os ossos para fornecer energia. Trabalhava dois homens, seis horas cada um deles. Depois de cozido os ossos tirava a gordura. Os ossos saíam por uma caneleira e não serviam pra nada. Depois descobriram para esterco. E aí, vinham os compradores de hortaliças e compravam tudo. A gordura limpa era para despesa da casa. Gordura suja vendia para a Gessy em São Paulo.

Notei que em sua narrativa, ele rememora modos de preparo da graxa fina utilizada como consumo doméstico. A distinção entre gordura limpa e gordura suja me sugere o entendimento deles daquilo que é para o consumo próprio e o que não o é.

Outro elemento identificado por mim, é o uso de ossos como esterco. Quando Sr. Braz trata da descoberta deste corte do boi para uso em solo, certamente, o proprietário desta fazenda resolve negociar.

Assim, também o documento abaixo indica vendas de subprodutos bovinos desta charqueada para São Paulo:

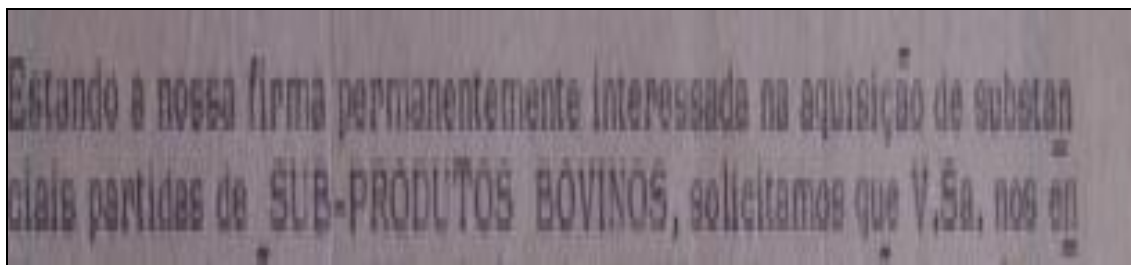


Figura 67: Telegrama endereçado a Luiz Lacerda pela COVETE para compra de subprodutos bovinos (1958). Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Estas substâncias solicitadas pela COVETE (Cooperação Técnica de Vendas) se referem à farinha de cascos e chifres (torrada ou autoclavada); cascos e chifres (refugo ou seco); canelinhas serradas, canelões serrados (desengordurados e limpos), usadas para a fabricação de botões. Gerhard, autor desta carta requer a Luiz Lacerda informações sobre o tipo de embalagens desta mercadoria.

Para este tipo de mercadoria à venda, o tambor de ferro era empregado e selado, sendo atribuído nele o seu destino.

O aproveitamento de resíduos esterilizados para fabricação de graxa se constituía em interesse de Lacerda, como escreveu na carta abaixo. Neste fragmento ele narra formas como essa gordura era preparada no local, a fim de divulgar sua mercadoria. Indica que para um bom resultado, as vísceras deveriam ser lavadas e cozidas no mesmo dia, evitando assim excesso de fermentação e cor esverdeada.

...vem de CR\$ 180 a CR\$ 200 por quilo, em bruto, aproveitando os resíduos em autoclave, para fabricação de sebo industrial, mercadoria que é também de nosso interesse, desde que seja o cozimento efetuado no mesmo dia e as vísceras bem lavadas para evitar excesso de fermentação e cor esverdeada. Pelo sebo nessas condições, oferecemos o preço de CR\$ 500 por quilo, mercadoria embalada em tambores de ferro. Retorno do, vasilhame e frete por conta do vendedor. O preço oferecido é a cotação corrente, aparentemente um pouco baixa, mas devido à vultosa importação de sebo da Argentina e de óleos vegetais, como também por estarmos em época de safra. É possível que haja alguma reação do mercado pelo mês de outubro, porém, até lá, a cotação da mercadoria deverá se manter nos níveis atuais.

Figura 68: Carta redigida por Lacerda sobre processo de confecção da graxa fina (s/data). Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Reflito também sobre esta narrativa de D. Rafaela:

Eles pegavam os miúdos, fígado, rim, bucho colocavam na caldeira para ferver e tirar a gordura. Destampava a caldeira coavam os ossos porque amoleceu. Gordura em lata... Cozinhava noite e dia não parava. Esses que trabalhavam à noite, iam para casa descansar.

Uma atividade noturna destes trabalhadores estava assim relacionada ao preparo da graxa. Então, por isso, percebi entre as narrativas de Rafaela Prudente a importância desta gordura no espaço doméstico. Além da necessidade de seu consumo na culinária utilizada pelas famílias, realça a ausência do esposo de outras mulheres, certamente, pela ocupação deles no preparativo do sebo. Isto provoca nela lembranças: ausência desses chefes de família.

Neste trecho da carta encaminhada a José Rondon por Luiz Lacerda, ele informa que a confecção da graxa é ínfima e sua venda se dá a retalho.

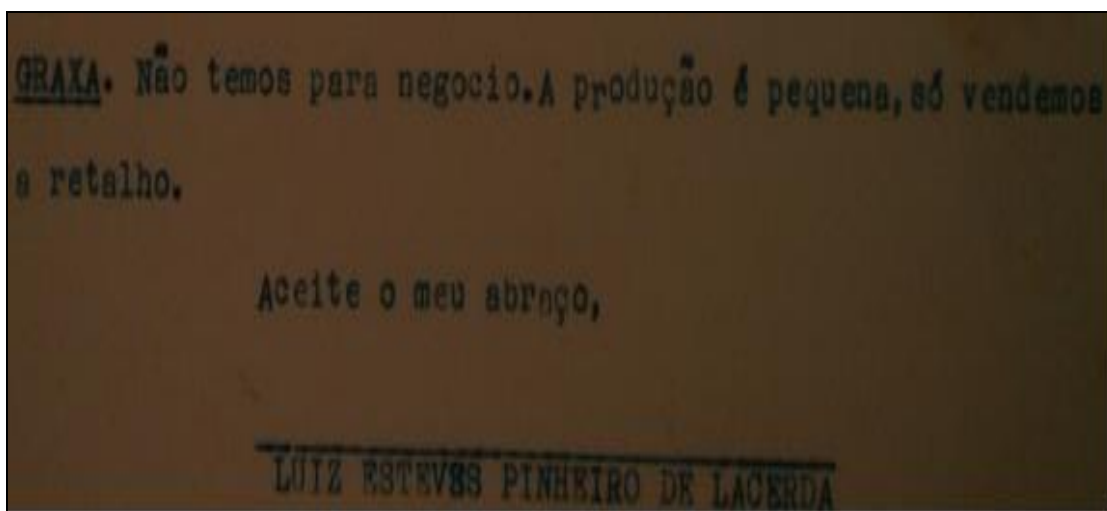


Figura 69: Carta a José Rondon de 1960. Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados. Digitalização do documento: Gláucia Péclat.

Em 1962, o contador desta fazenda envia ofício ao Sr. José Ávila Cintra, informando-lhe sobre o fim da safra saladeril de três de março dos anos de 1961/62. De 171.067 quilos de carne entre boi e vaca foram extraídos 19.472 quilos de sebo industrial, o que de fato coincide com o telegrama acima, quando trata da pequena produção de graxa.

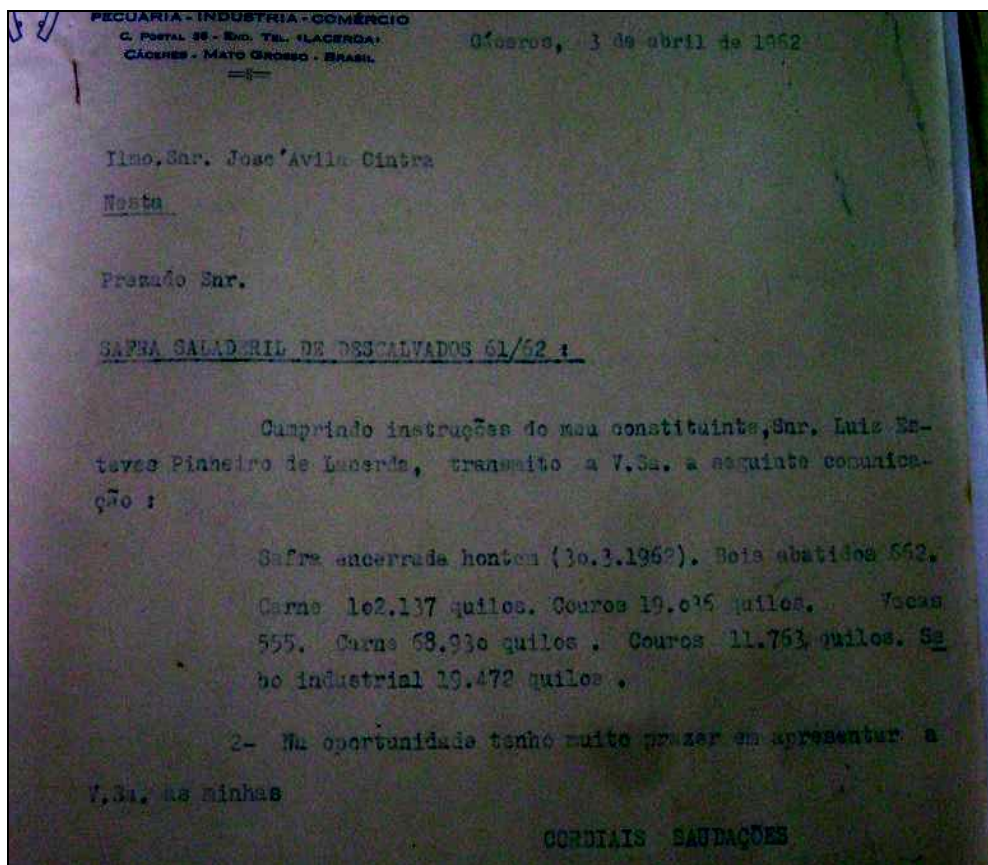


Figura 70: Ofício a José Ávila Cintra enviado por Aristides Ramos (1962).
 Fonte: Acervo Privado Faz. Descalvados. Local: Faz. Descalvados.
 Digitalização do documento: Gláucia Péclat/2009.

Assim, pela quantidade de animal abatido, a produção dessa graxa era inferior do ponto de vista de negócio, o que me sugere que seu uso era para consumo interno. Por isso, tanta importância na memória deles. D. Benedita Piccolomini, narrou para mim que:

Naquela época não tinha esse óleo que vende hoje não. Usava a graxa pra fazer comida. Buscava aquela lata grande no Armazém. Porco não tinha costume de usar a banha. Era uma gordura fina que nós usávamos para comer. Tinha que fazer comida, né?

Narra também José Braz, 78 anos,

Muita gente comprava a graxa limpa. O pessoal que trabalhava na fazenda. Essa graxa fina seguia para a Bolívia. Ia de carruagem. Pessoal da Bolívia ia pra Descalvados comprar gordura, sabão e sal.

Observei mais uma vez que somente a carne, que aqui tem sentido de churrasco e carne de charque eram distribuídas, como já mencionado. A graxa era comprada por esses trabalhadores e ainda, por indivíduos residentes na Bolívia.

CAPÍTULO V

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: TRABALHAR NO CHARQUE E SER “DESCALVADIANO”

5.1 – Fotografias e sensibilidades: lembrar/esquecer/saudade...

Sem história, estas imagens que aqui exponho correriam o risco de se perder e cair em qualquer arbitrariedade, como Wenders (2010, p. 77) trata em *A lógica das imagens*. Discuto logo a seguir que possuem uma definição temporal, porque nelas há ação. É sempre um tempo que pode definir as coisas e os seres (DELEUZE, 2009, p. 158).

Assumo que, por intermédio destas fotografias, posso pensar no acontecimento, no “instante em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1994, p. 224), mediante experiências destes narradores e questões por mim levantadas. Então, por que eles se apegaram e se apegam a certos lugares desta fazenda?

Ao ler Halbwachs (2004), compreendi que quando um grupo está inserido numa parte do espaço – aqui estes edifícios por eles eleitos – ele o transforma à sua imagem. Ele se fecha no quadro que construiu (p. 139).

Descalvados para estes trabalhadores não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos (Halbwachs, 2004, p. 139). Este lugar recebeu marcas deste grupo, e nele deixou marcas (Magalhães, 1996).

Nesta direção, entre a maioria dos trabalhadores por mim entrevistados, entre as imagens que eles elaboram sobre esta fazenda aparecem estes edifícios como lembranças significantes, embora outros prédios formem também a Descalvados.

Notei que estes trabalhadores elegem certas edificações desta fazenda, excluindo outras. Mesmo o vaqueiro, o matador de gado e o peão, pouco

fazem referência à *Galera* ou *Galileu*⁸⁵, local de habitação de boa parte destes profissionais. Será paralisação do pensamento como na proposta filosófica de Benjamin?

Quando o pensamento para, bruscamente, numa constelação saturada de tensões, ele lhes comunica um choque (BENJAMIN, 1994, p. 231). Assim, percebi que os espaços por mim mostrados nas pranchas (03 e 04) são eleitos por muitos destes trabalhadores como de maior significação, porque outros destes edifícios provocam neles lembranças de situações rígidas e/ou dolorosas (castigo, opressão e exclusão).

Minha mãe contava que quando alguém cometia algum erro grave ele era castigado e era maltratado. Sim! Maltratado. Este trabalhador ia pra salmoura, aquele lugar que salgava a carne. E aí, ardia as feridas dele por causa de ter sido maltratado e por conta do sal (Fátima Picolomini, 36 anos).

Recordo aqui também as interpretações do Sr. Bráulio Torres (capítulo III), ao se referir sobre àquele trabalhador que saía e passava um tempo fora da Descalvados:

Lá, se alguém queria sair pra ficar um tempo fora... podia... e aí, acaba voltando... Só que ele chamava atenção. E essa pessoa ficava de quarentena. Nós falava que era castigo. E acho que era pra não cometer esse erro de novo. Era desse jeito.

Nos projetos de memórias de quase todos estes trabalhadores – senão todos – Descalvados não é lugar de sensação de ordem ou de quietude. É de movimentação, tensões, contradições. Por tal motivo, alguns destes narradores optaram pelo esquecimento. Para Pollak (1989, p. 17), mesmo que haja um longo silêncio sobre o passado, este está longe de conduzir ao esquecimento.

⁸⁵ Sobre a *Galera* ou *Galileu* darei maior atenção mais adiante. Estas duas expressões são por eles empregadas para se referir ao local de moradia daqueles que, em geral, são descendentes indígenas.

Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. A “*memória é um fenômeno construído*” (POLLAK, 1992, p. 05). Os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra⁸⁶, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização, diz o autor.

Há na lembrança destes trabalhadores, para muitos deles, sentimentos que oscilam, quando o caso é lembrar Descalvados, o que estou considerando aqui como movimento simultâneo de memória: lembrar/esquecer/saudade. Para eles estas inquietações não significam bondade, nem maldade, nem raiva.

Percebi que dependendo da forma como provoquei certas questões, eles reagiam de maneira diferenciada. Em vários momentos em que estive com eles, revelaram-me dificuldades e bloqueios ao longo de uma entrevista ou outra. João Leite da Silva Freire, hoje com 80 anos, em conversa informal comigo, porque não me permitiu que ligasse o gravador, falou: “*não gosto nem de lembrar da Descalvados*”. E narrou mais: “*Lá é o lugar onde o filho chora e o pai não escuta*”.⁸⁷ Pollak (1989) considera que em face de lembranças traumatizantes, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas.

Sobrinho de Alice Cavalcante Lacerda, esposa de Luiz Lacerda, ele me contou que saiu desta fazenda “*com duas botinas, uma no pé outra na bunda*”. Notei que ele apresentava desejo simultâneo de testemunhar e esquecer, sentimento bem próximo àquilo que Pollak (1989, p. 12) discutiu ao se referir às mulheres sobreviventes do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau.

João Leite manifestou, durante nosso diálogo, vontade de esquecer os traumas que experimentou nesta fazenda, ao se recordar da situação como deixou o local sem receber aquilo que lhe foi prometido, como muitos outros destes trabalhadores, afirma ele.

⁸⁶ Grifos meu.

⁸⁷ Existe um ditado popular que diz: “*Lá é o lugar onde o filho chora e a mãe não vê*”. Aqui o Sr. João Leite da Silva Freire substituiu a figura da materna pela paterna, porque seu pai foi sócio de Luiz Lacerda nesta charqueada.

As fronteiras dos silêncios, “não-ditos” no sentido de Pollak (1989), também são expressadas em gestos e pausas, pois existem nas lembranças de uns e outros zonas de sombras e tentativas de esquecimento. Foi o que percebi na fala e gestos deste narrador.

No entanto, sugeriu-me que organizasse uma reunião com todos outros trabalhadores para que numa “*roda de conversa*” – expressão por ele utilizada – pudessem me contar como que viveram na Descalvados.

Tudo isso me pareceu vontade de, no presente, regressar a esse passado. De experimentar formas de desabafos tanto de si mesmo como destes outros trabalhadores que, supostamente, arrancariam do peito sentimentos simultâneos do presente e do passado sobre esta fazenda: lembrar/esquecer/saudade.

Optei por não reunir este grupo de trabalhadores na Cidade de Cáceres como sugerido por João Leite. Decidi aplicar um exercício de memória, levando fotografias desta fazenda, para que eles pudessem tecer comigo a urdidura desta trama, através destas imagens (Pranchas 03 e 04).⁸⁸

As fotos que selecionei não eram aleatórias, mantive o cuidado de escolher uma de cada edifício e duas de cada entrevistado, em situações diferenciadas.

Estabeleci critérios, tomando por base categorias de idade e gênero – homens e mulheres, a partir de 60 a 90 anos.⁸⁹ Claro que evitei hierarquizações que viessem a privilegiar um trabalhador em detrimento do outro, mas foi preciso metodologicamente fazer escolhas.

Primeiramente, porque sempre que retornei à região fui informada do falecimento de mais um destes trabalhadores. Segundo, considerando ainda os processos de deslocamentos deles em busca de emprego seguro, em outras fazendas, por regiões do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tornou-se difícil nossa comunicação.

⁸⁸ Apliquei estes exercícios de memória na Cidade de Cáceres e Porto Limão.

⁸⁹ Quanto aos narradores mais novos baseei-me em Pollak como o leitor verá adiante.

PRANCHA 03 - EDIFICAÇÕES I**Vista panorâmica da Fazenda Descalvados****Igreja Nossa Senhora do Carmo****Pátio Central**

PRANCHA 04 - EDIFICAÇÕES II

**Capatazia****Casa de Colono I****Pensão "Manoelito"****Casa de Correios e Telégrafos****Cemitério****Pista de Avião**

Escolhi, então, revisitar algumas residências em Porto Limão e Cáceres e reelaborar outras formas de abordagens para que numa possibilidade eles/elas pudessem reconstruir suas experiências nesta fazenda.

Além de fotografias da fazenda Descalvados, levei também fotos deles registradas por mim ao longo de entrevistas anteriores. Isto se tornou interessante por que eles viam a si próprios e também outros trabalhadores (compadres, parentes e amigos).

Ver estas fotos significou para eles relembrar histórias deles e de outros companheiros desta charqueada. Pareceu-me uma espécie de culto da saudade como diz Benjamin (1994, p. 174). No entanto, momento também para alguns destes narradores não quererem lembrar.

Estas fotografias provocaram inquietações nestes observadores. Eles se sentiram sujeitos e objetos nesta história.

Benjamin sugere que “quem observa a fotografia sente a necessidade de procurar na imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, por isso, a foto pode revelar e ocultar” (BENJAMIN, 1994, p. 94).

A fotografia, em geral, visa a “experimentação e o aprendizado” (BENJAMIN, 1994, p. 106). Por tal motivo, observei, neste momento em que estive com eles, que havia enormes diferenças naquilo que eles deixavam transparecer quanto no que omitiam, manuseando e interpretando estas imagens.

Foi um choque para eles ver estas fotografias e, para mim também. Surpreendi-me com a reação deles. Fiquei paralisada. Jamais imaginei que eles poderiam chorar ou se negar a ver estas fotos. Ricoeur disse que recordar é ter uma imagem do passado. E esta imagem é uma impressão deixada pelos acontecimentos e que permanece fixada no espírito (1994, p. 27).

D. Benedita Picolomini pareceu-me perdida. Demonstrou-o de modo estranho e movente, faltava-lhe algum ponto de apoio. Ver Descalvados nestas fotografias era como se fossem algumas páginas de seu passado, disse ela.

Nas palavras de Halbwachs (2004, p. 137) seus pensamentos sofreram perturbações e seguiram acompanhados por uma espécie de ruptura entre

alguns aquilo que ela reteve na lembrança sobre esta fazenda e aquilo que ela estava vendo naquele momento: os prédios em ruína.

PRANCHA 05 - EDIFICAÇÕES III



Oficina



Oficina (Vista oposta) e Antigo Curtume



Antigo Curtume

PRANCHA 06 - EDIFICAÇÕES IV**Capatazia****Pensão****Casa grande****Edfcula**

Reflico aqui sobre as palavras de Castoriadis (2007, p. 23): tempo e criação significa também tempo e destruição. Estas fotografias que mostrei a ela e aos demais são, ao mesmo tempo, polissêmicas e, portanto, portadoras igualmente da dimensão imaginária no sentido forte do termo (p. 35). Imagens que têm sentidos muito importantes para todos: lembrança de parte de suas trajetórias de vida.

A sensação que tive, ao observar o comportamento dela, quando a mesma via estas fotografias, foi que estava procurando por sua identidade, ou melhor, identificar-se. Na medida em que ela disse ter se imaginado nestas fotos, ela declarou não ter se visto mais. Aquele passado não era mais o mesmo para ela; restava ali o túmulo de seus pais e a lembrança dos “ensinamentos de valores”⁹⁰: entrar e sair, herança que recebeu de seu pai Genero Picolomini.

Sinto saudade penso em voltar para visitar o túmulo da minha família. Nunca pensei que iria acabar tão rápido!! O patrão reformava as casas, era bonito...

Lembro de meu pai que com muita dificuldade me passou valores. Ensino de valores. Sou católica e meu pai me ensinou onde entrar e sair em qualquer lugar (Benedita Picolomini, 65 anos, aposentada, moradora de Cáceres - MT).

Não, não consigo ver. Estou cego desse olho e do outro quase não enxergo nada. Foi de tanto carregar manta de carne na cabeça e o sal escorrer no meu olho. Era bonito Descalvados... Mas não quero nem tentar forçar minhas vistas (Bráulio Torres, 67 anos, aposentado, morador de Porto Limão).

Sr. Bráulio, então, disse que não conseguia enxergar as fotografias encontradas no álbum que levei. Assim me propus a mostrar pelo computador estas mesmas imagens, mas mesmo assim ele se mostrou reticente, apesar de pronunciar sentir saudade. Nascido em Itacuari, próximo a Corumbá, atual Mato Grosso do Sul. Trabalhou na Descalvados no “tempo de solteiro” e no “tempo de casado”. Casou-se com D. Carmem Picolomini (“descalvadiana”).

⁹⁰ Grifos meu.

PRANCHA 07 - EDIFICAÇÕES V**Igreja****Armazém****Escola "Maria Cléria"****Telegráfo**

PRANCHA 08 - EDIFICAÇÕES VI**casa de colono I****Casa de Colono II****Casa de Colono III****Casa de Colono IV**

A imagem fotográfica, como qualquer outra, não é simulacro sem vida, não congela momentos do passado, enquanto tais. Institui “significados que podem ser reconstruídos em seus excessos de significação, a qualquer momento, como um legado em aberto” (MAGALHÃES, 2004, p. 201).

O sentimento de saudade para muitos destes trabalhadores me pareceu memorioso, melancólico: tempo de carne boa e fácil, da família reunida, do emprego certo para eles, próximo ao que Bosi (2003) fala em *Tempo Vivo da Memória* ao discutir o direito à nostalgia.

Em geral, eles narram sentir dificuldades em esquecer, porque interpreto que lembrar/saudade é uma forma por eles encontrada para alimentar parte deste imaginário: “descalvadiano puro ou não”.

Ao relembrar, eles conservam esperanças deste passado experimentado nesta charqueada⁹¹. Para eles, significa ponto de referência, como já falei anteriormente. Recordar suas experiências na Descalvados preserva neles, o melhor do que foi e o melhor do que pode ser (MATOS, 1985, p. 21). Projeta também neles, sentido de identificação nesta fronteira Brasil/Bolívia. Libera neles, ainda, mesmo que inconscientemente, certo ocultamento estratégico, de suas descendências indígenas.

Como possível interpretação minha, muitos destes trabalhadores, criaram a idéia de ênfase na significância desta fazenda, elaborando leituras da mesma como espaço de grandeza por reunir muitos trabalhadores, o que provoca neles sentimentos de orgulho de serem “descalvadiano” e/ou “descalvadiano puro”. E mais que isso, desperta neles outras possibilidades de identificar-se numa fronteira, porque ser descendente indígena pode significar, receber a designação genérica de bugre.⁹²

5.2 – Turma da *Galera*, turma da *beira do rio*: contradições na identificação

⁹¹ Ver RICOEUR (1994, p. 254) presente (de) passado; presente (de) presente; presente (de) futuro.

⁹² A esse respeito ver JANUÁRIO (2004, p. 109).

Nos projetos de memória destes trabalhadores por mim entrevistados, verifiquei que eles constroem algumas imagens acerca de certos edifícios desta fazenda como experiências de harmonia, o que, no entanto, para eles não se confunde com permanência e estabilidade.

A Igreja Nossa Senhora do Carmo e o pátio central para eles, sem exceção, são assim pensados – lugares de integração étnica e religiosa. Ora por grau de parentesco, ora por compadrio, festividades, ou ainda, por relações de trabalho. São lugares para estes narradores, aos quais preciso dar atenção, prédios onde puderam criar redes de sociabilidade.

Era aquele tanto de gente. Um povo que falava enrolado. Outros com língua de índio. Mas a gente se entendia. Bastava ser necessário que a gente se comunicava. Tinha gente de todo lugar. Uma gringaiada e os índios falando. Mas todo mundo se entendia. De vez em quando que era complicado, mas se entendia (D. Rafaela Prudente, 88 anos, aposentada, moradora de Cáceres, MT).

Notei na narrativa de D. Rafaela que a língua aparece como elemento diferenciador. Apesar dela não fazer referência, como outros destes trabalhadores, havia sempre neste local, especificamente em áreas de maior convivência entre eles, alguém incumbido de intermediar o diálogo.

Tinha um encarregado que traduzia pra nós o que esse povo falava. Mas quando ele não estava no meio de nós, a gente se entendia. Uns fazia uns gestos, outros falava enrolado, mas se entendia (Bráulio Torres, 67 anos, aposentado, morador de Porto Limão, MT).

Faço aqui uma advertência: isto não significa que todos estes trabalhadores falavam diferentes idiomas. Com rara exceção, algum membro mais velho deste grupo de trabalhadores (que não são os que entrevistei), quando inquieto com alguma situação, manifestava-se através de sua língua, segundo narra, para mim, Fátima Picolomini.

Neste processo interpretativo, pude compreender que nesta separação entre categorias profissionais e, sobretudo, étnicas por eles formuladas, há

para estes trabalhadores, nítido sentido de diferenciação étnico-espacial. Turma da *Galera*: índios e seus descendentes. Turma da *beira do rio* “gringos” e descendentes indígenas (casamentos interétnicos).⁹³

A *Galera* era um conjunto de aproximadamente quarenta casas, expostas em formato de uma aldeia circular que ficava cerca de mil metros da sede desta fazenda (ver foto aérea registrada por Adão Maciera, 1985). Segundo, D. Rafaela Prudente,

*Lá no*⁹⁴ [na] *Galera* morava aquele povo, os bugres. Lá tinha casa pra todo esse povo. Era um quarto, cozinha. E na cozinha tinha fogão a lenha. Tinha também, banheiro. É todas as casas tinha banheiro, mas o povo não era acostumado a usar não. Morava muita gente no [na] *Galera*.

José Leite, narra o seguinte sobre a *Galera*:

Olha... Maior parte era de descendência dali mesmo, que são índio. Bororo, Guató. Chiquitano? Ah! Eram alguns. Foi o Sr. Luiz que fez a Galera. Na parte de cima [beira do rio] ficavam é, as pessoas que tinham profissão. Eu era carpinteiro, morei ao lado do Armazém. Olha... Era muita gente trabalhando pro Sr. Luiz. Tinha mais ou menos umas oitenta famílias lá...

Em sua narrativa ele aponta para divisão étnico-espacial e profissional, no que se refere aos espaços de habitação desta fazenda. Recorro às suas palavras, novamente: “Na parte de cima ficavam é, as pessoas que tinham profissão” (*beira do rio*). E quanto à *Galera*: “Maior parte era de descendência dali mesmo, que são índio. Bororo, Guató. Chiquitano? Ah! Eram alguns” – aqui ele quis dizer: que haviam somente alguns Chiquitanos.

Penso que esta diferença entre turma da *Galera* e turma da *beira do rio* exprime um código destinado a orientar um sistema de oposições ou contrastes. Refiro-me aqui aos sentidos de identificação contrastiva (OLIVEIRA CARDOSO, 1976, p. 05).

Para este autor,

⁹³ Não há, entre as narrativas destes trabalhadores entrevistados, nenhum registro de algum “gringo (a)” que tenha se casado com algum membro da *Galera* e lá decidiu morar.

⁹⁴ Aqui irei manter o termo no, com objetivo de mostrar como estes narradores dão sentido masculino às palavras. Ex: no *Galera*, no Descalvados, tempo do Descalvados.

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do *nós diante dos outros*. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente (OLIVEIRA CARDOSO, 1976, p. 05).

Considero como possibilidade de interpretação que este sentido de identificação contrastiva, aqui neste caso se aplica às diferentes nacionalidades existentes entre os trabalhadores da Descalvados (italianos, franceses, belgas, norte americanos, paraguaios, argentinos, bolivianos, corrientinos e, ainda, brasileiros não-índios). Equacionados a isto, os grupos étnicos Bororo, Guató e Chiquitano. Lembro também dos casamentos interétnicos e das categorias profissionais, o que permitia a certos sujeitos se deslocarem para a parte de cima, denominada espacialmente por eles como *beira do rio*.

Diante destes elementos elaboro as seguintes questões: ser “descalvadiano puro” é ser da *Galera*? Conforme entrevista de Sebastião Lagarto, 49 anos, morador de Porto Limão:

Descalvadiano puro é puro mesmo, porque é de lá. Todos da família são de lá. É nascido, criado, puro. Aqui tem muitos “descalvadiano puro”. É puro mesmo!!

Observei que Sebastião Lagarto para me explicar o sentido de “descalvadiano puro” faz alusão à noção de pureza. Será que ele ao utilizar a expressão “*é puro mesmo!!*” faz alguma relação com os índios que ocupavam esta área antes da instalação desta Xarqueada Descalvados? E ser “descalvadiano puro” é ser descendente de algum destes grupos étnicos Bororo, Guató, Chiquitano?

“Descalvadiano puro” para eles é aquele que pertence ao lugar, o que não lhe confere apenas ter nascido na Descalvados, mas sim ter na sua descendência relação com grupos de origem Guató, Chiquitano ou Bororo. Ser “descalvadiano puro” depende da forma como estes indivíduos elaboram sua raiz da terra. O que depende também dos sentidos de identificação que cada um destes trabalhadores tem para si.

No âmago destes processos histórico-culturais como possibilidades, em aberto, isto é, processos sujeitos a outras interpretações, em outros momentos, em outros contextos, a narrativa do Sr. Sebastião Lagarto pode estar ligada aos significados já atribuídos historicamente a esta região. Isto é, Campo do Escalvado (1848), Destacamento de Descalvado (1851), Xarqueada e Fazenda Descalvados (1876, 1881, 1905, 1912, 1945), Pantanal de Descalvados (1982).⁹⁵ E isto, talvez, é o que pode conferir o sentido de pureza por ele empregado em seu relato: “é de lá”, ou seja, do lugar, da região.

Estes significados atribuídos historicamente não se limitam apenas à localização geográfica como tal, há uma criação sócio-cultural do que significa este espaço, ele não existe enquanto apenas espaço físico naturalizado, tanto para estes narradores como para quaisquer outros agentes históricos. Tudo isto, porque estes sentidos e significados foram/são produzidos por seres humanos.

Esta interpretação do Sr. Bráulio Torres pode me auxiliar a refletir sobre tal problemática, quanto ao sentido por eles pensado sobre “descalvadiano puro”:

São aqueles indígena [ele se refere ao “descalvadiano puro] que não gosta de falar de sua origem. Ele nega para não dizer que é índio. Tem vergonha. Não aceita falar sobre seus traços, sua raiz, preferem falar que é “descalvadiano puro”.

E os descendentes indígenas que se casaram com brasileiros não-índios, com “gringos”, paraguaios, bolivianos, enfim, que passaram a morar em Casas de Colonos?⁹⁶

Para esta outra questão, complementando a análise do Sr. Bráulio, estes descendentes indígenas que se casaram com outros não-índios não são nem índios, nem bugres: são também “descalvadiano”, mas que não assumem ter morado na *Galera* e sim em casas destinadas aos colonos – lembro aqui possibilidades de deslocamentos entre um espaço e outro mediante casamentos interétnicos e categorias profissionais.

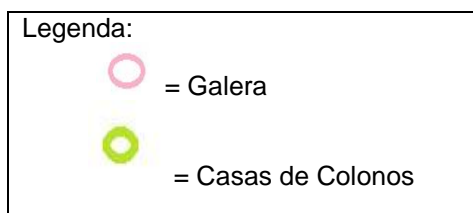
⁹⁵ As datas entre parênteses servem como referências destas diversas terminologias aplicadas à expressão Descalvados, não desconsiderando, ainda, seu sentido lato: campo limpo, campo aberto. Elas foram retiradas da literatura por mim levantada ao longo desta pesquisa.

⁹⁶ Ver foto aérea logo abaixo registrada por Maciera (1985).

Nesta imagem abaixo identifiquei edifícios da Descalvados registrados por Maciera, fotógrafo da Revista Globo Rural, em 1985. Entretanto, atualmente, a *Galera* assim como o curtume não existem mais, porque foram demolidos. Restaram apenas vestígios.



Fonte: Revista Globo Rural. Ano 1. N. 3 – Dez. 1985, p. 26.



Em entrevista concedida a mim, na fazenda Descalvados, em junho de 2009, Libâneo Lima narrou que:

Eu ajudei a derrubar a Galera, porque para Luiz Antônio [um dos herdeiros] foi esse povo que morava ai, que levou à falência da fazenda. Ele culpa o povo. E ai, de raiva ele mandou destruir tudo. Eu não sabia que era importante, né? Obedeci a ordem dele e joguei tudo no chão. Agora acabou tudo. Mandou acabar com a Galera. Só tem esses restos ai.

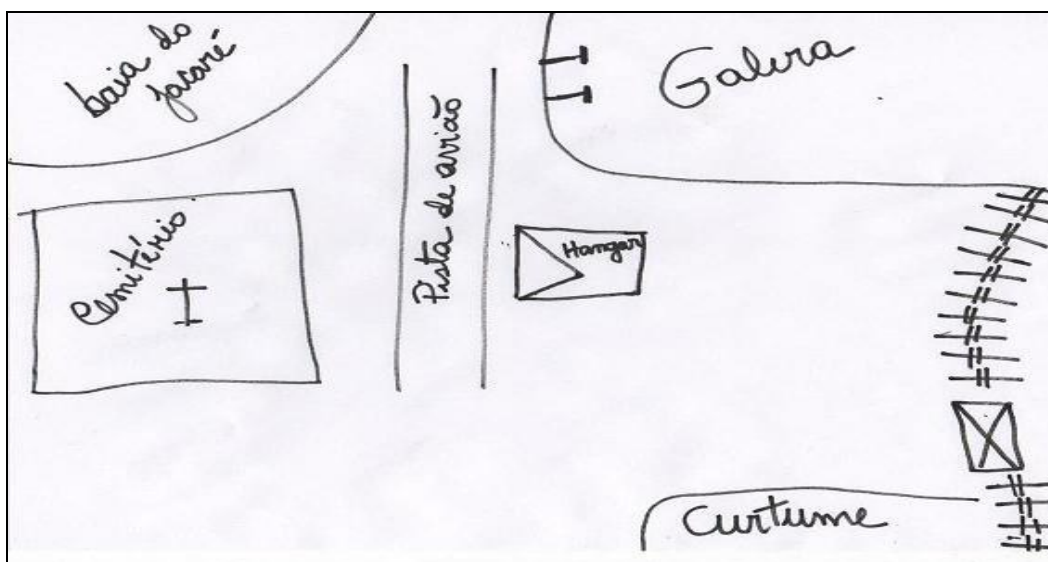
Acolho aqui a expressão “Apaguem os rastros!” do estribilho do primeiro poema da *Cartilha para os cidadãos* analisada por Benjamin (1994, p. 118).

A *Galera*, segundo narrativa de Pedro Cardoso, seria para o herdeiro, Luiz Antônio, a expressão da lembrança do envolvimento de seu pai com uma descendente indígena residente neste local, com a qual ele teve quatro filhos, o que teria levado à separação do casal Luiz Esteves de Pinheiro Lacerda e Alice Cavalcante Lacerda.

O desenho abaixo da *Galera*, por mim esboçado a partir da narrativa do Sr. Eugênio Batista indica como ele elabora leituras sobre esta localidade. Ao transitar comigo pela área, disse-me algo que me deixou atenta:

Aqui era mais ou menos umas 40 famílias que morava. Depois do cemitério, até lá embaixo, perto do rio tinha mais casas. Morava aquele tanto de povo.

Morava aquele povo de bugre. Eu passava aqui de passagem, mas via esse povo aí. Foi a tia do Libâneo, D. Lídia e seu esposo Zeferino Sanaurio, pais de Zé Braz, que plantou esse pé de tamarindo. Esse povo que era índio morava até lá perto da baía do jacaré, pra lá do cemitério.



Fonte: Entrevista concedida por Eugênio Batista.
Local: Fazenda Descalvados. Data: 18/10/2006.

Notei em sua narrativa que a *Galera* era o espaço de relação entre estes trabalhadores que nela residiam com a Lagoa. Situada a quatro léguas da

Descalvados, a Lagoa abrigava os Bororo (MOREIRA DA COSTA, 2008, p. 202).⁹⁷

Ao longo do percurso que ele traçou, para me mostrar como operavam em cada lugar desta fazenda atividades ligadas ao charque, observei que as auto-atribuições de ser ou não “descalvadiano puro” estão também, ao mesmo tempo, relacionadas a modos de negar que estes trabalhadores tinham morado na *Galera*.

Muitos trabalhadores que entrevistei não assumem ter morado na *Galera*. Esta negação por eles construída me permite interpretar que a lembrança deste espaço *Galera* para alguns deles significa recordar da condição de ser índio.

Carmo Lopes, vaqueiro, em entrevista, reconhece que,

Nesta Galera, nós morávamos lá. Nós: minha mãe, meu pai, morava ali. Moramos um bom tempo, naquele lugar, naquele Galera. Morava um velho também que era Zé Cidão, finado já faleceu. Morava lá: era eu, ele e essa mãe desse Libâneo. A mãe do Libâneo era uma dona uma muito boa.

Este narrador conta que seu pai nasceu nesta fazenda e faleceu aos 88 anos, em 1994. Isto significa que ele nasceu em 1906, e vivenciou tanto a fase dos belgas como o período relativo aos americanos (Brazil Land Cattle e Packing Company).

5.3 – Porto Limão: presente passado, histórias identitárias

Escolhi tratar de Porto Limão por alguns motivos. Primeiro, em razão da localização geográfica e sua relação histórico-cultural com a fazenda Descalvados. Segundo, porque apesar de ter eu entrevistado na cidade de Cáceres⁹⁸ vários destes trabalhadores,⁹⁹ identifiquei apenas alguns que se

⁹⁷ Ver também FONSECA (1986).

⁹⁸ A distância entre Cáceres a Fazenda Descalvados é de 150 km, considerando 90 km de estrada de chão e mais 60 km pelo Rio Paraguai.

⁹⁹ Entrevistei na Cidade de Cáceres: Rafaela Prudente, Tomaz Aquino, José Braz, José Leite, Eurico, Estevam Pereira (*in memorian*), Benedita Picolomini (*in memorian*), D. Feliciano, D. Sofia (ambas *in memorian*), João Leite, Bonifácia Aquino, Faustina Mendes, Francisca Aparecida. Em Porto Limão: Amâncio Fernandes, Bráulio Torres, Carmo Lopes, D. Geni, D.

auto-atribuem ou são atribuídos como “descalvadianos puros” ou não. O mapa abaixo indica os locais que percorri; no entanto, isto não significa que todos narradores se identificam como tal.

Mapa 02 – Cidade de Cáceres – MT



Fonte: Prefeitura Municipal de Cáceres – adquirido por mim em 2005.



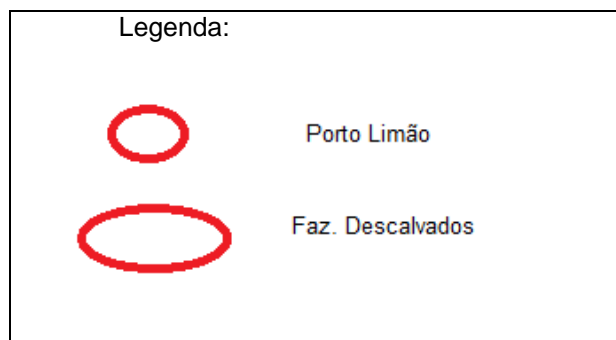
Outro motivo por mim considerado é que em Porto Limão eles me apontaram a necessidade de se identificarem como descavadianos, o que na minha interpretação pode indicar tática para silenciar a respeito de suas origens indígenas, como falei anteriormente, especialmente, por se encontrar este lugar na última linha de fronteira.

Luzia, Ermenegilda, Fátima Picolomini, Jorge Torres, Jorge Fernandes, José Villarvas (Zé Paraguai), Márcio Villarvas, Maria Conceição, Ovídia Alves, Sebastião Lagarto, Sebastião Picolomini, Sebastião Torres, Selma Torres, Sr. Mário.

Mapa 01 – Localização geográfica de Porto Limão e Fazenda Descalvados



Mapa atual da bacia do Alto Paraguai e do Pantanal Mato-grossense. Fonte: (PONCE, 1995, p. 85 apud COSTA, 1999, p.251)



Assim, situado às margens do rio Jauru, Porto Limão corresponde ao Pantanal de Cáceres. Dos processos de ocupação aos dias atuais, este local tem um significado importante na vida destes trabalhadores da Fazenda Descalvados, porque grande parte deles têm na sua ancestralidade alguma relação com os grupos indígenas que ocupavam esta região entre os séculos XVI e XVII.

Refiro-me aos grupos que ocupavam esta região do Pantanal antes da chegada dos europeus na América, e a processos de conflitos étnicos entre Chiquitano, Guató, Bororo, Paiguá e Guaikurú com os colonizadores estrangeiros (COSTA, 1999, DIENER, 2003, MIGLIACCIO, 2007, COSTA, 2008).

Em um certo sentido, este período seria tudo o que antecede à chamada Independência, em 1822, que compreende a existência de uma crescente variedade linguística, cultural e étnica, relativa não apenas a um processo histórico, mas numerosos, distintos entre si, com múltiplas continuidades e descontinuidades (FUNARI & NOELI, 2006, p. 11-15).

Assim, das 54 casas expostas na BR-070, no Km 45, aproximadamente, um terço das famílias que lá residem trabalharam nesta fazenda. Do nascimento, às relações de parentesco, a visitas esporádicas, membros deste grupo familiar conhecem ou mantiveram, de algum modo, contato com a Descalvados.

Aparentemente, em Limão, apoiando-me agora em Zonabend (1980, p. 09) se vive um tempo contínuo e homogêneo, um tempo cronologicamente dividido em dias, meses e anos. No entanto, foram questões ligadas às experiências temporais destes trabalhadores – terras da Descalvados e sua relação com Porto Limão - que se tornaram para mim uma teia de curiosidades e desafios.

Problemática que procurei interpretar com certa acuidade, porque para estes trabalhadores há neste espaço (Porto Limão) forte relação com a Descalvados, relação com o tempo ligado a atividades desta charqueada (retiros, buscar gado pela fronteira adentro, entre outros), relação com sua ancestralidade.

Nesta narrativa que se segue, observei na fala de Sebastião Lagarto, o que acabo de mencionar acima:

Aqui no Limão a gente tem uma lembrança muito forte de quando nós trabalhávamos no Descalvados. Isto tudo aqui era praticamente dentro das terras da Descalvados. Para você vê: o Retiro Presidente, a fazenda Pescaria era tudo aqui encostado. Lembro bem de andar por aí, na época dos retiros.

Carmo Lopes completa esta dimensão narrando:

Quando eu falei: Agora eu posso sair? Ai, eu peguei e saí, porque foi acabando tudo também. Ai teve o desquite de D. Alicinha com o Sr. Luiz Lacerda. Extraviou mais o povo, porque ai repartiu um pouco pra lá [ele se refere a Descalvados] e um pouco pra cá. Viemos trabalhar aqui na Fazenda Pescaria. Trabalhar com o velho Sr. Luiz Lacerda. Daí meu pai não agüentou o trabalho e viemos embora pra cá pro Limão. Ficamos aqui uns sete anos e depois mudamos para Cáceres, onde ele faleceu.

Ambos falam de dimensões temporais, expressas em experiências de vida deles. Tempo dos retiros; tempo da saída de muitos destes trabalhadores desta fazenda, inclusive de Carmo Lopes e sua família; tempo de trabalho na Fazenda Pescaria, local próximo a Limão. Notei nas narrativas deles, palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos.¹⁰⁰ E, como assinala Magalhães (2004, p.16) não existe o tempo em si, existem práticas, temporalidades. E neste caso aqui, (re) territorializações.

Na relação Limão/Descalvados (presente/passado) existia próximo a este local o retiro São Pedro também, destinado para pouso dos trabalhadores da bagualhação, negociação do gado, vacinação e engorda destes animais.

A comitiva de boi rodava uns 90 a 120 dias, buscando gado aqui por esta fronteira. Os bolivianos, de vez em quando, roubavam o gado lá da Descalvados, porque nesta época não tinha cerca. Ai, eles invadiam as terras. A gente saía por ai também, pegando gado. E trazia pra cá, pro retiro de São Pedro, aqui perto. Era muito boi. Boi baguá (José Villarvas, 72 anos, aposentado).

¹⁰⁰ A este respeito ver: MAGALHÃES (2004, p. 17).

Neste sentido, morar em Limão – expressão utilizada por estes narradores - é recordar, de certa maneira, o tempo por eles experimentado em terras da Descalvados, como narra Fátima Picolomini,

Descalvados tá ai no fundo, oh! Aqui no Limão, a gente que é pantaneiro, vive uma vida tranquila. Sai pro Rio Jauru pra pescar. Pega canjiquinha no mato pra fazer doce, suco. E daqui no Descalvados é longe, mas o povo das comitivas, contava minha mãe, andava tudo por aqui, no Limão, por essas terras ai adentro.

Mediante esta narrativa, percebi que Porto Limão não é hoje para eles apenas um local de moradia que se constituiu a partir da falência da Descalvados, porque esta terra já era ocupada anteriormente, por seus ancestrais. Este lugar tem para eles sentidos de retorno à raiz da terra.

Lembro aqui, também, que a fazenda Descalvados possuía mais de 1 milhão de hectares (GARCIA, 2005) avançando território boliviano. Alerto, ainda, que esta charqueada foi erigida em terras indígenas, terras de ancestralidade pertencente à grande parte destes trabalhadores, conforme relato do Sr. Jorge Fernandes, transcrito por mim, no capítulo III.

Apesar desta aparente tranqüilidade narrada por Fátima Picolomini, morar nesta fronteira significa para eles morar num "entre-lugares", viver em limiares, no sentido de Bhabha (2003). Um "entre-lugares" em que é preciso identificar-se. E aqui me apoio em Hall (2000), quando pergunta: "*Quem precisa de identidade?*" Nesta fronteira, eles também precisam, pois, para estes trabalhadores que moram no Limão, identificar-se como "descalvadiano puro" ou não, significa não ser bugre.

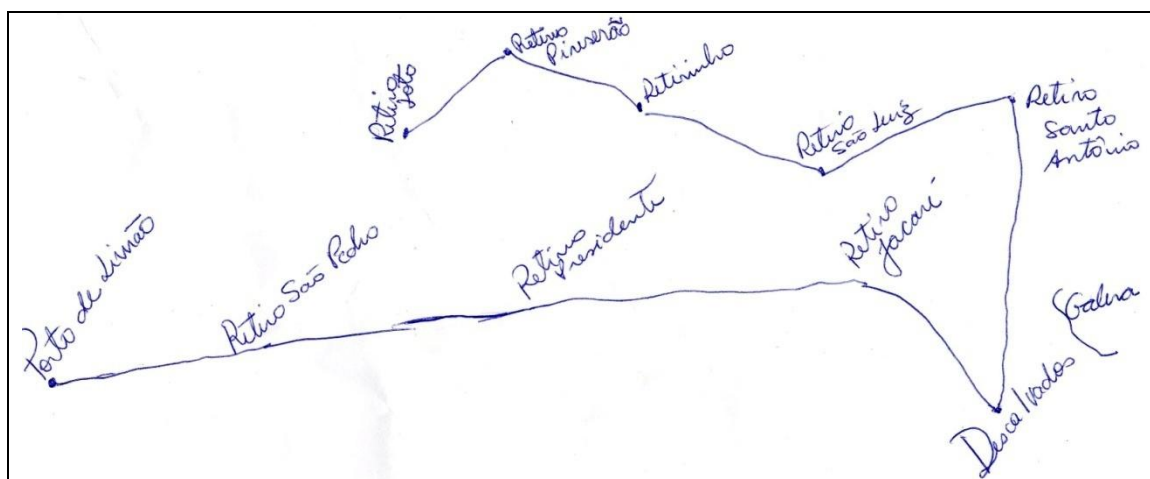
Aqui (Limão) "descalvadiano puro ou não". Lá (Descalvados) as mesmas atribuições e auto-atribuições de "descalvadiano puro" ou não. Esta fazenda está na memória deles, como de outros nesta região, como importante referência não só econômica, mas também cultural, na história do Mato Grosso.

Ademais, morar em Porto Limão para estes trabalhadores, é ser digno de consideração, porque eles têm íntima ligação a dois processos históricos difusos: a apropriação da região central da América do Sul pelos ibéricos e o

acirramento das questões de demarcação das fronteiras de Mato Grosso com a Bolívia (CARNIELLO, 2007, p. 14). E equacionado a isto: território antes concebido como campos do Escalvados, depois Descalvados (Garcia, 2005).

Quando optei pela análise dos modos como eles rememoram Porto Limão e sua relação com esta fazenda – período a que dedico atenção (1945 – 1990) – pensei, então, na elaboração de um mapa temático. Meu objetivo é mostrar como estes trabalhadores associam este local com situações similares às vividas no tempo do saladeiro, tensões e contradições.

Mapa Temático 01: Retiros



Fonte: Entrevista concedida por Sebastião Lagarto, 49 anos, em 23/06/2008. Local: Porto Limão. Desenho do Esboço: Gláucia Péclat/junho/2008.

O desenho acima foi esboçado a partir das narrativas do Sr. Sebastião Lagarto e do Sr. Sebastião Picolomini, que foram por mim entrevistados em conjunto. O primeiro contou-me que saiu da Descalvados como vaqueiro, mas depois teve que trocar de profissão, atuando hoje como operador de máquina de esteira.

Para ambos, a distância entre Porto Limão e a Fazenda Descalvados é de 380 km pela Estrada Velha, enquanto que em linha reta são 200 km. Sebastião Picolomini é piloto do Barco Hotel “Babilônia”, e narra que todo ano, especialmente, entre o mês de junho a outubro, recebe visitantes de todos os lugares, alguns com objetivo de percorrer esta Estrada Velha, visando

conhecer esta região e apreciar a fauna e flora pantaneira, mas, sobretudo, caçar onça.

Desenhar este mapa temático exigiu de Sebastião Lagarto pequeno esforço, na medida em que estes retiros estão fortemente encravados na sua memória. Sebastião Picolomini, apesar de ter deixado Descalvados ainda quando criança, narrou aquilo que seu pai Bráulio Torres e sua mãe Carmem Picolomini contavam para ele sobre a vida deles nesta fazenda. Disse-me que era muito curioso e que não bastaram as histórias narradas por seus pais. Sozinho procurou andar pela região e conhecer os vestígios destes retiros, o que aliás o ajuda, na atualidade, a trabalhar com o turismo.

Durante a entrevista, ambos intercambiaram experiências, recordando-se de certas ocorrências,

O retiro funcionava assim, porque a fazenda era muito grande, então saía aquele pessoal para fazer serviço naquele lugar, pegar gado, ou fazer cerca. Então, ia e acampava naquele retiro São Pedro. Então, a cada vez, a turma ia para um retiro. As vezes, ficava muito longe para voltar pra sede e aí, acampava lá. Fazia o serviço até terminar. Do São Luiz vinha pro Sucuri. Chegava lá a noite com o gado. Ai, trabalhava no outro dia inteiro. Ai, tinha que voltar pro retiro do São Luiz, ou pro São Pedro, voltava. Vaqueiro era assim também, direto nos retiros.¹⁰¹

A relação destes trabalhadores com estes retiros expressa forte relação entre Porto Limão e Descalvados. Sempre que entrevistei alguns destes narradores, vi neles um sentimento de voltar a trabalhar nesta fazenda. Parecem-me prontos para o retorno. E isto foi uma das questões que percebi nas narrativas de Pedro Cardoso,

Meu sonho era botar isto aqui tudo pra funcionar novamente como no tempo do Sr. Luiz Lacerda. Você pode vê, Libâneo, Sr. Eugênio, o finado Canuto, Jacarandá e outros que de vez em quando aparece por ai, tudo tem vontade de voltar a trabalhar aqui. Libâneo e Sr. Eugênio mesmo, moram aqui. Me ajudam a cuidar do resto que sobrou.

¹⁰¹ Ambos não mencionaram o Retiro do Sucuri, mas este espaço é rememorado por outros trabalhadores, como o Sr. Eurico Prudente, que ressalta ter sido este local muito importante no contexto da Fazenda Descalvados.

Carmo Lopes narra que sonha em retomar suas atividades como vaqueiro na Fazenda Descalvados, mas que:

Eu gostaria muito que eu pudesse voltar a trabalhar lá, mas não pode. Luiz Antônio que é o dono. Ele mesmo me falou: "ah, eu não tenho como pagar você. Você vai trabalhar e eu não terei como pagar você. Estou sem dinheiro". Já que não tem dinheiro a gente não trabalha.

Visualizei nestes trabalhadores desejo de regresso a este passado, talvez, memória saudade (. Eles não se deslocaram desta fazenda sem resistências, sem ressentimentos. Quando recordam Descalvados vêm à tona traços de si mesmos. Trajetórias de experiências, caleidoscópio de memórias.

É uma memória de continuidades como diria Woortmann (1998, p.104). Digo, ainda, também de descontinuidades, que atingem profundamente a percepção deles quanto a este espaço, segundo esta mesma autora, quando se refere à memória de rupturas.

Por isso, para mim, a memória que eles construíram sobre estes lugar/lugares é como se fosse um aparelho formado de um tubo que contém diversos espelhos dispostos, de um modo tal, que pequenas imagens coloridas, colocadas em seu interior, produzem desenhos variados, caleidoscópicos.

Porto Limão, para estes agentes históricos, que entrevistei, é uma extensão/replicação de muitas das práticas vividas por eles nesta charqueada. Alternadas entre o *vai e vem* das lembranças (esquecer/lembrar/saudade), das fronteiras de inclusão/exclusão, Limão é um espaço deles de (des)enraizamentos.

Na Festa de São João, em junho de 2008, observei que estes trabalhadores rememoram muitas das práticas da Festa de Nossa Senhora do Carmo (Padroeira da Descalvados), conforme eles mesmos me narraram nas entrevistas. Fátima Picolomini, organizadora desta festa diz que:

A Festa de São João é uma tradição que vem desde lá do Descalvados. Aqui é de São João. Lá de Nossa Senhora do Carmo. Meu pai fez promessa, porque minha mãe operou e os pontos dela

ficou aberto. Aí, minha tia ajoelhou na frente do andor. São João vinha no andor. Tá lá na casa do meu pai. É uma tradição aqui enfeitar o andor e carregar no ombro na procissão de São João. Minha mãe aprendeu lá no Descalvados. Só que lá o patrão dela fazia pra Nossa Senhora do Carmo. Ele era devoto dela. Assim, contava minha mãe.

Então, aqui nós fazemos esta festa por conta da promessa do meu pai. Minha mãe morreu, mas continua a festa, porque meu pai foi pégo pelo bicho do chão [cobra]. Todo ano a gente faz. Só não faz quando morre alguém, ou quando a festeira tá de resguardo. Em 2006, mesmo, quando a Sra. Veio, não fiz, porque tinha nascido minha menina caçula. Então, vem meus tios de Cuiabá. Meus parentes de Cáceres. Os compadres tudo, porque é uma festa muito grande. O parente aluga até ônibus.

A gente faz muita comida e churrasco é o prato principal e a cabeça de boi assada também. Igual minha mãe contava que o Sr. Luiz mandava matar 03 vacas pra fazer a festa pro povo. Ela contava que reunia aquele tanto de gente. Chegava gente dos retiros e o baile acontecia lá no colégio.

Sobre a Festa de Nossa Senhora do Carmo, realizada na Fazenda Descalvados, D. Rafaela Prudente lembra:

Fazia um bolo redondo com um arco no meio que era pendurado no altar da Santa. O curureiro tocava pra Santa. Depois todo mundo comia o bolo. Tinha churrasco pra todo mundo. A gente comia ele com uma bolacha de trigo, que a gente chamava ela de bosta de burro, por causa do jeito dela e do tamanho. Tinha aluá. O patrão ordenava que os festeiros tivessem muita fartura.

O Sr. Eugênio Batista conta que,

Nossa Senhora do Carmo foi colocada em uma casa de João-de-Barro [ele não sabe quem colocou], pra esconder ela do diabo.

Na festa de Nossa Senhora do Carmo tinha gente de todo lado: os amigos do Sr. Luiz Lacerda e vinha também os parentes do povo que trabalhava aqui. Chegavam moças de outras fazendas. O pessoal que trabalhava no retiro. Ai fazia o baile no colégio Maria Cléria. Tinha comida pra todo mundo. Preparava o corredor que é o osso da canela da vaca.

Assim, lembrar desta charqueada, sentir saudade e esquecer; promover festas (São João e Benedito); reunir parentes e amigos; manter redes de sociabilidades (vida e morte); enfrentar problemas de ordem do trabalho (ontem e hoje); sonhar em adquirir terras (permanecer nelas) tudo isto desperta nas

memórias deles recordações da Descalvados. Tendo em vista que a Descalvados tornou-se pertencimento a uma memória viva, como lembrança e esquecimento de um passado que é capaz de motivar/desmotivar atitudes do presente.

Considerações Finais

O que é o tempo? O tempo é uma ruminção inconclusiva, como fala Ricoeur. Com base nesta reflexão construí meus questionamentos sobre o tema aqui proposto. Instigada pelo diálogo empreendido em campo, embarquei numa chalana pelas águas turvas do Rio Paraguai, numa trajetória audaciosa e complexa.

Por que estes trabalhadores se auto-atribuem “descalvadiano puro” ou não? Constatei que Descalvados não é uma cidade, mas para eles é. E que de seus pontos de vista, Luiz Lacerda não é/era chefe administrativo, nem constituinte, nem prefeito, mas pai carrasco. Por tal motivo, sentimentos simultâneos de memórias: lembrar/esquecer/saudade.

Por que estes trabalhadores se auto-atribuem “descalvadiano puro” ou não? Levanto esta questão novamente, porque como um campo de possibilidades em aberto, ser “descalvadiano puro” pode ou não ter alguma relação com a questão geográfica. Enfim, minhas interpretações urgiram da transição do termo Campo do Escalvado para Descalvados. O ponto de discussão desta problemática está, portanto, ligado às denominações que esta região recebe, como discuti no capítulo V.

Agora, por que estes trabalhadores se auto-atribuem ou são atribuídos como “descalvadiano”? Os casamentos interétnicos permitiram aos trabalhadores de origem indígena criar laços com os chamados “gringos”, o que leva ao deslocamento daqueles que eram da turma da *galera* para a turma da *beira do rio*. Já o “descalvadiano puro” é um morador da *galera*. Neste caso, para negar sua descendência indígena, ele se auto-atribui e é atribuído como “descalvadiano puro”.

Penso, então, que a grande problemática desta tese se revela nas múltiplas noções de ser “crioulo. O “crioulo” é aquele que é nascido e criado nesta fazenda/região e se sente “descalvadiano puro” ou não. “Crioulo” é aquele que é criado sob a égide de Luiz Lacerda (pai/carrasco,

bondoso/saudoso), é também aquele que se sente crioulo. Como uma das possibilidades desveladas, é o aprendiz da Descalvados.

A carne de charque remete a um sentimento de saudade nestes trabalhadores – um possível encontro com o futuro. Por isto, o “*fim da matança*” marca a memória de grande parte deste grupo, senão de todos. O “*fim da matança*” significa o dispersar de grande parcela destes trabalhadores. É o entendimento deles que o registro da carteira de trabalho era ilegal, que a escola ‘Maria Cléria’ era fictícia. Mas esta carne é também expressão de tempo da família reunida, da carne em abundância, do emprego e da habitação. Por isto: lembrar/esquecer/saudade.

Interpreto aqui nesta tese um seqüencial de experiências temporais: farelo de carne, latinhas de carne, os três marcos de Rondon, a espera pelo sino, mas também a resistência ao sino (só se trabalhava quando este tocava). Havia uma espera, não da ordem, nem do horário, mas da vontade deles. Entre orelhas cortadas de alguns trabalhadores a título de exemplo, havia aquele que temia e aquele que não temia, seguia para outros rumos e não voltava. Por isto: lembra/esquecer/saudade.

Festa de Nossa Senhora do Carmo sinônimo de fartura? Tática. Festa de Nossa Senhora do Carmo sinônimo de fartura? Diferenças étnico-espaciais, turma da *galera*, turma da *beira do rio*, estratégia. Por isto: lembrar/esquecer/saudade.

Porto Limão, Cáceres e Descalvados é “entre-lugar” intersticial, no sentido de Bhabha. O interstício vem como uma passagem, um movimento presente de transformação, ou transposição, onde uma coisa não é mais ela mesma, mas não totalmente outra. Identificar-se como “descalvadiano puro” ou não nesta fronteira é um *entre-tempo*, porque mantém viva a feitura do passado (BHABHA, 2003, p. 350).

Para Ricoeur (1994, p. 321) o mundo da narrativa é sempre uma experiência temporal. Isto porque as interpretações das experiências presentes sempre estão no bojo das interpretações das experiências passadas, nas relações entre memória e história (Benjamin, 1994).

Finalizando, este trabalho trata da memória construída historicamente, em movimento. Senti-me angustiada por ter tido o privilégio de entrar em contato com inúmeras fontes, com as quais desejei trabalhar para problematizar meu objeto. Cadernetas de compras no armazém de coisas consumidas por visitantes estrangeiros, de gastos da casa grande em relação a esses “descalvadianos”. Fichas de compras deste estabelecimento em mercado de São Paulo (Casa Pica Pau). Cartões de empresas destinadas à venda de roupas, tecidos, brilhantina, xarope bronsil, calça jeans Vilajack, sandália Via Roma, sombrinha elegante, enfim, tantas fontes, que de muitas delas tive, aqui, que abrir mão.

Tal é a importância deste trabalho, sobretudo, para mim como pesquisadora: tais foram as inquietações que emergiram do meu anseio de interpretar as fontes aqui não trabalhadas, que penso na densidade de produção que delas ainda poderá surgir.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: histórias dentro da História. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). In: **Fontes Históricas**. – São Paulo: Contexto, 2005.

ANZAI, Leny Caselli. Missões religiosas de Chiquitos e a capitania de Mato Grosso. In: **Estudo sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidades** / organizadora Joana A. Fernandes Silva. – Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.

BANN, Stephen. **As invenções da História**. Assis, Ed. UNESP, 2000.

BARROZO, João Carlos (Org.). **Mato Grosso do sonho à utopia da terra.** / João Carlos Barrozo (Org.). Cuiabá: EdUFMT/Carlini & Caniato Editorial, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. - 7. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: **Lembranças de Velhos**. São Paulo, EDUSP, 1979.

_____. O tempo vivo da memória: **ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CABRAL, Octaviano. Histórias de uma Região: **Mato Grosso, Fronteira Brasil-Bolívia e Rondônia**. 1963.

CABRAL, Crisley Dayane de Oliveira & CARNIELLO, Maria Antônia. **Formas de uso medicinal da aroeira, *Myracrodreion urundeuva* Fr. All., em Porto Limão, Cáceres, MT**. In: IV Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal, Corumbá/MS, 2004.

CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da Silva. **Tradição e Ruptura: subsídios ao planejamento conservacionista, direcionando à pecuária e ao turismo, no Pantanal de Poconé – MT**. Dissertação de Mestrado em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá – MT, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo, Editora: Pioneira, 1976.

CASTORIADIS, Cornelius. Sujeito e verdade no mundo social-histórico: **Seminários 1938 – 1987; a criação humana I** / Cornelius Castoriadis; texto estabelecido, apresentado e editado por Enrique Escolar e Pascoal Vernay; tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**/Roger Chartier; tradução Luzmara Curcino Ferreira. – São Paulo: Editora UNESP, 2007.

COSTA, José Eduardo Fernandes Moreira da. O manto do encoberto – Territorialização e identidade dos Chiquitano. In: **Territórios e Fronteiras – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso**, vol. 3 n. 2 jul-dez/ – Cuiabá – MT, 2002.

_____. A formação do território Chiquitano. In: **Estudo sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidades** / organizadora Joana A. Fernandes Silva. – Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.

COSTA, Maria de Fátima G. (org.). **Percorrendo Manuscritos: entre Langsdorff e D’Alincourt**. – Cuiabá: Editora Universitária, 1993.

_____. **A história de um país inexistente: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII**. – São Paulo: Estação Liberdade: Kosmos, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Foucault** / Gilles Deleuze; tradução Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. – São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. Cine I: **Bergson y las imágenes**. Traducido por: Sebastián Puente y Pablo Ires.; – 1ª Ed. – Buenos Aires: Cactus, 2009.

FERNANDES, João Azevedo. Uma abordagem interétnica do casamento e da poliginia no Brasil Colonial Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a6-jfernandes.pdf>. Acesso em: 17/09/2010.

FERREIRA, Áurea Rita de Ávila Lima. **A teia do contar na Nhecolândia: a personagem lendária Mãozão**/ Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira. Dourados, MS: UEMS/UFMGD, 2009.

FIGUEIREDO, Aline. **A Propósito do Boi**. - Cuiabá: Editora da UFMT, 1994.

FONSECA, João Severiano da: **Viagem ao redor do Brasil: 1875 – 1878**. Edição comemorativa do sesquicentenário de nascimento do autor – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**/ Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Ética, sexualidade, política** / Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo e NOELI, Francisco Silva. **Pré-história do Brasil** / Pedro Paulo Funari e Francisco Silva Noeli – São Paulo: Contexto, 2006. 3. ed. – (Repensando a História).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Stella Bresciani e Márcia Naxara (orgs.). - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

_____. Walter Benjamin: **Os cacos da história**. Tradução: Sônia Salzstein. São Paulo: Ed. Brasiliense. 2ª edição, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. O saber local: **novos ensaios em antropologia interpretativa** / Clifford Geertz; tradução de Vera Mello Joscelune. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GINZBURG, Carlo. Em PALLARES - BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história**. Nove entrevistas. SP. Ed. UNESP, 2000.

_____. O queijo e os vermes: **o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição** / Carlo Ginzburg; tradução: Maria Betania Amoroso, - São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. O fio e os rastros: **verdadeiro, falso, fictício** / Carlo Ginzburg; tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história** / Organizadora Angela de Castro Gomes. – Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

HARRIS, Marvin. Bueno para comer: **enigmas de alimentacion y cultura**. Ed. Cast.: Alianza Editorial, S.A., Madrid, 2009.

JANUÁRIO, Elias Renato da Silva. **Caminhos da Fronteira: educação e diversidade em escolas da fronteira Brasil – Bolívia (Cáceres/MT)**. – Cáceres: UNEMAT Editora, 2004.

LISSOVSKY, Maurício. “Sob o signo do clic: fotografia e história em Walter Benjamin”, em FELDMAN, Bela (org.). **Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais**, Campinas: Papyrus, 1998.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Terra: memória, imagem e raízes da vida. Em Dossiê: **História Atlântica. Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História da UnB**. Brasília: UnB, vol. 12, n. 1 / 2, 2004.

_____. Narradores: vozes e poderes de diferentes pensadores. In, **História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral**. nº 5, junho de 2002, São Paulo, p. 45-70. Também em COSTA, Cléria B, da e MAGALHÃES, N. A. **Contar história, fazer História. História, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, p. 85-107.

_____. MATSUMOTO, Roberta K. e NUNES, José Walter. Memória e história oral: esquecimento e lembrança no movimento de identidades. Em **CADERNOS DO CEAM 15**. Oralidade e outras linguagens. Brasília: NECOIM/CEAM/UnB, dez. 2004, p. 93-102.

_____. **Marcas da terra, marcas na terra. Um estudo da terra como patrimônio cultural e histórico. Garantã do Norte, MT. 1984-1990**. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: FFLCH, USP, 1995 (no prelo, EDUNB, 2011).

MATOS, Olgária C. F. Os arcanos do inteiramente outro: **A Escola de Frankfurt, a melancolia, a revolução**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

_____. A rosa de Paracelso. In: **Tempo e história/** organização Adauto Novaes. – São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 2001.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e História interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996

MIGLIACIO, Maria Clara. Os Chiquitanos na Ocupação Pré-Colonial do Pantanal de Cáceres: um intrigante caso para investigação. In: **Territorialidades, Memórias e Identidades, ANPHU/MT**. Primeiro Encontro Regional de História: Cuiabá – MT, 2000.

MIRANDA, Guiliana. Embrapa tenta evitar extinção de raça de boi pantaneiro. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/809324-embrapa-tenta-evitar-extincao-de-raca-de-boi-pantaneiro.shtml>. Acesso em 13/10/2010.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da terã: **índios e bandeirantes nas origens de São Paulo** / John Manuel Monteiro. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória** / Antonio Torres Montenegro. – São Paulo: Contexto, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História & História Cultural**. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **República velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores**. Porto Alegre, Movimento / IEL, 1980.

PROENÇA, Augusto César. **Pantanal: gente, tradição e história** / Augusto César Proença. – 3. ed. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1997

PIETRAFESA DE GODOI, E. O Sistema do lugar: história, território e memória no sertão. In: Niemeyer, A.M. & Pietrafesa de Godoi, E.: **Além dos territórios**. Campinas, Mercado Letras, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, FGV, vol. 10, Rio de Janeiro, 1992.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** (tomo 1). Tradução Constança Marcondes César - Campinas, SP. Papirus, 1994.

ROOSEVELT, Theodoro. **Nas Selvas do Brasil**. Livraria Itatiaia Ltda. – São Paulo, 1976.

RONDON, Cândido Mariano da S. **Índios do Brasil do centro, noroeste e sul de Mato-Grosso**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos índios – Ministério da Agricultura, v. 1, 1936.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais. In: **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Stella Bresciani e Márcia Naxara (orgs.). - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes & outros. **Estudo das Comunidades indígenas na área de influência do Gasoduto Bolívia** – Mato Grosso, 1998.

_____. **Estudo sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidades /** organizadora Joana A. Fernandes Silva. – Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Tradução de Constança Marcondes César. São Paulo: Papirus, 1994.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Trad. De Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª Ed., reimpressão – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

WENDERS, Win. **A lógica das imagens**. Tradução de Maria Alexandre A. Lopes. Lisboa: Ed. 70, 1990.

WOORTMANN, Ellen F. Homens de Hoje, Mulheres de Ontém - Gênero e Memória no Seringal. In: **Anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da UCG**. Freitas, C. (org.). Goiânia: Editora UCG, 1998.

_____. Identidade e Memória entre os Teuto-Brasileiros: os dois lados do Atlântico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, nº 14, 2000.

ZONABEND, Françoise. **La mémoire longue: temps et histoires aus village**. Paris : PUF, 1980.

Revistas

Revista Globo Rural. Ano 1. N. 3. Reportagem de José Hamilton Ribeiro. Dezembro de 1985.

Dissertações e Teses

CARNIELLO, Maria Antônia. **Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alamedado e Campo Alegre, na fronteira Brasil - Bolívia, Mato Grosso, Brasil**. Tese de Doutorado em Botânica da Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro: [s.n.], 2007.

GALLETI, Lylia da Silva Guedes. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. Campinas, Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2000.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. **Território e Negócios na “Era dos Impérios”**: os belgas na fronteira oeste do Brasil. – Campinas, SP: [s.n.], Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia, 2005.

MIGLIACIO, Maria Clara. **O doméstico e o ritual: cotidiano Xaray no Alto Paraguai até o século XVI**. Tese de Doutorado - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NEIVA, Ivany Câmara. Imaginando a Capital: **Cartas a JK (1956 – 1961)**. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília, DF, 2008.

Fontes Impressas

Jornal do Brasil. Quinta feira, 09 de abril de 1891, p. 04.

Fontes Visuais

Documentário: O lado desconhecido do Pantanal. Produção e Direção de Sérgio Boldassarini Jr. Narração de Paulo Goulart, com participação especial de Lucélia Santos. Trilha sonora: Maestro Rafael Righini. Realização e distribuição: SBJ – Produções. Produção: 1990.

Documentos Escritos

Documentação relativa à incorporação da Brazil Land Cattle e Packing Company ao patrimônio nacional. Aide – Memoire (CPDOC/FGV. Ref. SC mfdg 1945.07.20).

Ofício de n. 51/A – 4, Da 4ª Zona Aérea enviado pelo Comandante Brigadeiro Anísio Botelho Brigadeiro, São Paulo, 14 de novembro de 1962.

Livro de Abertura de 22 de junho de 1945 (Registro de Compras) – Acervo Descalvados.

Livro Caixa sobre notas de Compra e Venda (n. 831 e 832 – 01 de junho de 1945). Acervo : Descalvados.

Livro de Registro de Caixa (Débitos e Créditos) – Folhas de n. 03 a 529, 02 de julho de 1945. Acervo : Descalvados.

Livro do Movimento da produção, do consumo e das Estampilhas (Banha e Graxa Bovina) – Exercício – 1943. Acervo : Descalvados.

Livro de Registro (Débito e Crédito) – Brazil Land Cattle e Packing Company – 1943. Acervo : Descalvados.

Guia de Estrutura Trabalhista N. 76, 1ª Via – Acervo : Descalvados.

Carteira de Acidentes de Trabalho do Instituto de Aposentadoria – I.A.P.I. – Cuiabá, 26 de setembro de 1959. Acervo: Descalvados.

Apólice de Seguro – N. 247.765.

Carteira de Acidente de Trabalho – I.A.P.I. do Instituto de Aposentadoria, 15 de outubro de 1962.

Formulário n. 76 – 1ª Via do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio – Departamento Nacional do Trabalho., Corumbá, 15 de outubro de 1962.

Cartão da Coletoria Estadual de Cáceres, sob Vendas e Consignações – 1945.

Cartão de Clínica Especializada das Doenças : Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta (27 de maio de 1963).

Cartão de agradecimentos e gentilezas a Luiz Lacerda encaminhado por Guilherme Vincensi – Caixa Postal, 7. Cáceres, MT., 1958.

Cartão de Gentileza enviado pelo Gabinete do Governador João Ponce de Arruda. – s/d.

Cartão de Votos de Natal – enviado por Ramão de Abreu a Luiz Lacerda – Cáceres, MT, 1958.

Cartão de Votos de Natal – enviado a Luiz Lacerda por Nelson Affonso Borges e Jussara Villela Borges, São Joaquim da Barra – SP, 1958.

Memorando – N. 467.777. Acervo : Descalvados.

Atestado Médico redigido por Luiz Alberto P. Figueiredo (cardiologista – clínica geral). Diagnóstico do quadro de saúde de Luiz Lacerda.- Corumbá, 9 de dezembro de 1981.

Diário de Registro do Cotidiano da Descalvados escrito por Hélio P. Campos (1987 a 1991).

Cartas e Telegramas

Carta endereçada a Luiz Lacerda por autor desconhecido, em 02 de março de 1960.

Carta de Luiz Lacerda a Aristides Ramos - Descalvados, 15 de dezembro de 1963.

Carta de Luiz Lacerda a Aristides Ramos - Descalvados, 04 de maio de 1965).

Carta a José Rondon enviada por Luiz Lacerda – Descalvados, 21 de abril de 1965.

Carta endereçada a Luiz Lacerda por Marcello, em 03 de agosto de 1960.

Carta endereçada a Luiz Lacerda por Idalina de Fátima (Sanatório Santa Izabel), 25 de fevereiro de 1959.

Carta endereçada a Luiz Lacerda enviada por Geraldo Damazio da Silva (Leprosário Santa Isabel) – Estação Mário Campos. s/d.

Carta a Luiz Lacerda enviada por Idelfonso Falcon - Salvador, 30 de janeiro de 1959.

Carta a Mario José Otávio Brandão Brant – enviada por Luiz Lacerda – Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1966.

Carta a Luiz Lacerda enviada por Aquilino de Alcantara – Cáceres, 04 de janeiro de 1959.

Carta a Luiz Lacerda enviada por Ana Cintra de Arruda – Cáceres, 13 de janeiro de 1960.

Carta a Luiz Lacerda enviada por Eduardo Ramos – Corumbá, 18 de junho de 1960.

Carta a José Ávila Cintra enviada por Luiz Lacerda – Cáceres, 03 de abril de 1963.

Carta a Luiz Lacerda enviada por Hélio P. Campos – Cáceres, 22 de fevereiro de 1960.

Carta a Luiz Lacerda enviada por Mons. Fr. Máximo Biennés do Bispado de São Luiz de Cáceres, 2/8/1960.

Carta a Luiz Lacerda enviada por José Lacerda – Cáceres, 4/6/1960.

Telegrama a Luiz Lacerda enviado por COVETE (Cooperação Técnica de Vendas), s/d.

Telegrama a Aristides Ramos enviado por Luiz Lacerda sobre Graxa. s/d.

Telegrama a Alice Lacerda enviado por Luiz Lacerda – Rio de Janeiro, s/d.

Telegrama a Aristides Ramos enviado por Luiz Lacerda – Cáceres, MT. 1958.

Entrevistas Orais

Amâncio Fernandes, 78 anos, aposentado (sambulhador), Porto Limão - MT, julho/2006.

Arildo José Farias, 51 anos, guia turístico, Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out. /2006.

Airton, 65 anos, vaqueiro (capataz), Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out./2006.

Benedita Picolomini, 67 anos, do lar, Cáceres - MT, jan. /2009.

Bonifácia Aquino, 76 anos, do lar, Cáceres - MT, julho/2006.

Bráulio Torres, 65 anos, aposentado (cozinheiro), Porto Limão - MT, julho/2006/jun./2008/jan/2009/jun.2010.

Carmo Lopes, 33 anos, vaqueiro, Porto Limão - MT, julho/2006.

D. Geni, 82 anos, aposentada, Porto Limão - MT, julho/2006/jun./2008.

D. Luzia, 52 anos, do lar, Porto de Limão - MT, julho/2005.

D. Maria Almeida, 59 anos, do lar, Corixa Grande - MT, julho/2005.

Ermenegilda de Oliveira, 59 anos, do lar, Porto Limão - MT, julho/2005.

Estevam Pereira (Bororo), 83 anos, aposentado (egueiro, tocador de Cururu), Cáceres - MT, julho/2005.

Eugênio Batista, 67 anos, aposentado (laçador), Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out./2006, jun. 2009.

Eurico Prudente, 50 anos, trabalhador braçal, Cáceres - MT, julho/2005/julho/2006.

Fátima Picolomini, 36 anos, do lar, Porto Limão - MT, julho/2005/julho/2006/jun./2008, jun.2010.

Feliciana Montech, 82 anos, do lar, Cáceres - MT, julho/2005.

Faustina Mendes, 68 anos, do lar, Cáceres - MT, julho/2005.

Francisca Aparecida, 34 anos, doméstica, Cáceres - MT, julho/2006.

José Leite, 83 anos, aposentado (carpinteiro), Cáceres - MT, julho/2006.

Jorge Torres, 63 anos, trabalhador braçal (matador), Cáceres - MT, julho/2006.

Jorge Fernandes, 79 anos, aposentado (soleador, vaqueiro), Porto Limão - MT, julho/2006.

José Bráz, 77 anos, aposentado (contador), Cáceres - MT, julho/2005/jan./2009.

José Villarvas, 75 anos, aposentado (comissário de boi), Porto Limão - MT, julho/2005/jan./ 2009.

José Almeida, 63 anos, trabalhador braçal, Corixa Grande - MT, julho/2005.

João Leite da Silva Freire, 79 anos, aposentado, Cáceres - MT, julho/2005.

Libâneo Lima, 42 anos, vaqueiro, Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out./2006/ junho/2009.

Márcio da Silva Villarvas, 16 anos, estudante, Porto Limão - MT, julho/2005/2006.

Maria Conceição Torres, 62 anos, aposentada, Porto Limão - MT, julho/2005/julho/2006/jun. /2008/jun. 2010.

Ovídia Alves, 64 anos, do lar, Porto de Limão - MT, julho/2006.

Pedro Cardoso, 49 anos, gerente da fazenda, Fazenda Descalvados - Pantanal de Cáceres - MT, out./2006/ jan./2009 em Cáceres - MT.

Rafaela Prudente, 83 anos, aposentada (lavadeira), Cáceres - MT julho/2005/jan./ 2009.

Sebastião Lagarto, 37 anos, operador de máquina (vaqueiro), Porto Limão - MT, julho/2006/jan./2008.

Sebastião Picolomini, 32 anos, piloto, Porto Limão - MT, jun. /2008/jan./2009.

Sebastião Torres, 72 anos, aposentado (despostador), Porto Limão - MT, julho/2006/jan. 2009.

Selma Torres, 32 anos, do lar, Porto Limão - MT, julho/2006.

Sr. Mário, 86 anos, aposentado, Porto Limão - MT, julho/2005.

Sofia Montech, 80 anos, do lar, Cáceres - MT, julho/2005.

Tomaz Aquino, 83 anos, aposentado (capataz), Cáceres - MT, julho/2005/julho/2006/jan./2009.